

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Miss Brasil Gay, polêmica na passarela
Eventos como instrumento de comunicação alternativa

Juiz de Fora
Dezembro de 2008

MARCELO CARMO RODRIGUES

Miss Brasil Gay, polêmica na passarela
Eventos como instrumento de comunicação alternativa

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção de grau de Mestre em
Comunicação Social na Faculdade de
Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Dr^a.Cláudia Regina Lahni

Juiz de Fora
Dezembro de 2008

Rodrigues, Marcelo Carmo

Miss Brasil Gay, polêmica na passarela: eventos como instrumento de comunicação alternativa / Marcelo Carmo Rodrigues. -- 2008.
148 f. :il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

1. Comunicação. 2. Turismo de eventos. 3. Homossexualidade. 4. Identidade. I. Título

CDU 316.77

MARCELO CARMO RODRIGUES

Miss Brasil Gay, polêmica na passarela
Eventos como instrumento de comunicação alternativa

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Dr^a. Cláudia Regina Lahni

Dissertação aprovada em 19/01/2009 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Cláudia Regina Lahni (UFJF) - Orientadora

Prof^a. Dr^a. Iluska Coutinho (UFJF)

Prof^a. Dr^a. Suzana de Araújo Gastal (Pontifícia Universidade Católica do RS)

Juiz de Fora
Dezembro de 2008

A toda a comunidade acadêmica da UFJF, que
me permite ver o mundo com outros olhos.

Agradecimentos

À minha orientadora Cláudia pela seriedade, competência e “injeções de ânimo”.
À minha família, que sempre me espera de braços abertos e sorrisos largos.
À minha turma de mestrado, pelo encorajamento e por termos construído juntos
algumas coisas que vão ficar para sempre.
Aos meus colegas de departamento, por me darem a possibilidade de continuarmos
construindo juntos.
Aos meus alunos, pelo aprendizado diário.
À UFJF, através da equipe do ICH, por manterem a “casa” em ordem.
Aos meus amigos, guardados sempre dentro do coração.
Aos professores do mestrado e à banca examinadora, pela possibilidade de discussão e
crescimento.
À Nossa Senhora do Carmo, que sempre olha por mim.
À Iemanjá, senhora das águas.

O tempo passa, eu aprendo e silencio agradecido. (Ney Mato Grosso)

Fazendo pesquisa me educo e estou me educando com os grupos populares – pesquisar e educar se identificam em permanente movimento. (Freire)

O que dá valor a uma viagem é o medo. É o fato que, num certo momento, quando estamos muito longe de nosso próprio país (...) somos defrontados com uma vaga sensação de medo, e um desejo, instintivo, de voltar à proteção de nossos velhos hábitos. Este é o objetivo mais óbvio de viajar. (Camus)

Tudo é uma questão de manter.
A mente quieta.
A espinha ereta.
O coração tranquilo. (Leila Pinheiro)

RESUMO

A partir de revisão bibliográfica sobre cidadania, identidades e turismo na contemporaneidade, o trabalho visa discutir os eventos como instrumento de comunicação alternativa. Para isso, parte-se da análise de momentos específicos da cobertura jornalística do Miss Brasil Gay, concurso de beleza que há 32 anos elege o mais belo transformista do Brasil na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Através da análise das narrativas e a aplicação da pesquisa participante aos estudos da comunicação, buscou-se demonstrar a hipótese de que, aos moldes do que vem acontecendo, também a comunicação de massa apresenta os homossexuais dentro de determinadas características historicamente estabelecidas. Discute-se o direito à comunicação na sociedade da informação, propondo que minorias sociais também têm direito à emissão no estabelecimento de processos dialógicos. Dentre os resultados, está o fato de poder vislumbrar melhores condições para a realização do evento e melhor qualidade de vida aos homossexuais. Além de descobrir novas angulações através das quais os estudos sobre cidadania, identidades e homossexualidade podem ser elaborados. A esses objetivos também se aliou a possibilidade de discutir os papéis desenvolvidos pela comunicação de massa na contemporaneidade, numa tentativa de modificar sua posição atual de estar sempre a reboque dos acontecimentos sociais, para estar à frente deles.

Palavras-chave: comunicação - turismo de eventos - homossexualidade - identidades - Miss Brasil Gay - Juiz de Fora (MG).

ABSTRACT

The present thesis aims to discuss the events as a means of alternative communication, taking into consideration the literature on citizenship, identity and tourism in the contemporary. For this, we start showing the analysis of specific moments of journalistic coverage of the Miss Gay Brazil, which is a beauty contest that elects the most beautiful of Brazil cross-dresser the city of Juiz de Fora (MG) over the past 32 years. By analyzing the narratives and the application of participatory research to studies of communication, we sought to prove the hypothesis that the mass communication also presents the homosexuals within certain characteristics historically established. It discusses the right to communication in the information society, proposing that social minorities also have the right to an active participation in the establishment of dialogues. Among the results, this work envisages the possibility of enhancing the conditions for the realization of the event and the quality of life for homosexuals. Besides it discovers new angles by which the studies of citizenship, identity and homosexuality can be refined. Finally this thesis also provided the opportunity to discuss the roles of mass communication developed by the contemporary, in an attempt to change its current position.

Keywords: Communication; Tourism of events; Homosexuality; Identities; Miss Brazil Gay; Juiz de Fora (MG).

GLOSSÁRIO DE TERMOS:

Arco-íris: A bandeira com as cores do arco-íris foi criada pelo americano Gilbert Baker e passou a ser usada como marca do movimento homossexual a partir de 25 de junho de 1978. Foi utilizada pela primeira vez no *San Francisco Gay Freedom Day Parade* com a intenção clara de simbolizar o orgulho gay. A primeira versão tinha mais duas barras que a versão atual, uma rosa-salmão e outra turquesa. A barra salmão acabaria por ser abandonada devido à dificuldade em encontrar tecido desta cor para produzir as bandeiras. Mais tarde foi abandonada a barra turquesa, por razões estéticas. Portanto, a bandeira do movimento gay foi criada com oito cores e a cada uma delas foi atribuído um significado: o rosa (sexualidade), o vermelho (vida), o laranja (poder), o amarelo (sol), o verde (natureza), o azul (arte), o índigo (harmonia) e o violeta (espírito). Das oito cores restaram apenas seis (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta) que hoje são reconhecidas oficialmente pelo International Congress of Flag Makers. A Parada de San Francisco continua a acontecer até os dias atuais e continua sendo uma das mais importantes do mundo. Em 2009, foi lançado o filme “Milk, a voz da Igualdade” que narra as histórias de Harvey Milk (primeiro candidato gay oficialmente eleito no estado da Califórnia, EUA) e do movimento gay nos Estados Unidos.

Barbies: Utilizado para descrever homossexuais masculinos ligados ao culto ao corpo.

Crossdresser: Homens que se vestem de mulher somente à noite, para eventos especiais.

Drag King: Lésbicas que se travestem de homem.

Drag Queen: Homens que se travestem de mulher, em ocasiões especiais. Abusam do visual, das cores, do exagero e veia cômica de suas personagens.

Expominas: Maior centro de convenções da região, situado às margens da BR-040 – região norte da cidade de Juiz de Fora. Inaugurado em 2006, é administrado pelo estado de Minas e CODEMIG.

Gay Power: Grito de guerra proferido pelos homossexuais (durante a invasão pela polícia ao bar Stonewall (Nova York, 27 de junho de 1969, símbolo do movimento gay), relacionado ao empoderamento que os gays passaram a ter partir daquela data. Em uma tentativa de traduzir a expressão para o português podem ser incluídas declarações como “Sou bicha e me orgulho” e “Eu gosto de rapazes”.

Gayfriendly: Refere-se a políticas, pessoas ou instituições que trabalham ativamente para criar e desenvolver ações em benefício da comunidade GLBT. É expressão típica da segunda metade do século XX nos Estados Unidos da América e passa a ser usada quando houve gradual revisão dos direitos dos homossexuais, sua aceitação nas Forças Armadas, em diferentes postos de trabalho e nas escolas, além da inclusão dos hábitos *gays* e lésbicos no mercado de consumo.

Guei: Termo cunhado pela desembargadora do Rio Grande do Sul, Maria Berenice Dias, mas utilizado em boa parte da obra do João Silvério Trevisan e outros estudiosos do assunto, que comungam da idéia de que as relações homossexuais são movidas pelo afeto.

Infra-estrutura: Entende-se o conjunto de obras e instalações de estrutura física e de serviços indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística. Consulta eletrônica: <http://www.turismo.gov.br> em 10/10/2007.

Leathers: O jornalista André Fischer (2008, p. 13) define os *leathers* como sadofetichistas que usam couro e se atraem por outros que também usam couro.

Lei Rosa: Lei nº 9.791, também conhecida como Lei Rosa. Projeto aprovado em 12 de maio de 2000, pela Câmara dos vereadores de Juiz de Fora, depois de debates coordenados pela equipe do MGM e pelo então vereador Paulo Rogério, autor da lei. Considerada uma das mais modernas na luta pelos direitos dos homossexuais, a Lei Rosa inspirou aprovação de projetos semelhantes em 76 cidades de quatro estados, incluindo Minas Gerais.

Não-lugares: Como não é nosso objetivo prosseguir na discussão sobre não-lugares, optamos pelas definições de Carlos (2001, 26) ao definí-los como um local sem autenticidade, pois “longe de se criar uma identidade produz-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida”, onde tudo é destituído de naturalidade e “tudo se volta para o espetáculo porque [...] é ele próprio mercadoria”.

Pink Money: Referência ao dinheiro gasto com turismo pelos homossexuais.

Rainbow Fest: Festival Arco-Íris.

Siliconadas: Homossexuais que passam por aplicações de silicone e intervenção cirúrgica estética.

Sui Generis: Revista destinada ao público homossexual, projeto do jornalista Nelson Feitosa. Sua circulação se deu entre os anos 1994 a 2000, com publicação de uma média de 70 edições e tiragem, nas últimas edições de 20 mil exemplares – que não foram suficientes para manter o projeto. Outro fato que determinou o fechamento da revista foi o “sumiço” dos patrocinadores. Daí, o fechamento da revista.

Superestrutura: Refere-se à complexa organização que permite harmonizar a produção e a venda dos diferentes serviços turísticos, compondo-se das instituições públicas e privadas que exploram os equipamentos, a infra-estrutura de apoio, o processo e comercialização do produto turístico. Consulta eletrônica: <http://www.sindegtur.org.br/2006/glossario.asp> em 10/10/2007.

T-gatas: Sinônimo de travestis.

T-lovers: Homossexuais masculinos, com aparência masculinizada que têm prazer somente com travestis.

SIGLAS:

ABEOC: Associação Brasileira das Empresas de Eventos.

AIDS: Acquired Immunodeficiency Syndrome (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - SIDA).

CEMIG: Centrais Elétricas de Minas Gerais.

COMPPAC: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural. Atualmente, de acordo com dados do site oficial da Prefeitura de Juiz de Fora, a cidade possui quatro Registros Imateriais: O apito do meio-dia; a banda Daki; o batuque afro-brasileiro de Nelson Silva e Miss Brasil Gay (tombado em 14/08/2007, de acordo com o projeto de lei assinado pelo prefeito Alberto Bejani).

COMPPAC: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural.

DST's: Doenças sexualmente transmissíveis.

EMBRATUR: Instituto Brasileiro de Turismo.

GGB: Grupo Gay da Bahia.

GLBT: Gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

HIV: Human Immunodeficiency Virus.

ICCA: International Congress & Convention Association.

IGLTA: International Gay and Lesbian Travel Association.

LGBT: A partir da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais realizada em Brasília entre 04 e 08 de junho de 2008, a sigla usada para a representação do grupo deverá ser LGBT e não mais GLBT, de acordo com matéria publicada no site: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL593295-5598,00MOVIMENTO+GLBT+DECIDE+MUDAR+PARA+LGBT.html>, com acesso em 08 de junho de 2008.

MGM: Movimento *Gay* de Minas – Juiz de Fora/MG: organização não-governamental, que cuida dos direitos dos homossexuais. Site oficial: www.mgm.org.br.

OMS: Organização Mundial de Saúde.

OMT: Organização Mundial do Turismo.

ONU: Organização das Nações Unidas.

OPEP: Organização dos Países Exportadores de petróleo. Atualmente os países que compõem a OPEP são: Angola, Argélia, Líbia, Nigéria, Venezuela, Equador, Arábia Saudita,

Emirados Árabes Unidos, Irã, Iraque, Kuwait, Katar, Gabão, Gabão. A OPEP foi criada em 1960, sendo utilizada como a forma dos países produtores de petróleo garantirem seu lucro, tendo em vista que os países compradores exigiam que os preços diminuíssem.

PP: Pesquisa Participante.

SETUR: Secretaria de Turismo de Minas Gerais.

SPSS: Statistical Package for the Social Sciences.

SWOT: A Análise SWOT é uma ferramenta utilizada para fazer análise de cenário (ou análise de ambiente), sendo usado como base para gestão e planejamento estratégico de uma corporação ou empresa, mas podendo, devido a sua simplicidade, ser utilizada para qualquer tipo de análise de cenário, desde a criação de um *blog* à gestão de uma multinacional. O termo SWOT é uma sigla oriunda do idioma inglês, e é um acrônimo de Forças (Strengths), Fraquezas (Weaknesses), Oportunidades (Opportunities) e Ameaças (Threats).

UFJF: Universidade Federal de Juiz de Fora.

WTTC: World Travel e Tourism Council.

SUMÁRIO:

1INTRODUÇÃO

14

2CIDADANIA, MINORIAS SOCIAIS E IDENTIDADES: NOVOS DISCURSOS PARA O SÉCULO XXI

19

2.1HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL: RECONSTRUINDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

21

2.2MINORIAS SOCIAIS: MUITO ALÉM DE TERRA, CREDO OU LÍNGUA

29

2.3IDENTIDADES: SOMOS, ESTAMOS, TEMOS?

38

2.4 IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS

47

3TURISMO: VONTADE DE IR, PRÁ SEMPRE RETORNAR

50

3.1TURISMO DE EVENTOS

56

3.2MISS BRASIL GAY: 32 ANOS DE LUXO, GLAMOUR E LUTA

61

3.3MISS BRASIL GAY E DESTINOS TURÍSTICOS *GAYFRIENDLY*

74

4 DIREITO À COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

79

4.1 ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA: O MISS GAY ESTÁ NAS BANCAS

88

4.2 ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA

117

5 PESQUISA PARTICIPANTE: AGORA SOMOS TODOS SUJEITOS

119

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

135

7 REFERÊNCIAS

139.....

8 ANEXOS

142.....

1 INTRODUÇÃO

Instrumento de revisão do conhecimento e transformação da sociedade: é assim que entendemos a pesquisa científica. Poderíamos ter adotado diferentes caminhos para abordar cidadania, identidades, comunicação, homossexualidade e turismo de eventos. Porém, mais que olhar para um microcosmo, estivemos dentro dele para pesquisar, escrever e transformá-lo - aplicando prática à pesquisa acadêmica, com retorno para a comunidade pesquisada. A partir da cobertura jornalística do Miss Brasil Gay, percebemos o quanto essa figura poliédrica cidadania-comunicação-identidades-homossexualidade-turismo é campo fértil para discutir o direito à comunicação e identidades das minorias sociais no Brasil, por um caminho transversal: a realização de um concurso de beleza que elege o mais belo transformista do Brasil e se desenvolve concomitante à organização do movimento homossexual brasileiro.

Na contemporaneidade, a comunicação passa a exercer poder sobre as diversas esferas do comportamento e da vida humana, muitas vezes procurando (re)definir o contorno das diversas identidades. A construção do pensamento na contemporaneidade permeia os processos de comunicação: ao mesmo tempo que apresentam fatos, encobrem uma série de outras nuances que a informação jornalística não consegue desvendar, revelar ou se interessar.

Atualmente, as identidades não podem mais ser percebidas apenas pelas fronteiras geográficas, mas também devem ser estudadas levando em conta os contornos culturais e as questões étnicas, religiosas e relacionadas à posse da terra - que ainda atingem grandes proporções, continuam matando e ferindo pessoas em todo o mundo.

Assim como os vários grupos sociais nos quais se fractalizou a sociedade contemporânea, há várias “tribos” que compõem as identidades homossexuais e comungam

de uma visibilidade nunca vista. Em contraposição, poucas vezes vimos tantos assuntos polêmicos permearem a (re)apresentação dos homossexuais: Bernardinho não beijou Carlão¹; ainda haverá outros shoppings para a Rede Globo explodir²; outros sargentos poderão ser desertados³; a sargento Fabiana é reintegrada à corporação após operação de mudança de sexo⁴; a I Conferência GLBT do Brasil muda sua sigla para LGBT; *gangs* são presas em São Paulo acusadas de espancar homossexuais.

A contratação deste pesquisador como “consultor de administração e marketing do Miss Brasil Gay” a partir de 2006, os conhecimentos adquiridos no mestrado em comunicação pela Faculdade de Comunicação (Facom/UFJF) e a revisão bibliográfica que vem sendo implementada, possibilitaram a consecução dessa dissertação. Houve três fatores decisivos na escolha do tema: as discussões sobre identidades; os 32 anos de cobertura jornalística do evento, com mudanças na angulação das matérias; e as novas discussões propostas por essa pesquisa.

A pesquisa participante é a metodologia adotada por entendermos que, de acordo com seus pressupostos, o pesquisador deve encontrar-se bastante envolvido com o objeto, propondo ações que possam modificar a situação atual. Nos dois anos pelos quais se estendem essa pesquisa, pudemos elencar modificações importantes no evento, no seu contexto e,

¹ Referência à relação homossexual vivida pelos atores Thiago Mendonça (Bernardinho, homossexual assumido) e Carlão (Lugui Palhares, machão estereotipado) na novela **Duas Caras**, da Rede Globo de Televisão. A novela é de autoria de Aguinaldo Silva, foi ao ar no horário nobre, entre 01 de outubro de 2007 a 31 de maio de 2008, totalizando 210 capítulos.

² Referência à novela **Torre de Babel**, da Rede Globo de Televisão, onde duas personagens são mortas (vivas por Cristiane Torloni e Sílvia Pfeifer) em explosão de shopping. **Torre de Babel** foi exibida no horário das 20 horas pela Rede Globo; escrita por Sílvia de Abreu, Alcides Nogueira e Bosco Brasil e dirigida por Denise Saraceni, José Luiz Villamarim, Carlos Araújo e Paulo Silvestrini. Apresentou 203 capítulos que foram ao ar entre 25 de maio de 1998 a 16 de janeiro de 1999. A emissora alega que o fato foi devido à pressão popular contra o amor lésbico – vivido pelas duas personagens.

³ Referência ao sargento Laci Marinho de Araújo considerado desertor pelo Exército Brasileiro ao assumir seu relacionamento com o também sargento Fernando Alcântara de Figueiredo. O fato ocorreu em 14 de abril de 2008 e até hoje continua em tramitação.

⁴ Referência à sargento Fabiane de Barros Portela, 28 anos, nascido Fabiano e que em março de 2008 fez cirurgia para mudar de sexo. Antes da operação o sargento Fabiano servia na ala de enfermagem do 17º Batalhão Logístico de Juiz de Fora (MG), subordinado ao Comando Militar do Leste, que cobre Rio, Minas e Espírito Santo. Após discussões nos Tribunais do Exército a sargento foi reintegrada à corporação.

principalmente, nas discussões sobre o tema: as diversas configurações das identidades, a ampla discussão a respeito das fronteiras entre igualdades e diferenças, bem como sobre espaços de interseção entre essas duas estruturas, que por tão diferentes estão tão próximas, unidas e em constante interação. Imbricamos em um emaranhado de símbolos, identidades, preconceitos, pré-conceitos, que compõem o universo da homossexualidade e, por consequência, das identidades LGBT.

No que se refere à homossexualidade, para a elaboração dessa dissertação iremos considerar, em grande medida, a obra de João Silvério Trevisan - psiquiatra, escritor, jornalista atuante, um dos fundadores do movimento *guei* no Brasil e do jornal *O Lampião da Esquina*, no ano de 1976. Abusamos do uso de fotografias por estarmos tratando de análise de narrativas e julgamos fundamental o acesso ao material pesquisado.

No segundo capítulo, visamos reconstruir o desenvolvimento da cidadania brasileira relacionando-a com os direitos dos homossexuais no Brasil, a partir do início do século XVI. Implementamos também revisão bibliográfica a respeito das identidades e das identidades homossexuais.

O terceiro capítulo apresenta uma análise do desenvolvimento do turismo em sua fase capitalista, com ênfase à segmentação e profissionalização do setor. Discutimos turismo *gay* e como a cidade de Juiz de Fora (MG) vem se organizado para receber os turistas que visitam a cidade para a Semana *Rainbow*.

A partir de uma revisão bibliográfica sobre direito à comunicação na sociedade da informação, o quarto capítulo se estrutura. Nesse momento, é analisada a cobertura jornalística do Miss Brasil Gay por jornais locais, com base nos anos de 1978, 1988, 1998 e 2008. A análise do período selecionado visa testar a hipótese de que os homossexuais, ao longo dos últimos 30 anos, vêm sendo percebidos como sujeitos invisíveis, exóticos, consumidores e mais recentemente como cidadãos, com suas identidades diversas e fluidas.

Devemos informar sobre as dificuldades nessa etapa, uma vez que o material não encontra-se organizado ou em acervos. O acesso só foi possível através da “garimpagem” em caixas que pertencem ao organizador do evento, Francisco Mota, ou aos frequentadores do evento, Houve também pesquisa junto à Biblioteca Municipal Murilo Mendes, onde pudemos constatar que não há nada alusivo a alguns anos, não tendo esses sido registrados pela mídia.

Pesquisa participante aliada às observações e contribuições deste pesquisador à realidade do evento Miss Brasil Gay são os temas abordados no capítulo quatro. Partimos de estudos sobre pesquisa participante aplicada à comunicação social para atuarmos na realidade do evento, almejando modificar a percepção das pessoas sobre o evento e a comunicação subliminar nele contida.

Diante do exposto, devemos ressaltar que o objetivo principal do trabalho é apresentar os eventos como ferramenta de comunicação alternativa para grupos que não têm acesso aos meios de comunicação como emissores. Propomos que os eventos sejam mais (e de melhor forma) utilizados como possibilidade de comunicação para grupos minoritários, sendo avaliados pelo seu potencial de emissão de informações, visando uma nova definição de espaços sociais ao possibilitarem a ampliação da luta por direitos.

Entretanto, enquanto elaboramos essa dissertação, as discussões sobre identidades homossexuais se ampliam e modificam-se, com ganhos (novas leis propostas, revisão do regime de adoção de crianças no Brasil, discussão sobre união civil) e perdas (de acordo com o Grupo Gay da Bahia, o número de homossexuais assassinados no Brasil ainda é recorde no mundo, assim como também é grande o número de casos de homofobia e crimes de ódio). Tudo o que está posto aqui rapidamente deixa de ser atualidade, direção a ser tomada, caminho a ser seguido. Porém, maior que essa preocupação é ser “ator social” na construção de novas categorias de pensamento para a questão do direito à comunicação, assim como

também contribuir para futuras discussões sobre cidadania, identidades, homossexualidade e turismo.

Aliado às discussões sobre Miss Brasil Gay, o trabalho busca novas angulações para a percepção das identidades homossexuais. Por trás dos rótulos estabelecidos ao longo do tempo, onde homossexuais são vistos sob as mesmas características, percepções e interesses, há um universo rico em símbolos, signos e significados. Atrás de cada sujeito que se “produziu” da melhor maneira possível e se dispôs a concorrer ao título do mais belo transformista do país há seres humanos clamando para serem reconhecidos na sua diversidade, procurando fazer valer o princípio de que todos devemos ser respeitados inclusive na diversidade. Quando homens se vestem de mulher, o que realmente eles querem dizer? Por que homens não podem se vestir de mulher? Como responder à afirmação de um(a) candidato(a) quando, ao ser entrevistada responde, “tem que ser muito homem para estar aqui”?. Ficam as perguntas, ficam as indagações e o intuito de estar contribuindo para um mundo melhor e uma sociedade mais justa. Esperamos alcançar nossos objetivos.

2 CIDADANIA, MINORIAS SOCIAIS E IDENTIDADES: NOVOS DISCURSOS PARA O SÉCULO XXI

A análise de conceitos que procuram definir cidadania, em nível mundial, ganha contornos muito amplos. De acordo com Meksenas (2002, p. 21), “as concepções acerca da cidadania se tecem por múltiplas significações e se apresentam como um dos temas mais complexos nas ciências sociais”. Por isso, optamos por reconstruir o desenvolvimento da cidadania brasileira relacionando-a com o desenvolvimento dos direitos dos homossexuais no Brasil, a partir do século XVI. Para o teólogo Leonardo Boff (2000, p. 53), cidadania é

o processo histórico-social que capacita a massa humana a forjar condições de consciência, de organização e de elaboração de um projeto e de práticas no sentido de deixar de ser massa e de passar a ser povo, como sujeito histórico plasmador de seu próprio destino.

Em seu livro “Comunicação nos movimentos populares”, a pesquisadora Cicilia Peruzzo (1999, p. 279) faz referência à obra de Pedro Demo para definir cidadania como

a qualidade de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. Trata-se de uma das conquistas mais importantes na história. Do lado dos direitos, repontam os ditos direitos humanos (...) cuja conquista demorou milênios. (...) No lado dos deveres, aparece sobretudo o compromisso comunitário de cooperação e responsabilidade. Cidadania pressupõe o estado de direito, que parte, pelo menos na teoria, da igualdade de todos perante a lei e do reconhecimento de que a pessoa humana e a sociedade são detentores inalienáveis de direitos e deveres.

Entretanto, os estudos a respeito de cidadania não podem deixar de fora a intrínseca relação que há entre seu exercício e o sistema jurídico de um país. Para Bajer (2002, p. 7), cidadania deve ser definida como “o vínculo jurídico e político entre o sujeito e o Estado que confere, a ambos, direitos e deveres”. Segundo a mesma autora, a partir do

momento em que o Brasil passa a constar nos mapas geográficos, a colônia herda de Portugal um sistema jurídico já estabelecido, que recebe o nome de Ordenações Filipinas, que vigoraram a partir de 1603 (Bajer, 2002). Após mais de 300 anos, somente em 1822, com a independência do Brasil, podemos começar a falar de cidadania brasileira. Para Bajer (2002, p. 19),

Após a independência, em 1822, criou-se a possibilidade de o Brasil formar ordenamento penal e processual próprio. A liberdade era esperada há muito tempo. A consciência nacional inspirada por dificuldades sociais e econômicas e por ideais humanistas revolucionários na Europa e na América do Norte estava em formação no Brasil. O absolutismo já não estava de acordo com os novos tempos.

Da Constituição de 1824, outorgada pelo Imperador D. Pedro I, à Constituição promulgada em 1988, percebemos uma grande revisão dos direitos civis brasileiros. Para uma definição atual de cidadania no estado brasileiro podemos observar o pensamento de Dalmo Dallari ”(2002, p. 14) que a definiu como

“um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social”.

Assim, dada a importância de participar e influir na vida em sociedade, o jurista conclui que “por extensão, a cidadania pode designar o conjunto das pessoas que gozam daqueles direitos” (2002, p. 14). De acordo com Lahni (2005, p. 37),

o desenvolvimento dos direitos humanos passou por três fases: inicialmente afirmaram-se os direitos de liberdade, com o objetivo principal de limitar o poder do Estado e proteger o indivíduo; depois foram propugnados os direitos políticos, visando à participação da comunidade no poder; por último foram proclamados os direitos sociais, que buscam garantir uma igualdade de bem-estar para as pessoas.

Logo, podemos concluir que o exercício da cidadania se baseia na existência mínima dessas três vertentes do direito: direitos civis, políticos e sociais. Ao dar prosseguimento à discussão, Bajer (2002, p. 53-54) escreve que

Na Constituição, estão escritos os nossos direitos civis (liberdade, manifestação de pensamento, propriedade), políticos (votar, ser votado, participar da vida política) e sociais (educação, assistência social, saúde, trabalho). A cidadania, vínculo jurídico entre o indivíduo e o Estado, compreende todos esses direitos e proporciona seu livre e consciente exercício.

Porém, mais importante que refazermos toda a história dos direitos civis, políticos e sociais do Brasil, é relacioná-los à história da homossexualidade, relatando alguns momentos marcantes da formação da sociedade brasileira. De uma literatura reduzida, elencamos a seguir fatos históricos que julgamos importantes para a compreensão do tema, relacionando-os às identidades homossexuais.

2.1 HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL: RECONSTRUINDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

No período que antecede a chegada da colonização, a cidadania brasileira (como sucessão de direitos, deveres e características juridicamente definidas) ainda não pode ser considerada, uma vez que a população brasileira era formada por indígenas nativos que possuíam seus direitos e deveres regulados por outras normas, diferentes das atuais.

A partir do século XVI, inicia-se o processo de colonização européia que perdura até o século XIX. De acordo com Bajer e com relatos de pesquisadores que visitaram o Brasil colonial, a sociedade brasileira se apresentava bastante diferente da atual, com características

diversas: machista, gregária e regida por preceitos religiosos. Atualmente, com o país ainda vive consideráveis processos de migração interna, imigração e emigração e por sofrer com dificuldades de acesso à educação, à saúde e a todo tipo de assistência, podemos considerar que a cidadania brasileira ainda encontra-se em processo de construção.

Trevisan relata, em *Devassos no Paraíso* (2007), que a homossexualidade era prática comum nas comunidades indígenas que povoaram o Brasil, antes da chegada dos colonizadores. Havia meninos criados como meninas (fazendo trabalhos considerados femininos), com espaços destinados somente para a convivência entre homens, sendo permitidos afagos e carinhos em público, além de uma série de gestos e rituais que apontam para uma diferente relação com a homossexualidade. Na mesma obra, o autor escreve sobre a possibilidade de ainda existirem tribos indígenas (com pouco contato com a civilização branca) que vivenciam até os dias atuais a prática homossexual. Segundo o mesmo autor, “prestigiosos antropólogos e pesquisadores da atualidade reportaram a ocorrência de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, como um componente cultural de muitas tribos brasileiras” (Trevisan, 2007, p. 216). Motivado pelo fato de as relações homossexuais serem prática aceita entre os índios, o autor defende a idéia que a homossexualidade é importante componente a ser considerado na formação do “caráter brasileiro”.

A partir de 1.500, com a chegada dos colonizadores, começa a haver uma preocupação com os direitos e deveres da população. Nos primeiros séculos ainda vigoravam os direitos canônicos, com a Igreja definindo normas e procedimentos. Depois vieram os direitos afonsinos – ainda muito relacionados à Igreja. Uma prova disso é que nos séculos XVII e XVIII o Brasil recebe a visita da Inquisição Portuguesa por várias vezes, que aplicou uma série de penas – das mais brandas às mais terríveis –, destacando-se as severas penas aplicadas aos casos de homossexualidade. Relacionado a esse período, Trevisan descreve casos de homossexualidade feminina como o de Madalena Pimentel, viúva de 46 anos, que

confessou ao Tribunal da Inquisição Portuguesa que “dos nove aos onze anos de idade manteve ‘amizade tola e de pouco saber’, várias vezes, com outras meninas de sua idade ou pouco mais velhas, ‘ajuntando seus vasos’, alternativamente, ora uma debaixo, ora de cima” (Trevisan, 2007, p. 142). Sobre homossexualidade masculina nessa época, Trevisan cita casos que envolvem brancos (funcionários públicos, ricos, pobres), negros e índios. Como exemplo, o caso do índio Joane que “tornara-se publicamente conhecido como homossexual:

além de fazer o pecado nefando com muitos outros (...) usando de fêmea, ora particularmente está com o índio Constantino, amancebado como se foram homem com mulher, servindo o dito Joane de mulher e o dito Constantino de homem” (Trevisan, 2007, p. 143).

A partir do século XVIII, a Revolução Industrial se iniciou na Europa e novos ventos de modernidade e avanço tecnológico alcançam algumas colônias ao redor do mundo e começam a insurgir movimentos de independência – muito deles movidos pelo lema iluminista francês *liberté, fraternité, égalité*, com grande desejo de liberdade e muito preocupados com os Direitos Humanos.

Para Green e Polito em *Frescos Trópicos* (2006), são muito poucas as publicações sobre homossexualidade no Brasil Império, a maior parte delas escritas no século XIX, sempre relacionadas à medicina, condenando a prática homossexual e lhe conferindo responsabilidade pelo avanço da sífilis e outras doenças. Conforme os mesmos autores, naquela época a prática homossexual recebia diversos nomes pejorativos como “uranismo” ou “sodomia” ou ainda “sexo sujo”. Em 1895, é publicado *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, considerado o grande mito da literatura relacionada com o homoerotismo (...) no qual apareceu, pela primeira vez na literatura brasileira, um protagonista negro e homossexual (Trevisan, 2007).

O século XIX é o período do higienismo, com grande preocupação com a saúde pública e com as relações extra-conjugais, que são baseadas no prazer e, por isso, põem em

questionamento o casamento, ao mesmo tempo em que se procurava delimitar os papéis sexuais. Conforme Trevisan (2007, p. 175-177),

A nova ordem que a normatização higiênica instaurou utilizava o cientificismo para exercer um *controle terapêutico* que substituiu o antigo *controle religioso*. Ao se distanciar progressivamente do universo da lei (secular ou religiosa), a ideologia higienista colocava seus referenciais no terreno da norma científica. Agora, os cidadãos deviam menos obediência a Deus do que ao médico. E, em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão da normalidade. Por essa brecha é que a psiquiatria pôde entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com prática sexual considerada desviante.

Masculinidade e feminilidade se identificam com paternidade e maternidade, respectivamente. Tudo o que fugisse a esse padrão regulador era anormal. A partir daí é que os médicos condenavam insistentemente os libertinos, celibatários e homossexuais, tidos como cidadãos irresponsáveis e adversários do bem-estar biológico-social, à medida que desertavam do supremo papel do homem-pai.

Portanto, durante o século XIX e primeira metade do século XX, podemos citar as observações do médico Viveiros Castro (*apud* Trevisan, 2007, p.179), que escreveu sobre as causas que podem levar à “anomalia homossexual”, que para o doutor pode ser assim descrita:

loucura erótica, resultante de psicopatias sexuais em pessoas mentalmente alienadas; falhas no desenvolvimento glandular, provocadas pela hereditariedade; vida insalubre, alcoolismo ou excesso de onanismo; e outras circunstâncias favoráveis à aquisição do vício, tais como prisões, velhice e impotência. (...) Os homossexuais sofrem de uma alteração psíquica chamada ‘efeminização’, cujo quadro comportamental era assim apresentado: ‘Têm como as mulheres a paixão pela *toilette*, dos enfeites, das cores vistosas, das rendas, dos perfumes...

Durante a primeira metade do século XX, as publicações às quais Green e Polito (2006) tiveram acesso têm objetivo de informar a respeito de homossexualidade, foi escrita por profissionais ligados à medicina – com predominância de textos redigidos por médicos - e quase sempre condenam a prática homossexual. *Homossexualismo*, de autoria de José Ricardo Pires e publicado em 1906, relatava assim a “prática uranista”,

Até dez anos passados, os uranistas entregavam-se aos prazeres lúbricos em hospedarias, em casas de alugar quartos por hora, ou em domicílio próprio, sendo todos esses lugares de *rendez vous* mais ou menos conhecidos pela polícia, toleradora do exercício de libertinagem masculina, que tão afrontosamente campeava frente erguida à luz do sol e ao sombrio da noite. (Green e Polito, 2006, p. 30-31).

Um exemplo de como a homossexualidade foi tratada no Brasil durante a primeira metade do século XX é o caso de Febrônio Índio do Brasil, considerado pelas autoridades policiais da época como “louco moral” e detido por vários delitos – entre eles o assassinato um menor-, além de várias outras passagens pela polícia. Tudo estaria dentro das normas, caso a prisão não tivesse acontecido no ano 1927 e o “príncipe do fogo” tivesse sido mantido preso no mesmo manicômio até o ano de 1984. Ou seja, Febrônio passou 57 anos de sua vida recluso – o que, no mínimo, contraria a lei brasileira, além de todos os abusos aos quais foi submetido até morrer na cadeia.

A partir da segunda metade do século XX, o movimento homossexual começa a se organizar em parte do mundo, tendo como marco inicial a cidade de Nova York, nos Estados Unidos da América. A noite de 28 de junho de 1969, poderia ter sido mais uma em que a polícia invadiria o bar *Stonewall*, freqüentado exclusivamente por homossexuais, com reiteradas investidas de violência contra o público presente. Entretanto, naquela noite o público presente enfrentou os policiais, resistiu à prisão, defendeu os travestis que estavam sendo presos. A data é considerada em todo o mundo o “Dia do Orgulho Gay”, por várias mudanças terem acontecido a partir daquele fato. A leitura que hoje se faz é de naquele dia nasceu a noção de empoderamento (político, social, comportamental) que os gays passavam a buscar. De acordo com o site Mix Brasil⁵, naquele momento histórico

tudo havia mudado. A partir daquele dia, aqueles gays, lésbicas e travestis sacaram que nunca iriam ser aceitos pela sociedade se ficassem apenas esperando e dependendo da boa vontade da sociedade. A rebelião mostrou a eles que a atitude que deveria ser tomada era a do enfrentamento. O discurso mudou. Nada mais de pedir para ser aceito: era preciso exigir respeito.

⁵ Disponível em <http://mixbrasil.uol.com.br/cio/junho99/espec.htm>. Acesso em junho/08.

Começa ali a percepção de que o movimento homossexual precisava se organizar, inclusive com a definição de uma bandeira com arco-íris como símbolo. Podemos perceber que a organização do movimento homossexual é impulsionada por um contexto maior de mobilização: o movimento da contra-cultura, o feminismo, a luta pela liberdade de expressão – em oposição aos regimes autoritaristas que se espalharam pelo mundo no século XX.

No ano de 1963, a publicação do *O Snob*, por Agildo Guimarães, pode ser considerada a primeira publicação periódica para homossexuais no Brasil. Antes dela, vários livros já haviam sido publicados - desde meados do século XIX. Quase ao mesmo tempo o movimento homossexual brasileiro começou a se organizar com a publicação de jornais com temática homossexual. Dentre esses jornais devemos citar o “O Lampião da Esquina”⁶. Começam a aparecer também artistas que têm seu trabalho muito identificado com os homossexuais: Ney Matogrosso e os Secos e Molhados, Caetano Velloso, Ângela Rorô, o escritor Caio Fernando Abreu, o dramaturgo José Celso Martinez Côrrea - entre vários outros. Como esse período já apresenta informações mais organizadas, Trevisan (2007, p. 294) detalha:

A partir de meados da década de 1970, o amor homossexual começou a furar a barreira da censura ditatorial e dos setores mais reacionários, para chegar até as capas de revistas de circulação nacional – caso da *Isto É*, que dois anos antes do *Time* apresentou na sua capa duas mãos masculinas ternamente enlaçadas, ilustrando matéria sobre o tema.

A revisão bibliográfica sobre a história da homossexualidade no Brasil apresentada pode gerar a (falsa) impressão de que a homossexualidade no Brasil, a partir da década de 1970, passa a desenvolver uma trajetória de calma e aceitação, num país onde não há espaço para preconceito e homofobia. Pelo contrário, a organização do movimento homossexual teve que romper barreiras, tendo passado por momentos de discriminação, embates físicos e discussões acadêmicas.

⁶ O *Lampião da Esquina* foi um jornal brasileiro voltado para o público homossexual e considerado como imprensa "alternativa", por ter conseguido circular mesmo durante a ditadura militar brasileira, entre 1978 e 1981. O jornal foi publicado por Aguinaldo Silva.

No final do século XX, há o lançamento do projeto de “União Civil entre pessoas do mesmo sexo”, de autoria da deputada federal Marta Suplicy (na época, eleita pelo Partido dos Trabalhadores, por São Paulo) e que se encontra engavetado já faz mais de 10 anos. Trevisan, em artigo publicado na extinta revista *Sui Generis*, relata o “vexame sem precedentes” que foi a sessão de 04 de dezembro de 1997, onde deveria ser votado o casamento *guei*. Naquela noite de 97, a sessão se estendeu até as 23:30 horas, terminando sem a votação do projeto, por falta de *quorum*, e nunca mais esteve posto na pauta da Câmara dos Deputados. Para externar sua indignação, Trevisan (2007, p. 525) termina o artigo dirigindo-se aos deputados da época, contrários ao projeto,

Pois bem, quero lhes lembrar uma coisa: sempre que colocarem suas fobias sexuais acima de toda a nação em demonstrações públicas de baixo civismo e escassa maturidade, como no dia 04 de dezembro de 1997, os senhores estarão perpetuando as sementes de um país miserável, medíocre, sem consciência democrática e sem tesão pela liberdade, a ser desgraçadamente herdado por seus filhos e netos – vários deles, quem sabe, homossexuais⁷.

Ao mesmo tempo, são alarmantes os números de assassinatos de homossexuais no Brasil motivados por homofobia – comumente chamados de “crime de ódio”. Conforme Green e Polito (2006, p. 108), “o Brasil é o campeão do mundo em assassinatos de homossexuais, segundo dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2002: entre 1980 e 2002 foram assassinados 2092 gays, travestis ou lésbicas, numa média de 104 por ano. Essa situação vem de longa data, revelando a violenta homofobia que impera no país”. A mais recente pesquisa sobre assassinatos de homossexuais no Brasil foi publicada pelo site oficial do GGB em 08 de abril de 2008 e revela que

122 homossexuais e travestis foram assassinados no Brasil em 2007, um a cada três dias, com aumento de 30% em relação ao ano anterior: 70% gays, 27% travestis, 3% lésbicas. No Brasil, o risco de uma travesti ser assassinada é 259 vezes maior do que um gay. A Bahia é, pela primeira vez, o estado mais violento, com 18 assassinatos; e o Nordeste a região mais perigosa: um gay nordestino corre 84% mais risco de ser assassinado do que no Sul e Sudeste. A maioria das vítimas tem entre 20-40 anos. Predominam entre as

⁷ O artigo foi publicado originalmente na revista *Sui Generis*, edição nº 30, 1998.

vítimas, as travestis, profissionais do sexo, professores, cabeleireiros, ambulantes. Gays são assassinados, sobretudo, dentro de casa, a facadas ou estrangulados, enquanto travestis são executadas na rua, a tiros, cada vez mais atacados por motoqueiros. Quanto aos assassinos, 80% são desconhecidos e 65% são menores de 21 anos. O Brasil é o campeão mundial de crimes homofóbicos, com mais de 100 homicídios por ano, seguido do México com 35 e Estados Unidos com 25.

Os pesquisadores Trevisan e também Green e Polito defendem a idéia de que a homossexualidade é parte do caráter brasileiro. Das tribos indígenas às “diversas tribos” do século XXI, todo esse espectro de representações da homossexualidade brasileira insere o tema na “pauta do dia”, além de ser instrumento que auxilia na definição das diversas identidades que compõem o “universo homossexual”, bem como nos permite percebê-los como uma “minorias social”.

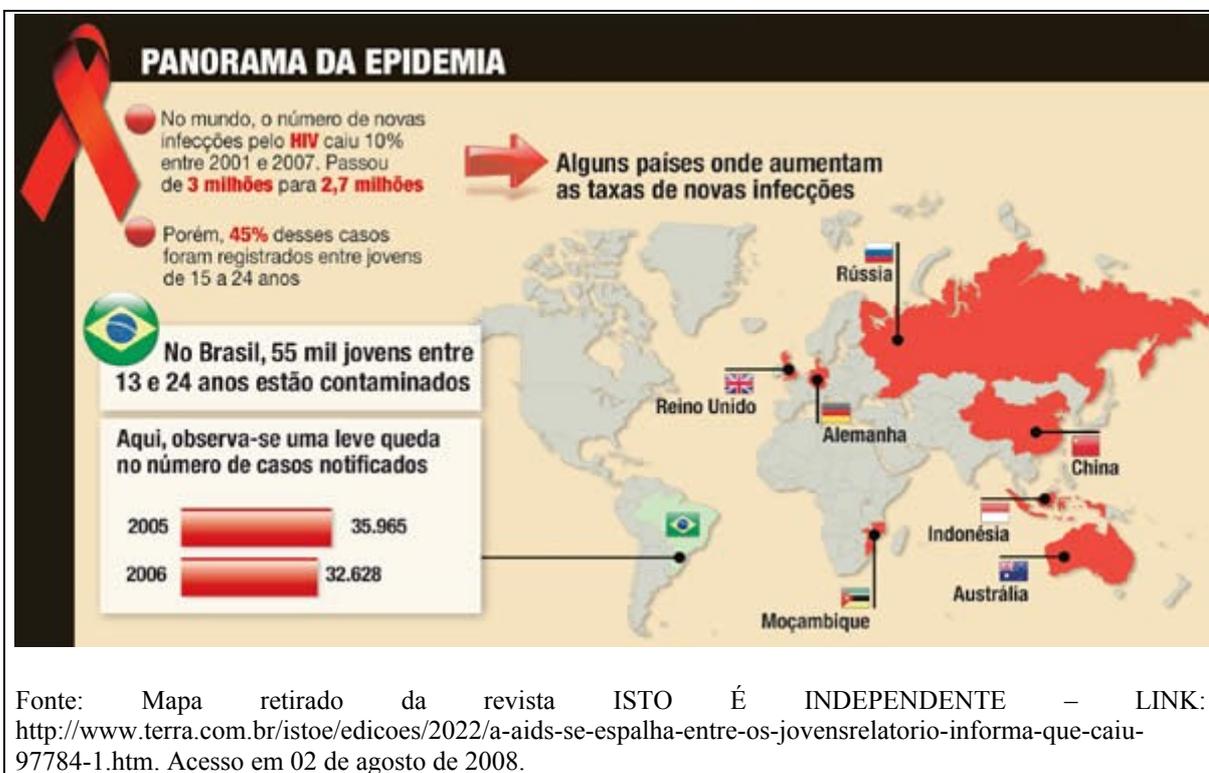
Como vimos, apesar de poder ser apontada como um dos traços da identidade brasileira, o Brasil ainda hoje apresenta dados estatísticos que o coloca entre os países mais preconceituosos, com os piores números relacionados a crimes por homofobia, falta de proteção dos direitos civis, além dos alarmantes números de homossexuais contaminados pelo vírus HIV. A revista *Isto é*, em matéria publicada na edição do 01 de agosto de 2008 (disponível em seu *site*), apresenta dados de um relatório divulgado pelo Programa das Nações Unidas para a Aids⁸,

o número de novas infecções pelo HIV entre 2001 e 2007 caiu 10%. A taxa passou de três milhões, para 2,7 milhões. Porém, a boa nova não pôde ser totalmente comemorada. Isso porque o mesmo documento revelou que a doença está se espalhando com força entre os jovens. Nada menos do que 45% dos novos casos foram notificados em indivíduos de 15 a 24 anos.

A matéria publicada pela revista *Isto É* apresenta o panorama da epidemia no mundo e questiona a necessidade da continuidade dos programas de prevenção e combate à doença, que continua fazendo milhões de vítimas no mundo. De acordo com o quadro abaixo,

⁸ Disponível em <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2022/a-aids-se-espalha-entre-os-jovensrelatorio-informaque-caiu-97784-1.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2008.

no Brasil também a AIDS apresenta decréscimo no diagnóstico, com a notificação de 32.628 novos casos em 2006. Porém, um dado preocupante é o avanço da doença entre jovens de 13 a 24 anos.



2.2 MINORIAS SOCIAIS: MUITO ALÉM DE TERRA, CREDO OU LÍNGUA

Para Muniz Sodré (2005, 13), a definição de minorias parte de características básicas: a vulnerabilidade jurídico-social (o grupo não tem acesso ao ordenamento jurídico-social vigente); identidade *in statu nascendi* (na condição de uma identidade em formação); luta contra-hegemônica (luta pela redução do poder hegemônico) e se utiliza de “recursos de luta (passeatas, invasões episódicas, gestos simbólicos, manifestos, revistas, programas de televisão, campanhas pela internet)” para apresentar seu discurso. Nas palavras de Sodré (2005, p. 14), “minorias é uma recusa de consentimento, é uma voz de dissenso em busca de

uma abertura contra-hegemônica no círculo fechado das determinações societárias. É no capítulo da reinvenção das formas democráticas que se deve inscrever o conceito de minoria”.

De acordo com relatório anual publicado pelo GGB, na data de 08 de abril de 2008⁹, os homossexuais

devem representar mais de 20 milhões de brasileiros. As transexuais e travestis, segundo cálculos de suas próprias associações, representam por volta de 20-30 mil indivíduos, o que vale dizer que as travestis correm 259 vezes mais risco de ser vítima de uma arma de fogo do que os gays.

Em 19 de agosto de 2007, o Ministro do Supremo Tribunal Federal e Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Marco Aurélio de Mello, escreveu no Jornal *O Globo* que, em se tratando de homofobia, o Brasil ocupa o primeiro lugar, com mais de cem homicídios anuais cujas vítimas foram trucidadas apenas por serem homossexuais e por a sociedade brasileira não reconhecer as relações homoafetivas como geradoras de direito (Mello, 2007). Segundo o ministro, as mudanças no judiciário em âmbito federal são bastante morosas. Por isso, as transformações sociais cabem à gestão pública (estaduais e municipais) porque “se mostram mais adequadas” (*idem*).

O “Programa de Formação para mediadores sociais: Direitos Humanos dos povos indígenas e minorias”¹⁰ contou com a participação de representante do Alto Comissariado da ONU (Organização das Nações Unidas) para a América Latina¹¹. O representante esclareceu que, para a ONU, dificilmente os homossexuais serão considerados minoria por não se enquadrarem nas três categorias imprescindíveis para que o órgão considere um grupo como minoria social: as questões homossexuais não envolvem credo, terra e/ou língua. Além disso, segundo o mesmo funcionário da ONU, assuntos relacionados à homossexualidade pouco

⁹ Endereço eletrônico: http://www.ggb.org.br/assassinatos_2008.html. Acesso em 10 de abril de 2008.

¹⁰ Curso realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), entre os dias 26 e 28 de novembro de 2007, sob a coordenação da professora Dr^a. Jurema Brittes.

¹¹ O representante da ONU não estava autorizado a falar sobre homossexualidade, por não trabalhar dentro da organização com essa temática. Portanto, não concedeu entrevista e nem permitiu a utilização de seu nome. As informações foram obtidas em conversa informal.

provavelmente serão colocados em pauta, pela forte pressão exercida pelos países que compõem a OPEP – a maior parte deles situados no Golfo Pérsico, cuja religião predominante é o islamismo¹², historicamente contrário à homossexualidade.

Atualmente, o único documento apresentado à ONU são os “Princípios de Yogyakarta”, compilados na cidade Yogyakarta (Indonésia), e assinado por representantes de vários países (inclusive Brasil) no final de março de 2007, resultado de discussões sobre homossexualidade e suas relações com os Direitos Humanos. Sobre a violação dos Direitos Humanos, tão comum quando se trata dos homossexuais, o documento reforça (Princípios de Yogyakarta, março/2007, p. 7):

Entretanto, violações de direitos humanos que atingem pessoas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero, real ou percebida, constituem um padrão global e consolidado, que causa sérias preocupações. O rol dessas violações inclui execuções extra-judiciais, tortura e maus-tratos, agressões sexuais e estupro, invasão de privacidade, detenção arbitrária, negação de oportunidades de emprego e educação e sérias discriminações em relação ao gozo de outros direitos humanos. Estas violações são com frequência agravadas por outras formas de violência, ódio, discriminação e exclusão, como aquelas baseadas na raça, idade, religião, deficiência ou status econômico, social ou de outro tipo.

No século XXI, o cenário político ainda é composto por uma classe dominante que governa sob regimes de segregação, miséria e subdesenvolvimento. A globalização já é considerada um novo sistema de colonização que segrega uma maioria, através da negação do acesso à informação e outros direitos, onde só tem voz a classe dominante, cada vez com menos pluralidade de informações, canais e idéias. Elhajji (2005; p. 201) destaca esta questão ao escrever que

as diferentes classes e grupos estão sempre envolvidos numa “luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo mais conforme

¹² Criado pelo profeta Maomé no século 7º, na região da atual Arábia Saudita.

aos seus interesses” (Bourdieu, 1982, p. 11). Os discursos desenvolvidos por eles constituem o melhor termômetro para compreender e discernir os objetivos e as regras dessa luta, já que toda organização social é estruturada, primeiramente e antes de tudo, no plano discursivo. Portanto, a importância dos discursos politicamente fundamentados e socialmente coerentes não se limita à sua capacidade de representação do real, mas sim da sua eficácia em produzir sentido e estabelecer o consenso necessário para a sobrevivência do grupo enquanto tal e a sobrevivência política e identitária de seus membros tanto dentro do grupo como no seu relacionamento diário com os diversos segmentos da sociedade na sua totalidade.

A comunidade homossexual deveria ser considerada minoria social, pelos motivos elencados acima, por ser vítima de ataques “homofóbicos” e não ter todos os direitos civis garantidos. Está apresentada nos anexos dessa dissertação a lista dos 37 direitos civis aos quais homossexuais não têm acesso, de acordo com as associações gays. Dentre eles podemos citar: os de somar rendas, ter dependentes em planos de saúde e previdência, poder acompanhar o cônjuge servidor público transferido, adotar filhos em conjunto, herança, autorizar cirurgia de risco, declaração conjunta do IR, reconhecimento como entidade familiar para fins de transações bancárias, comerciais, administrativas, obtenção de visto permanente para estrangeiros/as casados/as com brasileiros/as etc.

Somente em 1984, a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) retiraram o termo “homossexualismo” do rol das doenças. Desde então, o correto é usar o termo homossexualidade, uma vez que o sufixo “dade” refere-se a “estado ou modo de ser”. Para Trevisan (2000), mais correta é a utilização dos termos “homoafetividade ou homoerotismo” - cunhado pela desembargadora do estado do Rio Grande do Sul, Maria Berenice Dias - ao exprimirem que questões homossexuais extrapolam análises sexistas e adentram no campo do afeto, do direito de família, cidadania, inclusão social, trabalho em prol de minorias, aceitação ao diferente, ampliação dos espaços públicos.

Enquanto no Brasil, Dias cria o neologismo HOMOAFETIVIDADE e começa a desenvolver um trabalho de pesquisa junho ao sistema jurídico brasileiro tentando viabilizar a união civil e o casamento entre pessoas do mesmo sexo, no resto do mundo a forma de

reconhecer e o respeito à homossexualidade passa por intenso processo de modificação. Periodicamente somos informados de uma nova cidade, estado ou país que legitima a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Em maio de 2008, o estado da Califórnia (EUA) passou a permitir a união entre pessoas do mesmo sexo, o que levou um enorme contingente de gays para os cartórios do estado a fim de oficializarem sua união – inclusive com enorme afluxo de pessoas de outros estados. Ao mesmo tempo, o estado de Nova York passou a reconhecer a união civil realizada em outros estados, o que fez aumentar em muito o número de casamentos gays realizados nos Estados Unidos em 2008. A análise desses pontos é fundamental para entender a homossexualidade no século XXI e ampliar a discussão sobre afetividade.

Entretanto, a discussão deve partir do momento histórico em que fica definida a homossexualidade. Para analisá-la devemos desvendar os contornos da heterossexualidade, o que a tornou orientação sexual dominante. A partir de qual momento a prática homossexual passa a ser considerada criminosa, doentia, pecadora? O que se pode depreender da pesquisa sobre homossexualidade é que, com o avanço dos dogmas religiosos e do sistema capitalista, o conceito de família passa a ser fundamental, principalmente devido à procriação – o que efetivamente não irá acontecer numa relação homossexual. Na mesma medida, em que se solidifica a família exclusivamente para procriação, passam a ser desconsideradas as relações que se baseiam no afeto, como são as relações homossexuais. Entretanto, esse não é o modelo válido somente para relações homossexuais, mas também para heterossexuais, porque até os dias atuais uma das questões centrais que envolvem os indivíduos é o sexo, que continua definindo diversos campos do sentimento e do conhecimento humano. Discutir homossexualidade é falar de sexualidade, que se reflete na cultura, nas relações de poder, no exercício da cidadania, no comportamento individual, nos hábitos, nas perversões, em suma, trata-se de prática em constante transformação.

Esses são alguns dos motivos pelos quais a união civil entre pessoas do mesmo sexo ainda não foi homologada no Brasil. Berenice Dias propõe uma discussão mais ampla sobre o tema, através do neologismo homoafetivade, que está muito relacionado ao preconceito, ou melhor, à falta dele. A questão a ser levantada sobre homossexualidade não é somente lavrar um contrato entre duas pessoas do mesmo sexo, como se fossem dois sócios, o que não lhes garantem os direitos sucessórios – no caso da falta de um deles. A questão é conferir dignidade a essa relação, através de alguns itens fundamentais: direito a viverem livremente essa relação com possibilidade de expressar seu afeto em público; direitos civis garantidos – as relações homossexuais podem ser regidas pelas mesmas normas que regem os casamentos heterossexuais (já há jurisprudências no Brasil que dão aos cônjuges direito à dependência em planos de saúde, pensão, bens e direitos sucessórios); não apenas contrato lavrado em cartório, mas também a possibilidade de realizarem o casamento, partilhar do momento festivo que a data sugere. Logo, o conceito de família passa por um processo de transformação, onde o que sustenta as relações é o afeto e não mais apenas as relações de poder e procriação.

Publicada no jornal *O Globo* em 11 de março de 2008, a “Pesquisa sobre Valores e Atitudes da População Brasileira” realizada pela agência Nova S/B, em parceria com o Ibope, revela que os brasileiros,

Ao falar de homossexualidade [tem] o maior preconceito: 33% dos entrevistados admitiram que se afastariam de um amigo se descobrissem sua homossexualidade; 65% disseram que manteriam a amizade. Perguntados se respeitam a homossexualidade, 42% deram a si próprios notas 9 e 10, e 27% se deram notas de 6 a 8. Mas 54% dos brasileiros mereceram notas de 1 a 5; 33%, de 6 a 8, e só 10% teriam 9 e 10. (endereço eletrônico: http://oglobo.globo.com/opiniao/mat/2008/03/11/a_tortura_de_suspeitos_a_sociedade_que_queremos-426176104.asp. Acesso em 15/03/2008)

Em outra matéria também publicada pelo site ECODEBATE na data de 11 de março¹³, vários estudiosos foram ouvidos e analisaram a pesquisa. Como exemplo,

Segundo Janine¹⁴, o preconceito escondido se torna mais forte que o exposto. Mas, se admitido e revelado, pode ser vencido pelo diálogo.

— É o pior de dois mundos: não gosta (de homossexuais, de negros etc.) e não pode falar. Sem admitir a verdade, não há como combater o preconceito. Não é possível só condenar o preconceito, mas sim compreendê-lo e dialogar. Um pai pode não gostar de ter um filho homossexual. Deve falar, mesmo que sejam bobagens.

Mas terá que ouvir o filho. O diálogo é necessário. Se o pai descobrir que o filho é feliz assim, vai aceitar. Mas não é um processo tranquilo.

A constante exposição à mídia, com o objetivo de provocar o debate sobre homossexualidade; a atuação dos movimentos homossexuais e a mudança dos paradigmas sociais começam a acenar para novas angulações através das quais a homossexualidade pode ser observada. A luta contra o preconceito e a favor da aceitação das diferenças vem corroborar a tese de que a homossexualidade é orientação sexual (que se revela enquanto prática sexual) e seu universo é muito mais rico em significados. Por isso, não devem ser observados como classe inferior e merecem receber tutela do Estado, percebidos como cidadãos, com os mesmos direitos garantidos aos heterossexuais, em suas relações afetivas.

As identidades homossexuais brasileiras tendem a ser apresentadas, na maior parte das vezes, de uma maneira estereotipada, tentando inclusive encobrir o preconceito. Porém, observamos uma série de eventos voltados para o público homossexual, como concursos de beleza (que elegem o mais belo transformista, travesti, transexual, *crossdresser*, rainha da cidade, *glamour girl*, concurso de beleza gay) espalhados pelas cidades do Brasil.

Como exemplo, podemos citar o Miss Pará Gay 2008, realizado na cidade de Belém na data

¹³ Endereço eletrônico: <http://www.ecodebate.com.br/index.php/2008/03/11/pesquisa-revela-que-brasileiros-se-acham-muito-melhores-do-que-o-brasil/>. Acesso em 12 de março de 2008.

¹⁴ Filósofo Renato Janine Ribeiro, professor de ética e filosofia política na USP.

de 31 de maio. O evento contou com a presença de 64 candidatas que desfilaram para um público superior a 600 pessoas.

Ao trazermos a discussão para Juiz de Fora, dois pontos devem ser observados: a Lei Rosa e o projeto de lei 177/2007¹⁵, da Câmara dos Vereadores de Juiz de Fora. Se a “lei rosa”, que torna crime as ações de homofobia e preconceito em Juiz de Fora e indicou novos encaminhamentos para a discussão, o arquivamento do projeto 177/2007 permite perceber que ainda há muito a ser discutido. Curioso notar a mobilização de população de Juiz de Fora quando da votação do Projeto de Lei nº. 177/2007, com pessoas a favor ou contra a inclusão dos eventos LGBT no calendário da cidade. Entretanto, ao mesmo tempo, o então prefeito Alberto Bejani através do COMPPAC eleva o Miss Brasil Gay a Patrimônio Imaterial da cidade de Juiz de Fora. De acordo com o Decreto nº 9275, 14/08/07, o Miss Brasil Gay passa a ser o quarto registro imaterial da cidade, registrado no livro do Tombo, na data de 14 de agosto de 2007. A discussão central sobre esse ponto é: como uma prefeitura tomba um bem imaterial e não lhe concede apoio oficial? Ainda relacionado ao projeto de lei 177/2007, este hoje se encontra arquivado devido a uma estratégia política orquestrada pela bancada religiosa da Câmara dos Vereadores de Juiz de Fora, que solicitou o adiamento da votação em 30 de novembro de 2007. Segundo e-mail recebido por esse pesquisador, assinado pela vereadora Rose França, o projeto não voltou à Câmara dos vereadores em tempo hábil, portanto sendo automaticamente arquivado.

Apesar disso, os números são significativos para o incremento que turismo *gay* traz para a cidade. Se há 32 anos a cidade não sediasse o Miss Brasil Gay, se a partir do Miss Brasil Gay não tivesse nascido a idéia – por Oswaldo Braga Junior e Marco Trajano – de organizarem o MGM; se não houvesse a motivação para o turismo gay na cidade, talvez aqui

¹⁵ Projeto de lei 177/2007, assinado como mensagem ao legislativo, na data de 14 de agosto de 2007, pelo então prefeito Alberto Bejani. Em função de pressão gerada pela bancada religiosa a mensagem é retirada e volta à pauta como projeto de lei do vereador Paulo Rogério. O projeto objetiva que Miss Brasil Gay, Rainbow Fest, Parada do Orgulho LGBT e da cidadania passem a constar no calendário de eventos oficiais da cidade de Juiz de Fora.

não tivesse sido promulgada a Lei Rosa. Por esses motivos entendemos que o turismo *gay* para a cidade de Juiz de Fora promove contribuições da ordem financeira e permite por em pauta discussões mais amplas – o que não significa que há avanços na diminuição do preconceito.

As discussões atuais sobre homossexualidade ganham nova dimensão a partir da Constituição promulgada em 1988, quando passa a vigorar no Brasil o “princípio da isonomia” que, de acordo com Dias (2004, p. 45), estabelece o

o respeito à dignidade humana, servindo de norte ao sistema jurídico nacional. *A dignidade humana é a versão axiológica da natureza humana.* Esse valor importa em dotar os princípios da igualdade e da isonomia de potencialidade transformadora de todas as relações jurídicas. *Igualdade jurídica formal é igualdade diante da lei,* como bem explicita Konrad Hesse: *o fundamento da igualdade jurídica deve fixar-se, sem dificuldades, como postulado fundamental do estado de direito.*

O “princípio da isonomia” significa dizer que é lei respeitar o outro, inclusive nas suas diferenças e em qualquer nível. Portanto, orientação sexual é uma decisão de foro íntimo e que não deverá ser discutida em praça pública – a mídia tem contribuído para a ampliação das discussões. Novamente, Dias (2004, p. 47) contribui com a discussão quando escreve que

As normas constitucionais que consagram o direito à igualdade proíbem discriminar a conduta afetiva no que respeita à inclinação sexual. *A discriminação de um ser humano em virtude de sua orientação sexual,* conforme afirma Roger Raupp Rios, *precisamente, uma hipótese (constitucionalmente vedada) de discriminação sexual.* Rejeitar a existência de uniões homossexuais é afastar o princípio insculpido no inciso IV do art. 3º da Constituição Federal: é dever do estado promover o bem de todos, vedada qualquer discriminação, não importa de que ordem ou tipo. Conforme José Carlos Teixeira Giorgis: *A relação entre a proteção da dignidade da pessoa humana e a orientação homossexual é direta, pois o respeito aos traços constitutivos de cada um, sem depender da orientação sexual, é previsto no artigo 1º, inciso 3º, da Constituição, e o Estado Democrático de Direito promete aos indivíduos, muito mais que a abstenção de invasões ilegítimas de suas esferas pessoais, a promoção positiva de suas liberdades.*

O que percebemos é que comportamentos sociais são passíveis de novas percepções. As dicotomias entre ativo-passivo, macho-fêmea, homem-mulher, permitido-

proibido, hetero-homo são exercício de poder. Quando estamos negando o comportamento homossexual, ao mesmo tempo, podemos estar reforçando sua existência – que se revela no desejo oculto, na necessidade de *coming out* (sair do armário). O que se pode perceber de toda essa discussão, segundo Dias (2004, p. 76), é o caráter de exclusão social, uma vez que

não se pode continuar excluindo milhares de pessoas da possibilidade de viver conforme sua orientação sexual, com parceiros do mesmo sexo. Está cientificamente provado que não se trata de um desvio e nem é um vício. Como também não é um crime, não pode o Estado se arrogar o direito de definir o tipo das relações afetivas que as pessoas devem ter.

2.3 IDENTIDADES: SOMOS, ESTAMOS, TEMOS?

Exemplo de como as identidades são diversas é o que se tem através do comentário – bastante autoral – realizado pelo escritor Maalouf (2005, p. 78-79):

A identidade não é dada de uma vez por todas, ela se constrói e se transforma durante toda a nossa existência. (...) Meu objetivo não é (...) encontrar em mim mesmo alguma pertença ‘essencial’ na qual possa me reconhecer, é a atitude inversa que adoto: reviro minha memória para revelar o maior número de elementos da minha identidade, eu os agrupo, os alinho, não nego nenhum. (...) Eu insisti constantemente até aqui sobre o fato de que a identidade é feita de múltiplas pertenças; mas é indispensável insistir do mesmo modo sobre o fato de que ele é uma, e que nós a vivemos como um todo. (...) Quando me perguntaram o que sou ‘no fundo de mim mesmo’, isso supõe que haja, ‘no fundo’ de cada um, uma só pertença que conta, de algum modo, sua ‘verdade profunda’, sua essência, determinada de uma vez por todas no nascimento e que não mudará mais; como se o resto, todo o resto – sua trajetória de homem livre, suas convicções adquiridas, suas preferências, sua sensibilidade própria, suas afinidades, sua vida, em suma – não tivessem nenhuma importância. (...) Qualquer um que reivindique uma identidade mais complexa se encontra marginalizado. (...) É justamente isso que caracteriza a identidade de todos: complexa, única, insubstituível, não se confundindo com nenhuma outra coisa. (...) Sem dúvida, um Sérvio é diferente de um Croata, mas cada Sérvio é igualmente diferente de todos os outros Sérvios, e cada Croata é diferente de todos os outros croatas.

Após esse exemplo, e da definição proposta por Gonçalves (2005, p. 72), que nos apresenta outra angulação para a discussão das identidades, devemos iniciar a conceituação de *identidades* ressaltando seu caráter de fluidez, metamorfose e *performance*. Relacionando identidade com minorias sociais, a autora traz à baila indagações que reforçam os objetivos dessa pesquisa

Nessa dissolução generalizada das modernas identidades fortes, a noção de minoria guarda algum sentido ou se é também esfacelada juntamente com as supostas identidades modernas. Nesse mundo onde tudo é dissolvido, a palavra “minoría” parece ficar relegada a descrever processos violentos de reterritorialização que reagem contra a dissolução, retomando a terra, a tribo, a religião, o sexo ou outro fator com escórias identitárias que retotalizam o sujeito. Ser minoritário seria estar apegado a marcas que estão em vias de desaparecer como um naufrago se apega a um último pedaço de madeirame de um barco já longe no fundo do mar.

Se, por um lado, a pesquisa a respeito de cidadania leva às fronteiras entre o público e o privado, o permitido e o proibido; as discussões sobre identidades transpõem essas barreiras e caminham em direção a novas fronteiras do conhecimento. Todo o aporte teórico que a partir de agora será apresentado, objetiva uma outra discussão: o estudo das identidades através da análise das identidades homossexuais. Isso porque poderíamos estar falando sobre outras minorias sociais e suas dificuldades em estabelecer esses campos de convergência de hábitos, costumes, gostos, leis, direitos e deveres que visam moldar as identidades de determinados grupos e que ainda encontram-se desprovidos de uma série de possibilidades.

Segundo Woodward (2000), para darmos início a esse trabalho de conceituação de identidades é fundamental que se estabeleça um quadro teórico. São eles, apresentados aqui de forma resumida: a sociedade atual precisa de conceituações que se baseiam na noção de pertencimento e não pertencimento. As reivindicações a respeito das identidades são estruturadas a partir da natureza (étnica, raça e parentesco), em uma verdade relacional e nas condições sociais e materiais. Baseiam-se também na diferenciação social, nas mais diversas

diferenças, como uma tentativa de não unificação. Essa idéia é admitida por Eder (2003, p. 6), quando o autor escreve que

No mundo contemporâneo, observamos uma *dissociação* entre as estruturas sistêmicas que governam a reprodução da dominação política e econômica, tanto no âmbito nacional como transnacional e subnacional, por um lado, e as estruturas geradoras de identidades culturais, de sentimentos de pertencer e de entusiasmos coletivos, de outro. A articulação entre ambas torna-se mais contingente e exige que tenhamos novas idéias sobre as conexões teóricas entre os sistemas de ação e as pessoas que neles atuam. É necessário que as teorias dêem conta das conseqüências dessa dissociação para o Estado e para o mundo da vida.

Para Hall (2006), pode-se verificar que, a partir de segunda metade do século XX, as identidades deixaram de ser referência geográfica e não coincidem mais com as fronteiras dos países. Atualmente, as identidades romperam essas fronteiras para identificar grupos que possuem em comum muito mais que a nacionalidade, mas uma série de referências, características, estilo, hábitos de consumo, coincidência de ideais. De acordo com Canclini (1998, p. 342), o volume de informações que o público tem acesso atualmente agiliza a criação de espaços de interseção, permite a hibridização cultural e propicia novas formas de conhecimento.

As hibridações... levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes; o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

Entretanto, antes de chegarmos à definição de identidade na pós-modernidade, devemos voltar aos ensinamentos de Hall (2006) que propõe três concepções de identidade. A primeira refere-se ao “sujeito do iluminismo” que se baseia na concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de

ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior. Com relação ao “sujeito do iluminismo”, Hall critica o caráter “individualista” dessa concepção.

A segunda concepção defende a idéia do “sujeito sociológico”, definido por Hall (2006, p. 11) como o resultado da “crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas formado pela relação com ‘outras pessoas importantes para ele’ que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava”.

Como terceira percepção, o “sujeito pós-moderno” é apresentado como o resultado de uma identidade que está se fragmentando, não tendo mais uma unificação e estabilidade. O “sujeito pós-moderno” é composto por uma série de identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Para Hall (2006, p. 13), na pós-modernidade

a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Como opção metodológica, iremos ater a pesquisa mais voltada para o “sujeito pós-moderno”, procurando relacioná-lo ao “sujeito do iluminismo” e ao “sujeito sociológico”. Para isso, usaremos os estudos sobre identidades na pós-modernidade à luz dos ensinamentos de Canclini (1999), que defende que “as identidades modernas eram territoriais e quase sempre monolíngüísticas” enquanto na pós-modernidade as “identidades são transterritoriais e multilingüísticas”. Para uma definição mais elaborada das identidades na pós-modernidade, Canclini (1999, p. 59-60) revela que, atualmente, as identidades

estruturaram-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados; em vez de se basearem nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam através de interações próximas, operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e pelo consumo diferido e segmentado de bens. A clássica definição *socioespacial* de identidade, referida a um território particular, precisa ser contemplada com uma definição *sociocomunicacional*. Tal reformulação teórica deveria significar, no nível das práticas “identitárias” (ou culturais), que estas, além de se ocuparem do patrimônio histórico, desenvolvam estratégias a respeito dos cenários informacionais e comunicacionais onde também se configuram e renovam as identidades.

Para Canclini (1999, p. 166), na contemporaneidade a “identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas”. Dessa definição, o que podemos depreender é que se durante o século XX a identidade era definida por delimitações geográficas, na pós-modernidade ela adquire contornos culturais, não se limitando apenas a uma nação. O autor reforça que “identidade é uma construção, mas o relato histórico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação. A identidade é teatro e é política, é representação e ação” (Canclini, 1999, p. 75-76).

Uma definição interessante sobre identidades e que referenda bem a discussão posta até aqui é dada por Codol (1988). Essa definição é utilizada por Dominique Wolton (2004, p. 516) em “Pensar a Comunicação”, ao defender a idéia de que identidade é

um sistema de representações, de sentimentos e de estratégias, organizado para a defesa conservadora do seu objeto (o ser ‘si próprio’), mas, também, para o seu controle, a sua mobilização projetiva e a sua mobilidade idealizante (o ‘tornar-se si próprio’). A identidade é um sistema estruturado, diferenciado, simultaneamente ancorado numa temporalidade passada (as raízes, a permanência), numa coordenação de condutas atuais e numa perspectiva legitimada (projetos, idéias, valores). Ela coordena identidades múltiplas, associadas à pessoa (identidade corporal, caractericial...) ou ao grupo (papéis, estatutos...).

Para Gonçalves (2005, p. 71-72), o surgimento dessas novas identidades está ligado ao fato de que devem ser destacados:

a aceleração brutal do capitalismo, a midiatização crescente do social, os processos de urbanização, uma crise epistemológica generalizada que contamina também o campo da arte e adjacências, a globalização, a instauração do consumo e do mercado como elementos centrais na estruturação dos espaços públicos e privados atuais.

Sob o mesmo ponto, Hora (2000, p. 42) defende que no

final do século XX, negros e homossexuais (re)constróem suas identidades. Reconstrução que traz consigo a recuperação e a (re)conquista da auto-estima. Com isso passam a ter necessidades de também se verem retratados pela mídia de uma outra forma, mais condizente com a imagem que estão (re)construindo para si. Em outras palavras, passam a usar os mecanismos da comunicação de massa como uma arma bastante eficaz na construção de sua nova imagem.

A partir do referencial teórico sobre identidades pretendemos relacionar o Miss Brasil Gay às identidades homossexuais, para mapear os códigos de um grupo que se organiza através de movimentos políticos e participação no meio social. No século XX a expressão *gay power* – traduzida para o português significar o empoderamento que os homossexuais visam alcançar atualmente - passa a ser utilizada, como indício de novo formato que as identidades adquiriram. A análise de Jayme (2005, p. 163) nos faz repensar o assunto ao escrever que

É interessante como travestis, transformistas, transexuais e *drag-queens* são emblemáticos para pensar essas questões. Esses sujeitos são diferentes entre si e fazem questão de demonstrar suas distinções. Por outro lado, se aproximam no que se refere à intervenção corporal e nos efeitos dessa intervenção na redefinição de gênero. Essa ação redefinidora de masculinidade e feminilidade enfatiza uma interpretação de gênero como cultural e processual.

Assim, por mais que “se montem” com o objetivo de se parecer uma mulher, não querem ser mulher, mas travesti, transformista ou *drag-queen*. Os dois últimos “de dia” são homens. “Brincam” com a possibilidade de performances do gênero. As travestis são travestis a qualquer momento, mas não querem se tornar mulheres, nem homens.

O mesmo autor acrescenta dados importantes quando retoma a idéia de *performance* e escreve que

as “marcas” no corpo de travestis, transformistas, transexuais e *drag-queens* podem ser vistas como um código que tanto os une como os separa. *O corpo com um forte símbolo, capaz de operar comunicação, estabelecendo um código compartilhado pelo grupo. (...) a linguagem corporal é plena de significados* (Guterres, 1995, p. 304). Os transgêneros mostram-se - a partir de interferência corporal - como são diferentes entre si. Por outro lado, podem se unir em uma identidade frente aos heterossexuais, ou aos homossexuais que não se travestem. Nessa ação em que se separam e, ao mesmo tempo, se juntam em oposição aos outros, esses sujeitos mostram o alcance da discussão sobre a fluidez das identidades no cenário contemporâneo e sua relação com o gênero, também percebido como fluido e performático. (2005, p. 165).

Jayne conclui que as questões sobre identidades homossexuais são muito mais complexas do que se pode previamente concluir. Corroborando esse pensamento, Woodward (2000, pag. 31) escreve que “as identidades sexuais também estão mudando, tornando-se mais questionadas e ambíguas, sugerindo mudanças e fragmentações que devem ser descritas em termos de crise de identidade”. Aliás, essas questões visam apresentar o intrincado emaranhado de questionamentos sobre os estudos a respeito das identidades.

Há linhas teóricas que defendem estarmos em meio a uma “crise de identidade”. Segundo Hall, essa crise de identidade se deve a dois fatores: os “descentramentos” que hoje são característica da sociedade pós-moderna e a dificuldade em aceitar as diferenças. Como se as diferenças não fossem um dos pilares sob os quais se sustentam as identidades. Woodward (*in* Silva, 2000, p. 29) deixa contribuição importante quando escreve que “as crises globais de identidade têm a ver com aquilo que Ernesto Laclau chamou de deslocamento. As sociedades modernas, ele argumenta, não têm qualquer núcleo ou centro de determinado que produza identidades fixas, mas em vez disso, uma pluralidade de centros”.

Sobre a “crise das identidades” devemos reconhecer a complexidade do tema quando relacionado às divisões sociais, segundo Woodward (2000, p. 36),

O reconhecimento da complexidade das divisões sociais pela política da identidade, na qual a “raça”, a etnia e o gênero são centrais, tem chamado a atenção para outras divisões sociais, sugerindo que não é mais suficiente argumentar que as identidades podem ser deduzidas da posição de classe (especialmente quando essa própria posição de classe está mudando) ou que as formas pelas quais elas são representadas têm pouco impacto sobre sua definição.

Dessa referência, a discussão continua quando a mesma autora nos informa que as “dimensões políticas da identidade tais como se expressam, por exemplo, nos conflitos nacionais e étnicos e no crescimento dos novos ‘movimentos sociais’, estão fortemente baseadas na construção da diferença” (Woodward, 2000, p. 39).

O que podemos auferir, de acordo com Woodward (2000, p. 50), é que a definição das identidades está diretamente relacionada à conceituação das diferenças, que pode ser construída

negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora: é o caso dos movimentos sociais que buscam resgatar as identidades sexuais dos constrangimentos da norma e celebrar a diferença (afirmando, por exemplo, que “sou feliz em ser gay”).

Entretanto, o estudo das identidades ainda se encontra em construção – assim como elas estão sendo (re)construídas na pós-modernidade. Woodward (*in* Silva, 2000, pag. 75) escreve que “as afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. A mesma autora reforça esse pensamento ao escrever que “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (*in* Silva, 2000, p. 81).

A conceituação sobre identidades provoca um olhar mais atento para as identidades homossexuais. Se a princípio, a homossexualidade é vista como uma estrutura homogênea, compacta e uniforme, uma análise mais profunda nos permite perceber que em

seu interior há uma série de grupos, idéias, comportamentos que ora se opõem, ora convergem sendo que, independente da forma, contribuem para o reconhecimento desse grupo social como portador de direitos. No interior do grupo dos homossexuais, há uma infinidade de características que definem grupos menores, que se subdividem em grupos menores ainda, até chegar a indivíduos isolados, com vontades e características próprias, entre elas sua orientação sexual.

O conjunto de representações sociais ao longo da história do evento Miss Brasil *Gay* permite acompanhar as mudanças pelas quais passa a sociedade pós-moderna. Se em 1976, na 1ª edição do concurso, os concorrentes eram “travestis” – por se tratar de grupo de amigos que se travestia de mulher – hoje há uma série de rótulos relacionados ao universo LGBT. O século XXI é época das “barbies”, “leathers” e “siliconadas”, bem como das operações de “mudança de sexo”. Ao mesmo tempo, devem ser considerados o aumento do mercado da prostituição e o avanço das DSTs, principalmente AIDS.

A importância está no fato de permitir a diferentes grupos sociais expressarem suas identidades. E, ao mesmo tempo, provarem como a realidade é socialmente construída, tecida e retecida de maneira contrastiva. De acordo com Berger (1985, p. 75), “o *homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*”.

2.4 IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS

O tema IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS é amplo, com características especiais, em constante transformação. Através da observação junto à imprensa de massa e dirigida a gays, verificamos expressões bastante rotineiras no ano 2008 em matérias que abordam o tema. As expressões são *coming out*, *covering* e *crossdresser*. Além das várias tribos, como as *barbies*, os efeminados, os *leather*, os *t-lovers*, as *t-gatas*, os ursos, as misses, as travestis, as transexuais, os *crossdressers*, as *drag queen*, as *drag king*, as caricatas, os transformistas, os andróginos, as siliconadas, os garotos de programa e há ainda mais uma outra série enorme de grupos. Grupos que juntos compõem a identidade homossexual.

A expressão *coming out* é bastante utilizada nos Estados Unidos e significa “sair do armário”, assumir, conviver bem e deixar transparecer sua homossexualidade. O tema ganha as ruas na segunda metade do século XX, como um grande apelo às pessoas que assumissem sua homossexualidade.

O segundo termo foi apresentado em uma reportagem do Fantástico, exibida em 08 de abril de 2007 na série Novos Olhares, que apresentava discussões sobre identidades. O programa apresentou uma entrevista com o professor de Direito e reitor na Universidade de Yale, nos Estados Unidos e autor do livro *Covering*, o norte americano Kenji Yoshino. *Covering* pode ser traduzido como acobertamento ou disfarce ou nas palavras do próprio autor, de acordo com matéria apresentada no Fantástico e disponível no *site* do programa¹⁶

Para escrever sobre o ‘covering’, ou a discriminação disfarçada, me deparei com um provérbio brasileiro: ‘O dinheiro embranquece.’ Os negros americanos também conhecem isso: usam terno para trabalhar porque dizem que são mais respeitados vestidos dessa maneira. Mas, quando estão com

¹⁶Matéria veiculada no Fantástico (revista eletrônica dominical da Rede Globo), dentro da série Novos Olhares na data de 08 de abril de 2007. Disponível no *site* oficial do programa, link: <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1511813-8488,00.html>). Acesso em 09/04/07.

roupas de ginástica, são mal vistos até pelos vizinhos, porque, aí, são associados a bandidos. Ter o que eu chamo de disfarce faz toda a diferença entre ser um negro bom ou um negro mau.

O objetivo do autor é colocar em discussão o tema que também é defendido pelo antropólogo, professor e coordenador do Centro Latino-Americano de Sexualidade e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Sérgio Carrara, que salienta na mesma entrevista que “você tem que misturar na massa, você tem que ficar indistinguível. Você é aceito, desde que se enquadre em certos padrões de respeitabilidade: modo de se vestir, de ser, de estar”. Complementando esse debate sobre a relação da sociedade atual com os Direitos Humanos, Yoshino indaga:

Se você faz parte de um grupo sempre excluído, inevitavelmente alguém vai pedir para você se comportar de uma maneira que não é a sua. Por exemplo, se você é gay, não pode andar com seu companheiro de mãos dadas na rua. Daí a confusão: se você diz que não tem problemas pelo fato de eu ser gay, por que não posso demonstrar meu carinho em público como os outros?

Crossdresser é o terceiro termo apresentado, utilizado para descrever homens que se vestem de mulher em situações especiais. O termo foi escolhido por permitir uma maior discussão sobre a estética homossexual, as personagens apresentadas por vários artistas, o transformismo, o culto ao corpo, as intervenções cirúrgicas, corretivas e/ou estéticas. Através das mais variadas fontes de informação e também das observações deste pesquisador pôde-se perceber a enorme quantidade de produtos e serviços para o público gay: concursos de beleza masculina e beleza feminina, campeonatos de fisiculturismo; jornais, revistas, programas de rádio, canais de televisão, sites específicos inclusive de moda, acessórios, cosméticos e produtos de beleza; pacotes turísticos, bares, restaurantes, hotéis e pousadas; eventos, festas, festivais e passeatas. Toda uma indústria que se consolida ao atender às diversas identidades homossexuais. Entretanto, maior que essa indústria que se estabelece e movimenta altas cifras em quase todo o mundo. Interessante observar outros pontos importantes: o interesse exagerado pela beleza e a necessidade de inversão de papéis, de assumir novas personagens e

com isso a conseqüente elevação da auto-estima através da realização de sonhos, desejos e fantasias. Sobre os *crossdressers*, comumente chamados de CD, a revista *Época* publicou em 04 de setembro de 2008, a reportagem “dentro de mim mora um anjo” na qual um repórter acompanha a vida de alguns *crossdressers*. Ao longo da matéria o texto diz

Crossdressers se diferenciam de travestis por não se prostituir, por transitar regularmente entre a situação de homem e mulher – os travestis ficam montados permanentemente – e, em certa medida, por ser mais contidos na modificação corporal. CDs raramente fazem implantes de silicone e cirurgias. Márcio, com seios e esculturas corporais, está no limite das duas categorias. Há, por fim, os transexuais, aqueles que se sentem mulheres aprisionadas no corpo de homens. Estes às vezes passam anos na condição de *crossdressers* antes de se decidir por uma operação de mudança de sexo. Eliane Kogut¹⁷ diz que 6% dos CDs que ela acompanhou em sua pesquisa fizeram a cirurgia e assumiram a identidade de mulher. Tudo isso, claro, é visto pela psiquiatria tradicional por uma lente rigorosa e desaprovadora.

O que percebemos é um grande desejo em se travestir, fantasiar, com enorme culto ao corpo, da busca do belo, chegando até mesmo às modificações corporais. Descobrir os motivos que levam os homossexuais a constantes mutações, questionando seus modelos, invertendo valores, numa tentativa de (re)integração à sociedade, poderá se objeto de estudos futuros.

¹⁷ Dr^a. Eliane Kogut, psicóloga que defendeu Tese de Doutorado intitulada: "Crossdressing masculino: uma visão psicanalítica da sexualidade *crossdresser*".

3 TURISMO: VONTADE DE IR, PRÁ SEMPRE RETORNAR

A aventura de deslocar-se faz parte da história da humanidade. Seja na busca de melhores condições de vida, comida, proteção das intempéries, ou mesmo pelo prazer (ou necessidade ou caminho natural) dos novos descobrimentos. Entretanto, a discussão maior é indagar se todo e qualquer tipo de deslocamento pode ser considerado atividade turística. Na tentativa de esclarecer esse – e outros pontos epistemológicos – a “ciência do turismo”, em um mundo globalizado, recebe contribuições que agregam novos valores à pesquisa em turismo através das premissas sociológicas, antropológicas, econômicas, identitárias e comunicacionais. Como o tema durante muito tempo esteve relacionado aos estudos na área da comunicação social, antes de conceituar *turismo* iremos ampliar a discussão a partir das proposições de Wolton (2006, p. 140):

O turismo de massa também ilustra esse paradoxo de uma demanda de abertura e de raízes. Um bilhão e meio de indivíduos circulam a cada ano. Trinta e três milhões de chineses já trabalham no turismo. Os turistas são um mercado da globalização e simbolizam ao mesmo tempo a busca de singularidades culturais. O turismo ilustra as ambigüidades da comunicação. Para milhões de pessoas, é uma abertura à alteridade cultural, mesmo se esta é padronizada. Simultaneamente, é um fator de desenvolvimento econômico e de tensões culturais, pois muitas vezes esbarra em caricaturas dos patrimônios. Até que ponto essas representações são úteis tanto no plano simbólico quanto ao plano financeiro e cultural? A partir de que momento elas passam a se um fator de antagonismo?

Por um período pouco maior de dois séculos, que vai desde a primeira viagem organizada por Thomas Cook (Inglaterra, 1841) até os dias atuais, quando pacotes de turismo espacial já são comercializados, o turismo e os estudos a ele relacionados continuam admitindo novas construções. Na tentativa de conceituar turismo, utilizamo-nos da definição proposta por Moesch (2002, p. 20-21) quando escreve que

No processo de objetivação, sob o paradigma funcionalista, o Turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre indústria e comércio. Em razão de não ser uma atividade produtiva agrícola ou industrial, normalmente é classificada como no setor terciário ou de serviços. A problemática é que o Turismo, muito mais que uma indústria de serviços, é o fenômeno com base cultural, com herança histórica, meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório que esta dinâmica sociocultural gera parte de um fenômeno recheado de objetividade-subjetividade, que vem a ser consumido por milhões de pessoas.

É um fenômeno com conseqüências culturais, sociais, políticas, comunicacionais que deve também ser estudado, principalmente por ter se convertido em direito, desejo de todos os cidadãos de qualquer classe social e de qualquer sociedade, seja ela desenvolvida ou não.

As tentativas de se definir turismo sempre esbarram na incompletude, por se tratar de fenômeno recente, que necessariamente deve ser entendido sob diversos aspectos. Uma construção transdisciplinar, proposta por Gastal (2005, p. 8), define turismo como

um fenômeno humano, complexo, composto de subjetividade e objetividade, resultante de processos sociocultural, políticos e econômicos. Este entendimento é possível a partir do reconhecimento do Turismo como objeto científico único, sobre o qual se voltam percepções interdisciplinares (...). O turismo enquanto fenômeno social consiste em reconhecer sua complexidade, as práticas sociais envolvidas, os impactos causados, o valor humano presente e suas diferentes formas de desenvolvimento.

Outra conceituação da atividade turística é apresentada por Oliveira (2002) que o divide em quatro gerações do turismo, desenvolvidas pelo espanhol Fuster, nos anos 60. A primeira geração, conseqüência da Revolução Industrial é o *homem trabalho*, que ainda não tinha férias instituídas, trabalhava entre 12 a 16 horas por dia e o turismo era atividade extremamente elitizada, só podendo ser consumido pelas classes abastadas. Esse tipo de turismo vigorou até o término da Segunda Guerra Mundial.

As grandes guerras deixaram um rastro de morte e destruição, ao mesmo tempo em que estimularam o desenvolvimento tecnológico, o crescimento do transporte aéreo, facilidade de crédito para financiamento de viagens, proliferação das redes hoteleiras,

surgimento de agências de viagem com conseqüente oferta de trabalho para operadores de turismo. A humanidade entrava na geração do *turismo de ver*, que tinha como característica principal o “sobe/desce de ônibus visitando igrejas e museus” (2002, p. 105). A segunda geração do turismo teve como principal característica o fato de que

A pessoa que viaja em grupo não tem determinadas preocupações. Nos pacotes, os serviços estão contratados, o roteiro a ser seguido está determinado, e guias políglotas acompanham os viajantes para os mais diversos países. Tudo está pensado e programado, até as paradas em pontos estratégicos para a compra de artesanato ou para fotografar monumentos-ícones dos países visitados.

Na geração do *Turismo de ver*, surge a necessidade de comprovar socialmente o deslocamento, o que se faz através dos *souvenirs* e da fotografia. A questão do *status* aflora com algo forte. Além de *ver*, o turista quer *mostrar* que viu. Segundo Nestor García Canclini (1983), por necessidade de distinção social, *trazemos lembranças declaradamente marcadas*.

A terceira geração do turismo recebe o nome de *turismo de conviver*, quando visitas a ícones culturais não eram mais relevantes, passando o turista a ter necessidade de *usufruir*, além de *ver* (Gastal, 2002). Começa a ser desenvolvido o turismo alternativo, as viagens em grupo começam a se dissipar porque o turista começa a perder o medo de viajar sozinho. De acordo com Oliveira (2002, p. 106), o turista cria asas e passa a querer alçar vôos solo com rotas diferenciadas.

Nas duas últimas décadas do século XX, quando a *indústria do turismo* passa a ser importante componente do crescimento econômico de países, cidades ou regiões, Gonçalves informa que se iniciava a quarta geração do turismo, denominada de *turismo de consumir*, que tem como característica principal a criação de espaços destinados exclusivamente ao consumo do turismo (*Epcot Center, Disneyworld, shopping centers* – por exemplo), além da proliferação de *não-lugares* que passam a acompanhar

o crescimento das cidades pós-modernas, que segundo Featherstone (1995), *se transformam em centros de consumo, jogo e entretenimento*, e com uma abordagem mais ampla. Ianni (1995) *complementa nosso pensamento quando afirma: São inúmeros supermercados, shopping centers e disneylândias, distribuídos no novo mapa do mundo, exibindo mercadorias globais destinadas às necessidades reais e imaginárias multiplicadas.* (in Gastal, 2002, p. 107-108).

O *Turismo de Consumir* é criticado por estudiosos que defendem a função social da atividade turística, não podendo ser tratada e interpretada apenas como fato econômico, devendo ser desenvolvida com pensamento nos indivíduos e na sociedade (comunidade local e visitantes) com as diversas implicações que essa interação promove. Moesch (2000, p. 21) analisa esse ponto quando escreve que

Essa postura, emergente de uma cultura de mercado capitalista, desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a vida coletiva, o ecossistema, a beleza do bucólico, a herança cultural existente nas localidades visitadas, gerando situações passíveis de ressignificados, pela relação criada entre visitantes e visitados.

Outra crítica ao *turismo de consumir* é o fato de ele vir acompanhado de uma movimentação em nível mundial, com deslocamento de grandes massas e enormes receitas envolvidas. As elevadas cifras envolvidas no desenvolvimento da atividade turística exigem que se repense as questões que envolvem tecnologia, espaço, segurança e sustentabilidade.

Gonçalves (2002), apesar das diversas fases pelas quais passou o turismo, defende que algumas características estarão sempre mantidas. Essas características já foram apresentadas por Krippendorf (1989) quando o autor escreveu que o turismo cada vez mais se assemelha à fuga em massa face ao cotidiano, em direção ao reino imaginário da liberdade. Esse pensamento é complementado por Baudrillard (1990) ao propor questionamentos a partir do fato que o que se busca na viagem não é a descoberta nem a troca, mas uma desterritorialização lenta, a responsabilidade pela própria viagem, logo, pela ausência.

No século XXI, novos rumos para o turismo são facilmente perceptíveis. Se até então fazer turismo era atividade de observação, no século XXI passa a ganhar características

de experiência sensorial, palpável. As viagens deixam de ser apenas para a observação do patrimônio de uma localidade.

A atividade turística passa a permitir novas discussões sobre questões de identidades. As características antes delineadas pelas fronteiras geográficas agora passam pelas questões de identidades. Portanto, a discussão a respeito da ciência do turismo está também relacionada à discussão sobre indivíduos, além das discussões sobre sociedades.

Em nível mundial, já pode se perceber diversas cidades estabelecendo políticas públicas para o *turismo gay*. No Brasil mesmo, em 2008, o EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo, junto com o Ministério do Turismo lançam o portal THE LOVELAND (www.theloveland.net) que apresenta o Brasil como um destino *gayfriendly*. Essa estratégia de marketing já é utilizada por várias cidades no mundo como Buenos Aires, Sidney, Paris, Londres, Amsterdam, Nova York e Jerusalém, por exemplo. E pode ser exatamente aí que se encontra o cerne da questão: segmentação em turismo. Cada vez mais, percebemos a adequação do produto/serviço turístico às especificidades do público esperado. No século XXI, o *turismo gay* se estabelece como um produto especializado, ganhando e agregando novas características e valores. Apesar de matéria controversa, o fato é que um maior número de destinos se especializa para receber determinados perfis de turistas.

Se, por um lado, há um mercado ávido por produtos já bem formatados para o turismo, ao mesmo tempo se coloca em xeque outras funções da atividade turística que vão além do seu processo produtivo e adentram as fronteiras da discussão frente às novas identidades, igualdades, diferenças e complementaridades. Essa deverá ser uma das funções do turismo no século XXI: promover discussões a partir das identidades. No século XX o principal motivador do turismo era visitar o patrimônio arquitetônico mundial, com olhar direcionado a lugares bastante visitados, dotados de estrutura turística, com o objetivo de

conhecer o maior número de monumentos em menos tempo, através de roteiros bastante engessados e pouco contato com a cultura local.

No século XXI a atividade turística parece estar tomando novos rumos. Não podemos afirmar que o turista hoje tenha outros objetivos – até por acreditar que sempre viajamos para conhecer diferentes realidades e culturas, característica intrínseca do turismo. Em contraposição ao processo de virtualização, viajar para conhecer culturas ou outras formas de organização social, mesmo que seja para perceber seu exotismo, vem se tornando uma das mais importantes motivações para as viagens. Em tempos de relações humanas fragilizadas, postas em xeque periodicamente através da violência e da intolerância, o turismo apresenta-se como força-motriz para novas percepções das características de uma humanidade em constante transformação. Apesar de o desenvolvimento tecnológico ter como principais características a diminuição das distâncias, a aproximação das pessoas e a aceleração na consecução de processos e projetos, aumentaram também as lutas por espaço em comunidades ameaçadas, com identidades em transformação.

A proposta desse trabalho, mais do que organizar uma revisão bibliográfica do turismo e sua história, é discutir alternativas para um saber-fazer turismo, que se opõe ao fazer-saber turismo – termos defendidos por Moesch, professora da PUC-RS. A análise de movimentos turísticos – e aqui estaremos nos restringindo à Semana Rainbow de Juiz de Fora – pretende incrementar melhores formas de se fazer turismo. A obra organizada pela professora Maruscha Moesch, defende a utilização de bases científicas para a pesquisa em turismo. A intenção é promover o turismo não apenas como conjunto de ações em prol do bem-estar do turista, mas como movimento social maior, que envolve migração temporária, adquire “ares de indústria” no fim do século XX, portanto devendo ser analisado a partir das relações sociais que gera, tanto para o público viajante como também para a comunidade que o recebe.

Em se tratando de turismo gay talvez essas mudanças ou essas reflexões se tornem ainda mais prementes. O que espera encontrar o turista que vem para Juiz de Fora? Quando esse turista rompe suas “fronteiras” – na mais ampla acepção da palavra: territoriais, geográficas, quando “saem do armário” (*coming out*) ou para os “assumidos” –, todo esse movimento tem também muito de divertimento, alegria e confraternização. Mas que também deve ser usado como espaço para a conscientização política a respeito das identidades homossexuais, diante a todos os seus desafios e inquietudes.

Se por um lado o turismo tem a capacidade inerente de modificar indivíduos, em direção oposta há uma série de transformações a partir dos deslocamentos turísticos: impactos positivos e negativos podem ser percebidos. Se até há algum tempo só eram estudadas as mudanças que ocorriam com o visitante, a pesquisa científica atualmente caminha para estudos a respeito da comunidade que recebe e das conseqüências dessa interação. A pergunta ainda sem resposta é: além das enormes cifras que o turismo gera, quais outros setores da sociedade e do comportamento humano são movimentados?

3.1 TURISMO DE EVENTOS

Desde as remotas civilizações, as comunidades sempre procuraram se reunir com diferentes objetivos (festejos, rituais sagrados e/ou religiosos etc). Entretanto, se analisamos os eventos pela perspectiva de benefícios trazidos aos investidores às comunidades receptoras, Marisa Canton destaca a criação em 1895 do primeiro *Convention & Visitors Bureau*, em Detroit (EUA), com o objetivo de promover a cidade, que apresentava sérios problemas financeiros.

Para melhor esclarecer sobre o desenvolvimento do turismo de eventos no Brasil, o Ministério do Turismo lançou em 2008, as orientações básicas para o turismo de negócios e eventos que reiteram sua importância ao informar que

Os deslocamentos realizados com finalidades comerciais e para participação em eventos ocorrem desde as antigas civilizações. Tornaram-se comuns a partir da Revolução Industrial, quando as viagens tomaram grande impulso, facilitadas principalmente pelo aprimoramento dos meios de transporte e de comunicação. A globalização e a formação de blocos econômicos são alguns dos fatores que configuraram um movimento internacional sem precedentes para a efetivação de transações e relacionamentos de caráter comercial e a realização de eventos com finalidades e interesses diversos. (Disponível em Turismo de negócios e eventos: orientações básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília: Ministério do Turismo, 2008.)

No Brasil, a iniciativa de catalogar possíveis locais para a realização de eventos se deu no ano de 1949, com a criação do *Convention Liason Council*, iniciativa que antecedeu a criação do São Paulo *Convention Bureau* (1983) e do Rio de Janeiro *Convention Bureau* (1984). Um dos setores do turismo que mais se desenvolve, os eventos apresentam diferentes categorias e classificações, podendo ser de cunho artístico-cultural, técnico-científico, cívico, desportivo, educativo, empresarial, informativo, folclórico, governamental, político, de lazer, religioso, social e turístico – para citar categorias mais importantes apresentadas por Meirelles (2004, p. 20-21). Em uma tentativa de conceituar eventos como os entendemos atualmente, Canton (2002, p. 70-71) os define como sendo um

Conjunto de atividades destinadas à otimização de ações profissionais em busca de resultados qualificados e quantificados junto ao público-alvo, seu organizador deve possuir, além do conhecimento e habilidades essenciais de administração e gerência, a criatividade para olhar velhos problemas sob novos ângulos e visão estratégica, para bem utilizar os instrumentos e ferramentas disponíveis para sua realização.

Se por um lado há grande movimentação espontânea de turistas em busca de descanso, lazer e divertimento, em contraposição há um grande contingente de pessoas viajando a negócios ou para eventos. Beni (2003, p. 38) observa que “o setor de eventos é o segmento que mais cresce no mercado mundial de turismo, movimentando por ano aproximadamente US\$ 35 bilhões, segundo dados da OMT”. Em seu livro “Globalização do Turismo”, Beni (*idem*) apresenta dados atuais e antevê boas expectativas para o futuro do mercado de eventos no Brasil,

Em 2001, os eventos geraram no Brasil renda de US\$ 37 milhões. Desses, US\$ 31,4 milhões procederam de gastos dos participantes, e US\$ 4,1 milhões de tributos. Tiveram cerca de 80 milhões de participantes que gastaram, em média R\$ 392,00 por dia. O setor gerou três milhões de empregos, com 777.624 diretos ou terceirizados, e outros três indiretos para cada um desses, num total de 330 mil eventos.

A WTTC (*World Travel e Tourism Council*)¹⁸ também prevê um futuro promissor para o turismo mundial, com taxas de crescimento próximas a 4% ao ano, em previsões válidas até para o ano de 2020. Sobre o desenvolvimento específico do turismo de eventos no Brasil, o site oficial da Associação Brasileira das Empresas de Eventos (ABEOC) informa que

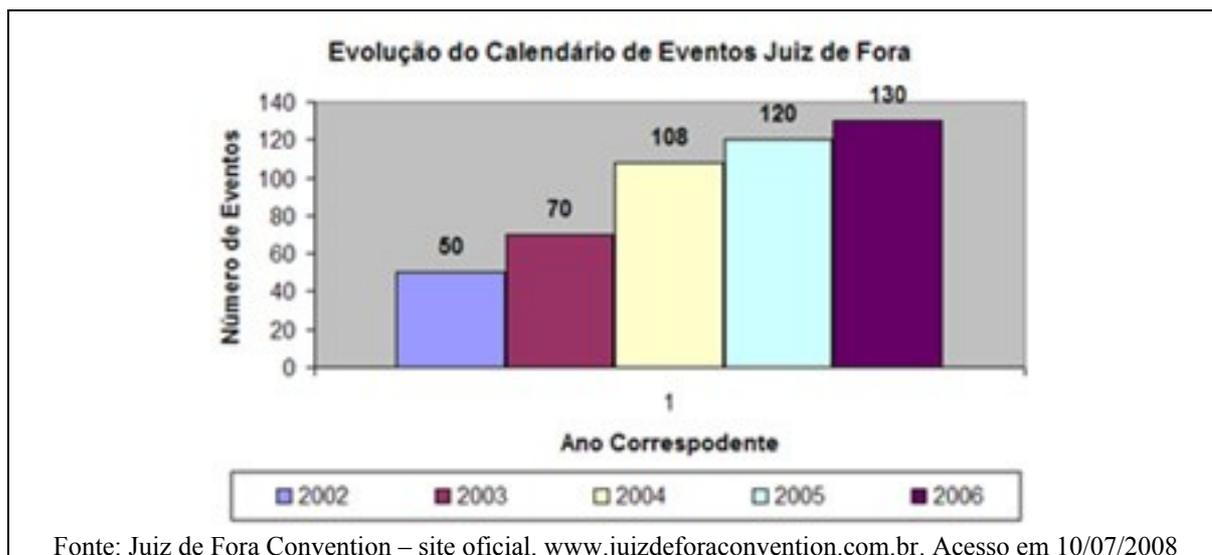
de acordo com a ICCA (International Congress and Convention Association), a mais importante entidade internacional do setor, o Brasil assegurou a 8ª posição no ranking mundial com 209 eventos internacionais realizados em 2007. O País é o líder na América Latina e, nas Américas, só fica atrás dos Estados Unidos. Desde 2003, o país subiu 11 posições no ranking da ICCA – naquele ano era o 19º colocado, com 62 eventos. (link: <http://www.abeoc.org.br/20080828180634.php>)

Segundo dados do www.gay.com - um dos maiores *sites gays* do mundo, o Brasil encontra-se entre os cinco melhores países na recepção ao turista LGBT, ao lado de Canadá,

¹⁸ A principal missão do órgão é promover ações de sensibilização para a importância de Viagens & Turismo, promovendo sinergias entre os setores público e privado, gerando lucros, bem como a proteção natural, ambiente social e cultural, conforme delineado no Novo Modelo de Turismo.

Inglaterra, Austrália e Espanha. De acordo com dados da imprensa nacional a indústria do turismo gay rendeu aos EUA US\$ 60 milhões em 2004, e no Brasil a EMBRATUR prepara planos para atrair homossexuais, porque segundo a IGLTA os gays gastam mais de 100 dólares a mais por dia que os turistas heterossexuais, enquanto o turismo gay movimentava 55 bilhões de dólares. Como relativamente poucos gays têm filhos, eles freqüentemente possuem renda maior e têm mais liberdade para viajar fora das férias, além de poderem tirar férias mais freqüentes e mais longas do que a maioria dos casais heterossexuais com filhos. Com relação ao turismo brasileiro, é importante ressaltar a importância do turismo gay, que cresceu 65% em 2004. Em Juiz de Fora, não poderia ser diferente. Produzir um evento, ao longo de 32 anos, para o público gay, é trabalhar a segmentação em turismo. Em um dos fins de semana de agosto a cidade recebe mais de 10.000 pessoas, que injetam na economia da cidade mais de R\$ 8 milhões de reais, ocupando 100 % da rede hoteleira e aumentando a demanda por muitos produtos e serviços da cidade. Além de ser um evento que gera uma enorme visibilidade para a cidade, com seu espírito *gayfriendly*.

Se no Brasil e no mundo há dados estatísticos do turismo de eventos e negócios, o mesmo pode ser dito com relação à cidade de Juiz de Fora, segundo dados disponibilizados no site oficial do Juiz de Fora Convention, apresentando uma curva ascendente até o ano de 2006, com um total de 130 eventos realizados na cidade naquele ano. Sobre os anos de 2007 e 2008 o órgão ainda não disponibilizou dados.



O gráfico representa o incremento na atividade turística concomitante ao estabelecimento do *Convention & Visitors Bureau*¹⁹ na cidade, que tem como principal objetivo o desenvolvimento do turismo na localidade e região. Em 2008, o turismo na cidade e região vive um momento de melhor estruturação²⁰, mas ainda com restrito apoio do primeiro e segundo setores da economia local.

Apesar de a cidade de Juiz de Fora apresentar nos eventos e negócios seu principal motivador para o turismo, com a implantação da Secretaria de turismo, indústria e comércio, pouco tem se avançado na busca para melhores condições, bem como maior número de eventos e oportunidades de negócios. O setor ainda se encontra desorganizado, com épocas de saturação da capacidade da cidade (hospedagem, alimentação, transporte público) em contraposição a outras quando poucos (ou nenhum) eventos são realizados.

¹⁹ O JUIZ DE FORA E REGIÃO CONVENTION & VISITORS BUREAU é uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, dotada de autonomia administrativa, constituído em 12 de julho de 2001. Sua finalidade precípua é contribuir para o desenvolvimento turístico sustentável da cidade de Juiz de Fora e Região, através da captação, apoio e incremento de eventos em geral, com o objetivo de atrair e aumentar o fluxo de visitantes na Região, bem como promover o desenvolvimento e a difusão cultural, científica, tecnológica e artística.

²⁰ O circuito turístico “Caminho Novo” foi registrado recentemente, na data de 30 de setembro de 2008 e é um dos XX circuitos nos quais foi subdivididos os estados brasileiros. Como parte do Plano Nacional de Turismo, a homologação do circuito é fundamental para que a atividade turística seja praticada dentro da legalidade e com sustentabilidade.

O acompanhamento das atividades turísticas na cidade revela que ainda é restrita a captação de eventos de repercussão internacional e/ou nacional. A maior parte dos eventos é regional ou local, com raio de alcance ainda muito limitado. Aliado à agenda ainda mal planejada, a dificuldade aumenta em função dos poucos e pequenos espaços para a realização de eventos. Esses espaços são, na maior parte das vezes, pequenos, com falta de estrutura, sofrem com a dificuldade de acesso, ou com problemas de operacionalização. Para exemplificar, pode ser citado o caso do Expominas, que tem sua utilização ainda bastante limitada em função de alguns entraves estruturais: condições de acesso, ausências de sinal para telefonia celular, dificuldade de implementação de políticas para a ocupação do espaço.

Mais que elencar os motivos pelos quais o turismo de eventos e negócios ainda não é uma tendência consolidada para a cidade de Juiz de Fora, empreendedores e público-alvo, é preciso vislumbrar cenários futuros em que, se houver vontade política e integração com a gestão privada, a cidade poderá constar entre os importantes destinos para a realização de eventos na região e no país. Sua localização geográfica aliada à capacidade de crescimento são fatores que em muito poderão contribuir para o desenvolvimento do setor de turismo.

3.2 MISS BRASIL GAY: 32 ANOS DE LUXO, GLAMOUR E LUTA

O Miss Brasil Gay é um dos mais importantes concursos de beleza – que elege o mais belo transformista brasileiro – através de uma competição entre os 27 estados que compõem a República Federativa do Brasil. As candidatas são eleitas em concursos realizados em diferentes cidades que acontecem sob a responsabilidade dos “coordenadores de estado”. A disputa no Miss Brasil Gay se divide em duas etapas: traje típico e traje de gala. Há ainda a eleição da Miss Simpatia. A avaliação se dá por um corpo de jurados, sob a presidência do

coordenador geral do evento, Francisco Motta (nessa noite, Mademoiselle Debret Le Blanc). O evento tem uma média de 06 horas de duração, com concurso e diversas apresentações artísticas se alternando do palco. Os shows variam em estilo, indo do cômico ao dramático, numa sucessão de dublagens de músicas consagradas, com intensa participação do público. O divulgação dos resultados e premiação da Miss Brasil Gay são o momento mais esperado da noite, com muitos aplausos e (sempre) muita controvérsia, coroando também a noite da diversidade em Juiz de Fora.

Para contar a história do concurso Miss Brasil Gay, devemos partir de dois momentos históricos importantes. O primeiro deles é o início da organização do movimento homossexual no Brasil, no fim dos anos 60, a reboque dos movimentos feministas e de contra-cultura que ocorriam em grande parte do mundo ocidental capitalista. Nos anos 70, a defesa da dissertação de mestrado “O homossexual visto por entendidos”, da prof^a. Carmen Dora Guimarães, tornou-se uma das primeiras experiências acadêmicas que se propôs pesquisar um grupo de homossexuais que moravam no Rio de Janeiro, oriundos de outras cidades e estados do país²¹. É também dessa época o lançamento do primeiro jornal *gay* do país, *O Lampião da Esquina*, editado pelo escritor Aguinaldo Silva e que contou com a participação de vários intelectuais. O artigo *Memória e discurso – ‘o lampião da esquina’ e a construção da identidade homossexual*, de autoria de Almerindo Cardoso Simões Junior²² esclarece que

O jornal “*O lampião da esquina*” apresentava enfoques um tanto quanto inovadores para o discurso homossexual da época: em primeiro, tratava-se de um dos primeiros jornais impressos destinados a essa parcela da população, já que a maioria dos existentes até então

²¹ Dissertação de mestrado defendida em 10 de novembro de 1977, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ, sob orientação de Gilberto Velho. A autora nasceu no Rio de Janeiro em 1929 e faleceu em agosto de 2000. A obra foi dada como perdida durante muitos anos e publicada em 2004, dentro da coleção Sexualidade, gênero e sociedade, pela editora Garamond Universitária (Rio de Janeiro).

²² O texto está disponível na íntegra na internet, porém não faz alusão a datas Disponível em: [HTTP://WWW.FILOLOGIA.ORG.BR/VIICNLF/ANAIS/CADERNO05-14.HTML](http://www.filoologia.org.br/viicnlf/anaais/caderno05-14.html). Acesso em 10/07/2008.

eram mimeografados. Apresentava poucas figuras, uma diagramação nada inovadora, sóbrios tons de vinho ou verde, e uma seqüência de textos que demandava uma leitura atenta. Não buscava fazer o que o próprio jornal chama de “columismo social” (*O lampião*, nº 0, p.5). Sua leitura, entrelaçando informações culturais, como dicas de filmes, livros ou espetáculos (*O lampião*, nº 0, p.12,13), trazia artigos de contexto mais denso como o papel da mulher, a perseguição aos homossexuais no período Nazista, ou – tocando num assunto polêmico – a questão do prazer sexual. (*O lampião*, nº 0, p. 4,5). A edição de número 1, mantém o clima polêmico ao trazer um artigo onde um padre fala da relação igreja e homossexualidade (nº 1, p. 7).

Entre os anos 1978 e 81, foram publicadas 37 edições do *Lampião da Esquina*. O editorial nº. 0 deixa claro quais eram os objetivos do jornal que, através de diferentes visões, defendeu os homossexuais ao mostrar

Que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem; que ele não é um eleito nem um maldito; e que sua preferência sexual deve ser vista dentro da condição psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter poder ter, *Lampião* deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. (*O lampião*. Editorial, nº 0)

Os concursos de beleza, tão característicos dos anos 70 e 80, foram o outro grande impulsionador da criação do Miss Brasil Gay. Apaixonados por concursos de beleza e misses, pelas cantoras, pelas estrelas do cinema um grupo de amigos praticava o transformismo em Juiz de Fora dos anos 70. Na primeira edição do concurso, em 1.976, a primeira Miss Brasil Gay foi Soraia Jordão²³. Com roupas e acessórios femininos, os amigos se travestiam e realizavam concursos de beleza - que aconteciam nas dependências da casa de algum deles. Muitos desses concursos, antes de serem realizados abertos ao público, aconteceram na casa de Francisco Motta, o Chiquinho Cabeleireiro – criador, produtor e

²³ Há alguns anos, a 1ª Miss Brasil Gay passou por operação de mudança de sexo. Devido a fatores não explicados, apesar de procurada para dar depoimento sobre o evento, a mesma recusou-se a fazer qualquer declaração.

diretor geral do espetáculo até os dias atuais, apesar de ter sofrido derrame cerebral em 2006 que deixou seqüelas na fala e com problemas de locomoção.

O Miss Brasil Gay teve sua primeira edição no ano de 1.976, como o resultado de uma ação entre amigos que queriam ajudar uma escola de samba de Juiz de Fora, cujo nome é G.R.E.S. Juventude Imperial, que se encontrava em dificuldades financeiras. O evento surge como possibilidade de arrecadação de recursos financeiros para a escola de samba e também como tentativa de profissionalização de uma brincadeira que já acontecia com frequência da casa de alguns homossexuais da época.

Como testemunha ocular dessa história, entrevistamos Stella Caldas²⁴, que declarou:

A idéia do Concurso partiu da cabeça do maravilhoso Francisco Motta, que participava dos concursos de Miss Brasil no maracanãzinho (Rio de Janeiro). Então, com o apoio da Escola de Samba Juventude Imperial o Chiquinho resolveu realizar o concurso com gays no Ginásio do Sport. No primeiro ano, tínhamos medo da repercussão do concurso, não sabíamos como a sociedade da época iria reagir. Não fui vestido de mulher, mas usei uma roupa meio andrógina, feita para noite em tecido jeans. Me lembro que usava uma bota preta até a altura do joelho e uma carteira enorme feita com pele de coelho. Também vendia ingressos e ajudava as estrelas Chiquinho, Mallu, Samantha entre outras amigas se vestirem. Meu nome só apareceu mais tarde: STELLA MARIS CALDAS.

Entretanto, recontar essa história se tornou tarefa complicada por não haver acervo organizado. A pesquisa em fontes primárias e secundárias aliado à necessidade de formatar projeto de captação de recursos junto ao Ministério do Turismo (que exige histórico documentado do evento) nos permitiu ter acesso a material que julgamos importante – e será apresentado posteriormente. O histórico do evento pôde ser recontado através da análise de

²⁴ Nome dado à personagem criada por um espectador que freqüentou todas as edições do evento. Inclusive como candidata. Essa opção tornou-se fundamental devido aos problemas de saúde (já relatados) que impossibilitam Francisco Motta de dar depoimento. O entrevistado condicionou a entrevista ao anonimato de seu nome verdadeiro. A entrevista foi concedida via e-mail, contou com 12 perguntas e foi realizada durante o mês de outubro de 2008.

alguns ingressos, com a apreciação das fotos de todas as misses eleitas²⁵ e por diversos depoimentos ouvidos ao longo desses anos.



²⁵ A foto da Miss Brasil Gay 2008, Lizandra Brunelli (Leonardo Pavanello) encontra-se separada e em destaque por ter sido anexada após a organização do material.

Últimas Vencedoras



2001 Alessandra Vargas
Goiás



2002 Taíssa Nogueira
Tocantins



2003 Mylena Schieffer
São Paulo



2004 Renata Fink
Pernambuco



2005 Mirella Aciolly
Rio de Janeiro



2006 Layla Kenn
Bahia



2007 Ianka Ashylen
Espírito Santo



Fonte: Acervo pessoal

Ainda de acordo com o depoimento de Stella Caldas, as várias edições do concurso nos permitem revelar momentos engraçados, pitorescos e inusitados envolvendo público, candidatas e organizadores do concurso.

Nestes anos já vi de tudo: miss revoltada por ter perdido e aí quebrando troféus, jogando ferro elétrico (brindes que eram dados na época) para o alto, entre outras briguinhas. Teve um ano no Sport que uma amiga, Silvana, dormiu sentada no vaso do banheiro. Quando no domingo, depois da festa, a faxineira foi limpar os banheiros, lá estava ela, a bela Silvana assentada no vaso, dormindo. Teve um ano que a representante do estado da Paraíba trouxe sua esposa e filho (um bebê que ainda estava amamentando) que ficaram no camarim enquanto ela realizava sua performance no palco. Teve também o caso da miss Minas Gerais 82, que o pai entrou no clube para matar o filho que se vestia de mulher. Especulações e fofocas à parte, digo que o pai da miss não foi lá para matá-la, mas sim para ver a coragem que o filho tinha de se vestir e participar de um concurso, lógico que não gostando do que estava acontecendo. Posso dizer de cadeira porque a miss era eu. Portanto, o pai era o meu. Tudo aconteceu por causa de uma ligação anônima para minha casa (lógico que alguma despeitada) dizendo que eu estaria lá no concurso. Meu pai não acreditou e foi conferir. Mas nunca ia matar o filho e sim tentar tirá-lo deste caminho que para ele, uma pessoa muito conhecida na cidade, era uma vergonha.

Passados 32 anos de existência, constatamos nessa trajetória de luta e sucesso novas percepções a respeito do evento, de acordo com Trevisan (2007, p. 380),

Sinal dos novos tempos: o tradicional concurso de travestis Miss Brasil Gay, anualmente realizado em Juiz de Fora (MG), passou a integrar o calendário turístico oficial da cidade e se politizou através da criação paralela do Rainbow Fest (Festival Arco-Íris), constituído de espetáculos, feira de produtos GLS, exibição de vídeos, exposição de arte e debates sobre homossexualidade, na semana anterior ao concurso, que em 1999 teve sua 23ª edição.

Para contar parte dos 32 anos de história do Miss Brasil Gay utilizaremos diferentes momentos do evento, pesquisados em jornais locais, a saber: o Diário Mercantil e o Tribuna de Minas. Nesse momento da pesquisa, não se objetiva ainda fazer a análise da cobertura jornalística do evento, mas sim utilizá-los como fonte de pesquisa para tentar se (re)contar história do concurso.

No ano de 1976, em sua primeira edição, o concurso é citado em uma matéria apresentada a seguir²⁶ (Figura 01). Ali se pôde perceber a preocupação em apresentar o evento como exótico, inusitado, caricatural e curioso. A coluna TOK do Diário Mercantil (Foto 02), no ano de 77, anunciava a realização do segundo “Miss Gay”, num texto que se utiliza do jargão “buxixo”, por três vezes faz menção no número 24 (número que, preconceituosamente, se refere aos homossexuais) e termina citando que “certamente haverá grande afluência de curiosos”. São indícios de que nessa época o evento era retratado como exótico.



²⁶ Fonte não localizada.

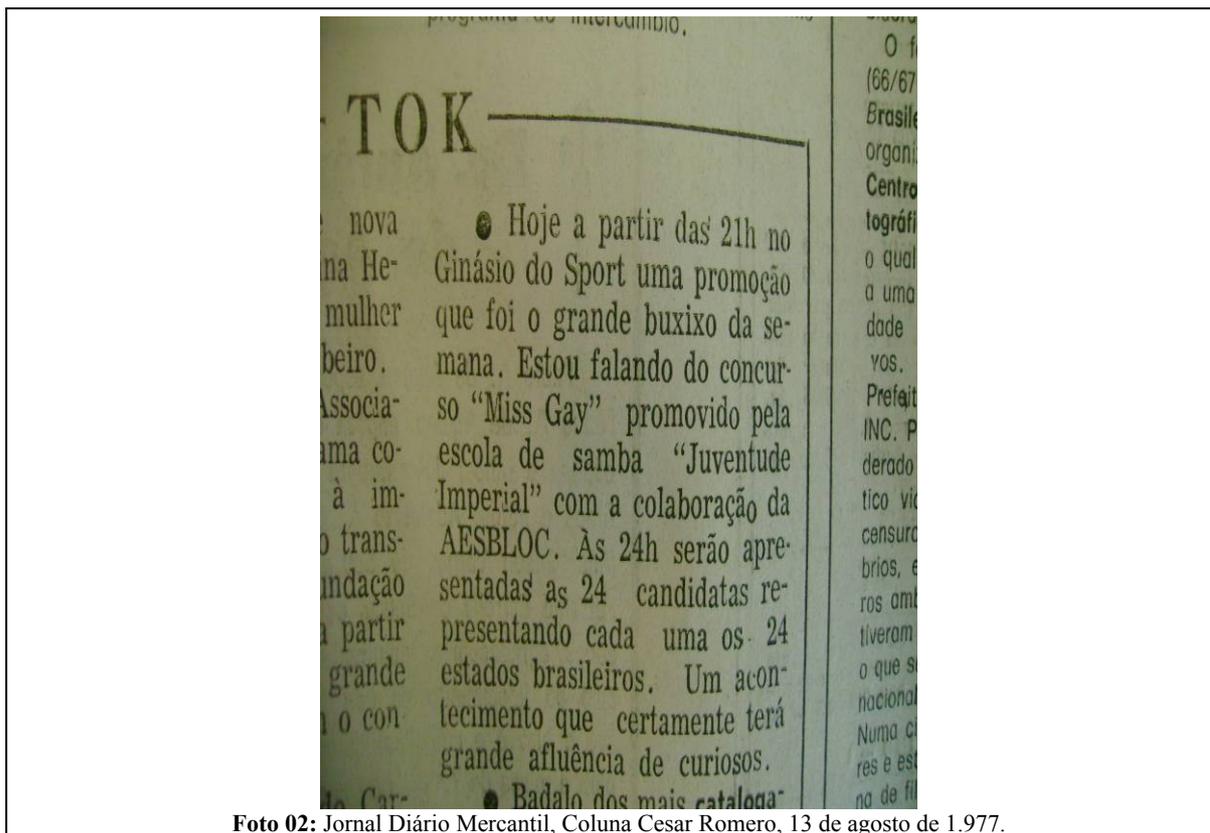


Foto 02: Jornal Diário Mercantil, Coluna Cesar Romero, 13 de agosto de 1.977.

A cobertura de 1992, além de se manter nas colunas sociais, ocupa também o caderno de economia. A coluna “Agenda econômica” do jornalista Ismair Zaghetto (Figuras 03 e 04) apresenta essa mudança quando menciona o Miss Brasil Gay 92 como “o maior evento turístico da cidade”, ao mesmo tempo em que reforça seu caráter de espetáculo e arte. O texto também se refere à importância do evento para a rede hoteleira e solicita o apoio da iniciativa privada.

No mesmo ano, a entrevista de um dos responsáveis pela organização do Miss Brasil Gay, o empresário André Pavam (Figuras 05 e 06), reitera a possibilidade de negócio na qual o evento estava se transformando. Quando o empresário salienta “a festa só acontece porque o povo quer que ela aconteça” pode-se perceber a importância que o evento já tinha para a cidade. Sob o título “Com a atmosfera de uma guerra de estrelas, Miss Brasil Gay escolhe sua rainha”, o jornal Tribuna da Tarde retrata os 15 anos do evento que ganha visibilidade ao contar com a presença de atrizes reconhecidas nacionalmente (na foto 05:

Neusa Amaral e Lady Francisco). Nas duas matérias (Fotos 04, 05, 06), a comunidade homossexual passa a ser apresentada como consumidora.



Figuras 03 e 04: Tribuna da Tarde, Coluna AGENDA – jornalista Ismail Zaghetto, 15 de agosto de 1992.



Figuras 05 e 06: Tribuna da Tarde, TT Dois (Caderno de Cultura), 14 de agosto de 1992.

Ainda de acordo com a cobertura do ano de 1992 (Figura 07), pode-se perceber uma nova angulação, agora para as questões identitárias da comunidade homossexual. As

matérias começam a migrar novamente, dos cadernos de economia para os cadernos de comportamento. O foco das matérias passa a ser, ainda muito timidamente, o intrincado sistema de signos e significados que envolvem a homossexualidade. Nas matérias apresentadas abaixo há a utilização de termos como “luxo”, “kitch”, “sonhos e fantasias” (Foto 07).



Figura 07: Jornal Tribuna da Tarde, TT Dois (Caderno de Cultura) - 18 de agosto de 1.992.

Aliado às matérias apresentadas acima, a cobertura jornalística do evento em outros anos, a percepção desse pesquisador (como espectador e, posteriormente, como estudioso e consultor) e comentários ouvidos nos permitem visualizar a carreira ascendente do evento, com público médio anual em torno de duas mil pessoas. Esse público é composto por homossexuais e também por heterossexuais, entre os quais devemos destacar a presença de famílias e senhoras. Além das pessoas presentes no espetáculo, a tradição do evento faz permite com que a cidade de Juiz de Fora receba mais 10 mil turistas, de acordo com os números da pesquisa relacionados aos últimos três anos (2006, 2007 e 2008).

3.3 MISS BRASIL GAY E DESTINOS TURÍSTICOS *GAYFRIENDLY*

Um recorte na história da homossexualidade no Brasil pode levar a momentos de tortura, com dor, sofrimento e violação dos direitos humanos, como também nos permite sediar a maior parada do orgulho gay do mundo, em São Paulo. Conforme matéria publicada pelo jornal *Folha de S.* no dia 26 de maio de 2008, reuniu público aproximado de 3,4 milhões²⁷, no domingo, 25 de maio. Naquele fim de semana, os hotéis apresentaram taxa de 85% de ocupação, com 340 milhões de reais injetados na economia da cidade. Em São Paulo, a Parada do Orgulho Gay já ocorre há 12 anos e é um dos maiores eventos da cidade, auxiliando muito na inversão da curva da ocupação hoteleira da cidade que, por sediar grande número de eventos empresariais ou técnico-científicos, apresenta maior demanda pelos dias da semana.

De acordo com a ICCA²⁸, o turismo de eventos é a modalidade de turismo que mais se desenvolve no mundo. Motivadas pela ciência, pelo lazer, pelos negócios, cada vez mais um maior número de pessoas viaja e alimenta o mercado de eventos. O Brasil ainda é mercado potencial, que muito se expande, mas tem seu sucesso emperrado pela falta de superestrutura e infra-estrutura turística, além da baixa qualidade dos serviços e equipamentos

²⁷ Dados divulgados pelo site UOL – FOLHA DE SÃO PAULO. Data: 25/05/2008. Acesso em 04 de julho de 2008. Link: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u406419.shtml>

²⁸ ICCA - *International Congress & Convention Association*, maior entidade mundial do setor de eventos. Consulta eletrônica: <http://www.abeoc.org.br/rj/20070716172852.php> em 01/10/07.

turísticos. De 2002 a 2006, o Brasil subiu 14 posições no ranking de eventos internacionais recebidos, saindo do 21º lugar para o 7º, em 2006. A participação do mercado do Brasil na América Latina por número de eventos foi de 37%, em 2005, e 42%, em 2006. O turismo de negócios e eventos pode ser – e tem sido – fonte para outras modalidades, como a do turismo cultural – teatro, música, museus, parques, conjuntos arquitetônicos históricos.

Em se tratando de turismo segmentado, o mercado do “*pink money*” é um dos mais promissores em nível mundial e movimenta milhões de dólares em todo o mundo. Em cidades como Buenos Aires, Nova York, Paris, Sidney e Jerusalém há políticas públicas de turismo que têm como objetivo transformar a cidade em um destino *gayfriendly*.

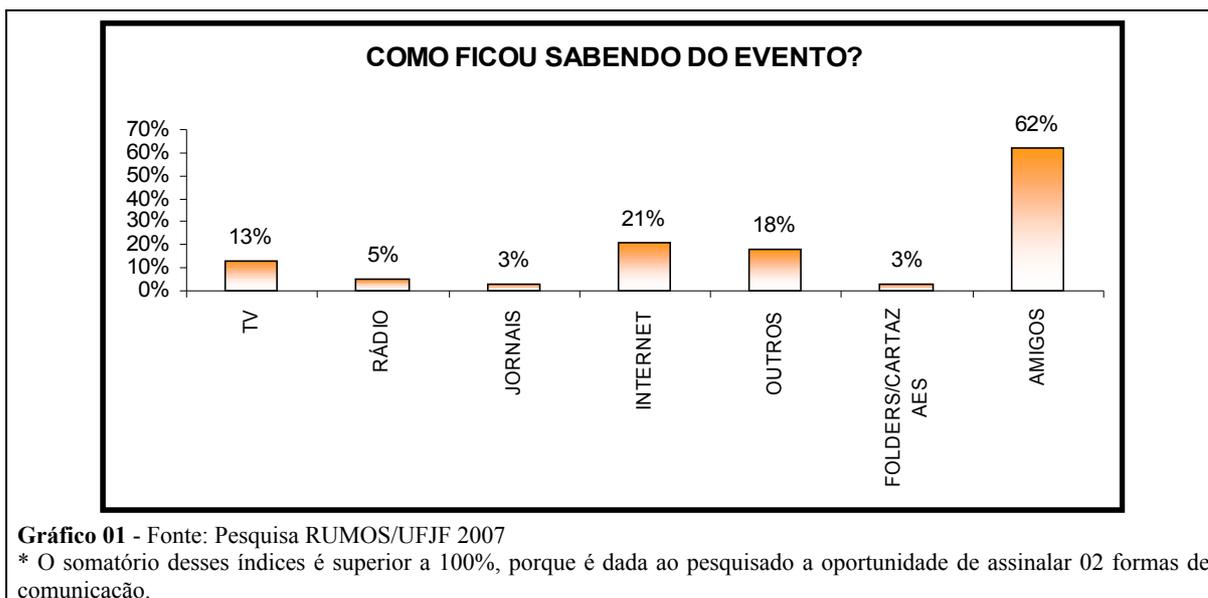
Em Juiz de Fora, há 32 anos acontece o Miss Brasil Gay (o evento no ano de 2.008 esteve na sua 32ª edição, mas uma delas foi realizada na cidade do Rio de Janeiro – ano de 2.004). Há 11 anos, houve um aumento das ações voltadas para o público homossexual: Rainbow Fest organizado pelo MGM (Movimento Gay de Minas) que é composto por atividades que, durante vários dias, debatem a homossexualidade – em palestras, cursos para professores, treinamento para taxistas, shows, festas, Parada do Orgulho LGBT e da cidadania, exposições, mostras, feiras (de produtos alternativos) etc. Torna-se importante frisar que o Rainbow Fest foi criado pelo MGM há 10 anos atrás, sob a inspiração da realização de mais uma edição do Miss Brasil Gay. Uma série de eventos que em um primeiro momento visam atender ao público homossexual, mas que foi, ao longo do tempo, se transformando no maior evento da cidade, reunindo mais de oito mil turistas e uma parte da população local.

Em caráter exploratório, serão apresentados abaixo dados da “Pesquisa de perfil da demanda turística da semana do orgulho *gay* de Juiz de Fora”, aplicada desde 2001 pela UFJF, Movimento Gay de Minas (MGM) e posteriormente, pela RUMOS (Empresa Junior de Turismo - UFJF), sob a coordenação de três professores que se alternaram na função: Marcelo

Carmo Rodrigues (2003-05, 2007), Oswaldo Braga (2006) Tereza Catramby (2001-02). Os dados apresentam categorias de análise, que indicam mudanças significativas que vêm acontecendo ao longo dos anos e podem ser entendidas como novas possibilidades de inclusão social através do turismo. Nesse momento, será analisada somente a edição 2007, quando foram aplicados 627 questionários, nos dias 18 e 19 de agosto de 2007, por 25 alunos-pesquisadores do curso de Turismo da UFJF. Na etapa de tabulação e análise dos resultados a equipe utilizou-se do software estatístico SPSS (*Statiscal Package for the Social Sciences*) sob a coordenação deste pesquisador e supervisão do professor Antônio Fernando Beraldo, do Departamento de estatística da UFJF.

Segundo a pesquisa, a maior parte do público que visita Juiz de Fora nessa semana é homossexual (82%) masculino (65%), com idade média até 32 (53%) anos. Seu grau de instrução é superior completo (55%), com renda de até sete salários mínimos (37%). Esse público veio em automóvel próprio (50%), com gasto médio/dia de até 500 reais (45%) entre hospedagem, compras (40%) e restaurantes (36%). É composto em sua maioria por turistas dos estados de Minas Gerais (41%), Rio de Janeiro (40%) e São Paulo (12%), mas pode-se constatar a presença de turistas de todas as regiões do país, inclusive do exterior. Os resultados da pesquisa atestam se tratar de um evento importante para o turismo e a economia da cidade.

O gráfico 01 está relacionado ao meio através do qual o público toma conhecimento do Miss Brasil Gay. Com 21%, a internet fica em segundo lugar entre os formatos de veiculação do evento. Em primeiro lugar, encontram-se os amigos (62%), ou seja, a comunicação interpessoal ainda é ferramenta de divulgação, indício da coesão grupal. Outro dado que registra a força da comunicação interpessoal é o fato de grande parte dos turistas se hospedarem na casa de amigos (31%).



Em 2007, diferente de outros anos, aproximadamente 60% dos turistas chegaram sexta-feira à cidade. Esse número tem aumentado a cada ano e significa receita maior para os equipamentos turísticos. A chegada do turista na sexta-feira não somente representa incremento na economia, mas pode ser entendida como a solidificação de ações de marketing e aumento da cobertura jornalística. Se mais órgãos de comunicação estão cobrindo o evento, com maior alcance de informações, mais pessoas tomarão conhecimento da programação da cidade e mais cedo passarão a se dirigir para Juiz de Fora. O aumento nas reservas dos hotéis também pode ser avaliado como uma maior organização dos turistas que começam a programar sua viagem com antecedência. Ao todo, 73% dos turistas já vieram até quatro vezes e 96% pretendem voltar: esses dois índices reiteram o projeto de luta pelos direitos dos homossexuais e inclusão social posto em prática a partir da realização dos eventos.

Os índices apresentados são instrumentos para discutir se a “Semana do Orgulho Gay” promove ações em prol da comunidade GLBT, ao mesmo tempo em que apresenta material para discutir homossexualidade e identidades. Aliada à pesquisa quantitativa também, nos dois primeiros anos em que esse pesquisador esteve junto à organização do

evento (2006 e 2007) começaram a ser organizados dados que buscam demonstrar a hipótese de que eventos também auxiliam na inclusão social e desenvolvimento sustentável.

Portanto, a pesquisa aponta o evento como um dos mais importantes da cidade e representativos do gênero em todo o mundo. De acordo com *Devassos no paraíso*, o Miss Brasil Gay sempre foi um dos mais importantes instrumentos da luta homossexual no Brasil, além de situar Juiz de Fora como a cidade que promove a inclusão social, através de uma das mais belas festas *gays* do mundo.

4 DIREITO À COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Os direitos do indivíduo são divididos entre civis, políticos e sociais. Dentre eles estão o direito à informação e à comunicação, assegurados pela Declaração dos Direitos Humanos (1948) em seu 19º artigo: “todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e idéias por quaisquer meios de expressão”. Como parte deste direito está a liberdade para procurar, receber e difundir informação.

O desenvolvimento da comunicação de massa durante o século XX elevou ao máximo a virtualidade do processo de comunicar-se, impingiu velocidade ao repasse de informações e auxiliou na desterritorialização das identidades. Atualmente, a técnica muitas vezes supera o conteúdo; em outras, o discurso hegemônico é o mais difundido, com pequena participação popular; e nem sempre serve para aproximar povos, pelo contrário, algumas vezes incita guerras e hostilidade. Sessenta anos após a assinatura do Código dos Direitos Humanos, o direito à informação é, segundo Gentilli (1995, p.23)

um direito em si – a despeito de se configurar como um direito-meio – e assim deve ser compreendido em toda a complexidade que envolve os direitos nas sociedades modernas. É, também, e esta uma questão central, a porta de acesso a outros direitos. Nas sociedades modernas, estruturadas como democracias representativas, com já visto, todos os direitos em alguma medida relacionam-se com o direito à informação: o alargamento da participação na cidadania pressupõe um alargamento do direito à informação como uma premissa indispensável, um pressuposto.

Sobre a necessidade de reconhecer o direito à informação como direito fundamental, Ramos (2001, p. 01) alerta para o fato de que

A informação – na forma de liberdade de pensamento, de expressão, de culto e de reunião – enquanto insumo fundamental para a cidadania, faz parte da primeira geração dos direitos humanos e pode ser encontrada na gênese da modernidade ocidental. Ela gestou, no entanto, um direito humano restritivo, traduzido contemporaneamente no direito que, reconheçamos, tende a ser, fora das ditaduras e dos regimes autoritários, muitas vezes extremamente amplo. Mas, por mais amplo que possa ser, será sempre insuficiente.

Pesquisar direito à comunicação na sociedade da informação é repensar a palavra comunicar. Para Kaplún (1998, p. 64), a verdadeira comunicação “*no esta dada por un emisor que habla y un receptor que escucha, sino por dos o más seres o comunidades humanas que intercambian y comparten experiencias, conocimientos, sentimientos*”. Para o sociólogo francês Dominique Wolton, “comunicar, enfim, é sempre desejar compreender o mundo” (2006, p. 26). De acordo com Wolton (2006, p. 25), “a comunicação existe desde que os homens vivem em sociedade”. Outras análises, produzidas a partir do 7º Encontro Ibero-Americano do Terceiro Setor²⁹, nos fazem repensar o direito à informação ao proporem que

O direito à informação, evocado pelos proprietários dos meios de comunicação, aparece junto a discussões de liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Embutida em seu conceito está uma certa idéia de unidirecionalidade do detentor da informação. Temos o direito porque alguém vai nos trazer a informação, explica o sociólogo e jornalista Venício Lima. Já a idéia do direito à comunicação, dá um passo fundamental e faz com que o direito à informação quase que desapareça. (Disponível em http://www.idbrasil.gov.br/docs_prog_gesac/artigos_entrevistas/boletim_carta_maior)

Na contemporaneidade, cada vez mais percebemos a “praça pública” ou o quarto poder em que se transformaram os veículos de comunicação de massa. Ao informarem,

²⁹ Organizado pelo GIFE, o 7º Encontro Ibero-Americano do Terceiro Setor reuniu cerca de mil pessoas em São Paulo (SP), de 16 a 19 de maio de 2004, e teve como tema central *A Cidadania e suas Múltiplas Dimensões*. Juntamente com o Encontro Ibero-Americano, aconteceu a terceira edição do Congresso GIFE sobre Investimento Social Privado.

selecionam eventos (aqui entendidos como pauta ou notícia) e os apresentam através de alguns aspectos, que não necessariamente representam toda a sua totalidade e sim o olhar daquele jornalista, daquela editoria, daquele jornal, daquela corrente ideológica à qual está ligado aquele veículo de comunicação. Para Gentilli (1995, p. 157), direito à informação deve ser considerado um direito fundamental por se configurar como “um direito que fomenta o exercício da cidadania e permite ao cidadão o acesso e a crítica aos instrumentos necessários ao exercício pleno do conjunto dos direitos de cidadania”.

Em 2003, a Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação³⁰ estabeleceu princípios que versam sobre o desejo e o compromisso em se construir uma sociedade da Informação

centrada em la persona, integradora y orientada al desarrollo, en que todos puedan crear, consultar, utilizar y compartir la información y el conocimiento, para que las personas, las comunidades y los pueblos puedan emplear plenamente sus posibilidades en la promoción de su desarrollo sostenible y en la mejora de su calidad de vida, sobre la base de los propósitos y principios de la Carta das Naciones Unidas y respetando plenamente y defendiendo la Declaración Universal de Derechos Humanos.

O direito à informação, aliado ao processo de monopolização dos meios de comunicação, torna urgente a democracia no poder de comunicar como “condição para a ampliação da cidadania. É um caminho para o exercício da cidadania em sua dimensão cultural, que por sua vez se entrelaça nas lutas pela democratização de outras dimensões da cidadania, como a econômica e a política” (Peruzzo, 2001, p. 19).

Independente do processo de globalização que estamos vivenciando há alguns anos, a comunicação deve ser estudada como processo dialógico, que conta com a participação de vários emissores, receptores e discursos. Além de dever ser canal de representação das minorias sociais.

³⁰ Coordenada pela ONU, ocorreu entre 10 e 12 de dezembro de 2003 em Genebra, Suíça.

O fato é que por estarmos acostumados com o monopólio nos meios de comunicação de massa, por vezes, esquecemos de viabilizar ferramentas de comunicação e não as colocamos em prática, através da participação como atores sociais e cidadãos. Em um processo que não nos permite sermos transformados em “súditos cidadãos”, a cidadania é arcabouço social que requer o envolvimento das pessoas, condicionando seu *status* à qualidade da participação. Logo, participação é exercício da democracia (Peruzzo, 1999, p. 275-280). Nas discussões a respeito de direito à informação também deve ser considerado o direito à comunicação. Na apresentação do livro *Direitos à comunicação na sociedade da informação*, Melo e Sathler (2005, p. 8) parte da premissa que

informação é diferente de comunicação. A Informação é uma fonte de poder e domínio dos seus meios de produção, controle e disseminação e pode aprofundar a desigualdade da distribuição dos poderes numa sociedade já marcada por disparidades iníquas.

Se nos referimos ao avanço da tecnologia, que no século XX redimensionou a relação espaço/tempo, ao mesmo tempo estamos nos referindo aos processos de monopolização dos meios e à *incomunicação* gerada pelo crescimento da comunicação de massa. Ao escrever sobre o desafio urgente de se democratizar a comunicação, Ramos (2001, p. 01) ressalta que a “comunicação é portadora de um novo direito social”.

De acordo com Peruzzo (1999), o que se pode perceber no decorrer do século XX é a transformação do direito à comunicação, uma vez que estudiosos da comunicação, ativistas, movimentos e organizações da sociedade civil começaram a exigir o direito à condição de serem emissores – produtores e difusores – de conteúdos. Com relação a essa transformação, Leon (2002, p. 03) e escreve que

O direito à comunicação se apresenta agora como aspiração que se inscreve no dever histórico que começou com o reconhecimento de direitos aos proprietários dos meios de informação, logo aos que trabalham sob as relações de dependência com eles, e, finalmente a todas as pessoas, que a

Declaração dos Direitos Humanos (...) consignou como direito à informação e à liberdade de expressão e opinião. (...) Esta é parte de uma concepção mais global (...) que incorpora de maneira peculiar os novos direitos relacionados com as mudanças de cenário da comunicação e um enfoque mais interativo da comunicação, no qual os atores sociais são sujeitos da produção informativa e não simplesmente receptores passivos da informação.

A participação dos cidadãos como emissores, na elaboração de melhores processos comunicacionais, já era uma preocupação de Bordenave (1992, p. 70), expressa através do fato que “a participação de todos os setores da população na democracia do futuro depende da adequada utilização da comunicação tanto no nível dos pequenos grupos como no nível das massas espalhadas em todo o território do país”. Atento à discussão que se faz em outros países, no Brasil em 2005 foi elaborada a Carta de São Bernardo³¹, com a finalidade de contribuir na ampliação da cidadania na sociedade brasileira a partir da comunicação. Entre os princípios defendidos pela Carta destacamos quatro, fundamentais para o entendimento da comunicação enquanto prática dialógica, em que os papéis de emissores e receptores se alternam na elaboração de novas categorias de pensamento, de formas alternativas de expressão das identidades com conseqüente ampliação da percepção de direitos, deveres e cidadania. São eles:

1. Reafirmamos que o princípio da comunicação como direito humano fundamental pressupõe não somente o acesso, mas a construção de conteúdos, a apropriação da tecnologia e a multiplicação da diversidade cultural e da socialização do conhecimento, contemplando políticas públicas de proteção dos conteúdos locais/regionais/nacionais e das indústrias criativas [...].
4. Ressaltamos o papel da mídia local/regional no desenvolvimento da cidadania, no contexto da mídia cidadã e do direito à comunicação, lembrando de suas interfaces com as questões sociais, econômicas, políticas e culturais. Lembramos que, apesar do crescimento e diversidade da mídia

³¹ Convocados pela Cátedra UNESCO/METODISTA de Comunicação e pela *World Association for Christian Communication* - WAAC-América Latina, pesquisadores e ativistas de Comunicação Social de todo o país, reuniram-se na Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, SP, de 28 a 30 de novembro de 2005, para avaliar o Mapa Brasileiro da Mídia Cidadã. A discussão estruturou-se a partir do contexto midiático e das políticas públicas de comunicação, além da questão de gênero. Foram examinados quatro segmentos considerados essenciais para a promoção da cidadania: mídia local, mídia comunitária, mídia digital e folkcomunicação. Nessa evento foi escrita a Carta de São Bernardo.

local, persiste a reprodução dos padrões da grande mídia nacional/global, com pouco espaço para novos formatos, linguagens e mesmo conteúdos na perspectiva local/regional [...].

14. Reafirmamos as intersecções entre a folkcomunicação e a mídia massiva, cujos espaços podem ser compartilhados e cujos conteúdos, sendo comuns, podem fortalecer a diversidade cultural. Esse tipo de ação não deve se limitar à apropriação das tecnologias, mas se estender ao marco regulatório dos conteúdos e dos processos comunicacionais. Nesse sentido, consideramos como premente avaliar permanentemente – por meio de leitura crítica – as produções midiáticas para que contemplem as temáticas e abordagens voltadas para uma prática cidadã no contexto da folkcomunicação, que sendo catalisadora da resistência cultural das classes subalternas e dos grupos social e politicamente marginalizados, tem um papel fundamental na inclusão midiática [...].

15. Reiteramos que a Academia deve incentivar a produção de conteúdos dialógicos que inclua entretenimento e educação para diferentes suportes midiáticos e a convergência tecnológica, valorizando as identidades, as singularidades locais e a responsabilidade social. Além disso, deve promover parcerias entre as instituições de ensino e de comunicação com a sociedade civil para um levantamento da memória e da cultura das comunidades periféricas por meio de projetos de mídia cidadã, histórias de vida e relatos orais [...]. (Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/agora/mapa_carta_sbc.pdf. Acesso em 20 de junho de 2008).

A escolha de quatro dos quinze itens defendidos pela Carta de São Bernardo é devido ao fato de estarem mais próximos dos objetivos dessa pesquisa, a saber: a apropriação das classes populares dos meios de produção e da “indústria criativa”; a importância da mídia regional e dos novos formatos; a necessidade de se conservar e promover a folkcomunicação; o papel fundamental a ser desenvolvido pela Academia na proposição de novas pesquisas e novos incentivos.

Mantendo a análise do caso brasileiro, alertamos para o fato de que aqui “a mídia desempenha papel mais ideológico do que informativo e mais voltado à disseminação de um consenso previamente acordado entre as elites em espaços reservados” (Kucinski, 1998, p.17). Uma prova disso é a “falta de pluralismo” na cobertura jornalística brasileira. Apesar da existência desses fatores, ainda aliados a outras dificuldades que envolvem o direito à comunicação, Peruzzo (2001, p. 19) reforça que

O acesso do cidadão aos meios de comunicação na condição de protagonista é fundamental para ampliar ao poder da comunicar. Quando esse protagonismo é desenvolvido pelas organizações de interesse social ocorre uma possibilidade maior de se colocar os meios de comunicação a serviço do desenvolvimento comunitário e desse modo ampliar os direitos à liberdade de expressão de todos os cidadãos.

De acordo com Melo e Sathler (2005, p. 01) na apresentação do livro *Direitos à comunicação na sociedade da informação*,

Cresce em vários países a mobilização para que se inclua na pauta das nações o reconhecimento da Comunicação como um Direito Humano, por se tratar de um processo social fundamental, uma necessidade humana básica, o fundamento de todas as relações e organizações sociais.

Já para Peruzzo (2004, p. 77),

Os meios de comunicação são bens públicos constituídos pelo conhecimento acumulado pela humanidade. Pertencem à sociedade e a ela devem estar subordinados. Tanto o controle oligárquico dos meios de comunicação, como o impedimento ao acesso amplo das comunidades aos canais de comunicação decorrem de contingências históricas que podem ser transformadas pela ação dos próprios cidadãos.

Lahni (2005) apresenta a comunicação comunitária como uma possibilidade para o exercício do nosso dever, muito mais que um direito. Quanto a isso, Peruzzo avalia que criticar a manipulação das grandes redes de rádio, televisão e impressos é pouco. É preciso ocupar espaços e se organizar para descentralização e reordenamento dos meios. Afinal, “eles são bens públicos, no sentido de que pertencem à União e, portanto, à coletividade, devendo, como tais, estar prioritariamente a serviço do bem-estar comum e não de pessoas ou grupos que detêm o poder de controlá-los” (Peruzzo, 1999, p. 277-278).

Em oposição a essa situação, a comunicação participativa tem se fortalecido como um importante canal de exercício da cidadania. Peruzzo (1999, p. 296). avalia que

a participação popular pode facilitar o devir de uma nova práxis da comunicação. A participação e a comunicação representam uma necessidade no processo de constituição de uma cultura democrática, de ampliação dos direitos de cidadania e da conquista da hegemonia, na construção de uma sociedade que veja o ser humano como força motivadora, propulsora e receptora dos benefícios do desenvolvimento histórico.

Lahni (2005), a partir das reflexões de Peruzzo e da obra de Pedro Demo, aponta objetivos da participação, dentre os quais destacamos: a realização da cidadania; a definição das regras do jogo; o controle do poder; a prática da negociação; a construção de uma cultura democrática; a abertura e manutenção de canais e socialização da informação e do conhecimento.

De acordo com Kaplún (1984), a participação organizada não é meta fácil de alcançar. A seu ver, “hoje se começa a compreender que não há desenvolvimento sem uma participação consciente dos setores populares, em que estes se mobilizem, assumam um papel protagonista e sejam criadores de suas próprias soluções”³² (Kaplún, 1984, p.10). Ele também considera que a participação é característica geral de uma sociedade democrática, voltada para o desenvolvimento. Segundo o autor – como para Dallari, as associações diversas são escolas práticas de participação, em que o povo vai construindo pouco a pouco seu próprio espaço e criando suas formas solidárias, democráticas e autogestionárias.

Lahni (2005) nos ensina que os autores mencionados nessa parte da pesquisa apontam conceitos de cidadania, participação e a importância da comunicação para a cidadania. A partir dessas reflexões, a pesquisadora elaborou um rol de possibilidades de cidadania que podem ser vividas com a participação em um meio de comunicação comunitário. Quanto à ação das pessoas (Lahni, 2005, p. 47-48):

- 1) Organizar-se para a manutenção, o respeito e a ampliação de direitos;
- 2) Receber, como participante, informação sobre os seus direitos e conscientizar-se sobre a importância de se garantir que sejam respeitados;
- 3) Ter direito à informação sobre direitos e ter direito à informação;

³² Tradução de Cláudia Lahni para todas as citações do pesquisador.

- 4) Ter alguma forma permanente de participação;
- 5) Ter a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo.

Já quanto às características de gestão, Lahni (2005, p. 47) ressalta que as ações acima citadas permitem:

1. Ser uma nova prática de comunicação, com participação popular;
2. Criar canais para a participação e mantê-los desobstruídos;
3. Apresentar mobilização dos setores populares que assumem papel protagonista e são criadores de suas próprias soluções;
4. Apresentar organização solidária, democrática e autogestionária;
5. Proporcionar a desmitificação do meio;
6. Proporcionar a participação direta;
7. Possibilitar a espontaneidade de expressão;
8. Apresentar controle popular da informação e propaganda;
9. Possibilitar o acesso ao poder de comunicar.

Para Lahni (2005, p. 42) “a comunicação popular participativa se articula com práticas sociais que reivindicam direitos e o alargamento da cidadania. As contribuições da comunicação popular participativa são de grande importância”. Para complementar essa idéia utilizamos os ensinamentos de Peruzzo (1999, p.302) ao escrever que,

as experiências mostram que a comunicação popular participativa dá seu aporte à edificação de uma cultura e uma educação democrática. Ela ajuda a conhecer, resgatar e valorizar as raízes do povo. Altera as dimensões do comportamento cotidiano. Socializa o direito de expressão e os conhecimentos técnicos. Desmistifica os meios. Promove a criação coletiva. Difunde conteúdos diretamente relacionados à vida local. Dá voz, pela própria voz, a quem era considerado ‘sem voz’.

Sobre a utilização da comunicação alternativa, Cogo (in Peruzzo, 2004, p. 45-47) contribui ao elaborar que

No marco desse protagonismo midiático, as modalidades de ação e intervenção dos atores e movimentos sociais na sociedade passam, portanto,

a construir-se cada vez mais tensionadas pela exigência de um tipo de visibilidade política atribuída pela lógica dos meios de comunicação ao mesmo tempo em que também esse atores e movimentos se apropriam e reelaboram tais lógicas, transformando a esfera das mídias em um espaço simbólico de conflitos, disputas e negociações e que se encontra, portanto, submetido permanentemente às tensões contraditórias dos interesses que circulam na sociedade.

a aceleração dos processos de segmentação das mídias pluralizou o cenário midiático e favoreceu uma apropriação crescente do termo comunitário pelos sistemas massivos de comunicação, contribuíram não apenas para o alargamento da polissemia e dos usos do termo comunitário em diferentes setores sociais mas também para a redefinição do caráter político atribuído a muitas experiências e projetos que se desenvolveram pautados pela oposição às mídias massivas. Ou, ainda, por uma noção universal de “local” e “pertencimento”, muitas vezes, circunscrita mais a uma espacialidade geográfica ou a uma territorialidade específica e menos a uma espacialidade simbólica.

O que podemos depreender é que a contemporaneidade se apresenta como um processo de ambigüidade entre o racional e o emocional, ao cobrar dos sujeitos projetos e escolhas acerca de suas condutas, conforme explicita Enne (2006, 10)

Conferindo-lhes autonomia e autoridade na construção de suas representações e papéis sociais, mas, ao mesmo tempo por meio de uma enorme engrenagem cujo lugar central se daria através de diversos meios de comunicação, estimulando-os a consumir não só para satisfazer necessidades básicas e marcar posições sociais, mas para construir mesmo, via consumo, como sujeitos.

4.1 ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA: O MISS GAY ESTÁ NAS BANCAS

Após a discussão sobre direito à comunicação na sociedade da informação, chegamos à questão central que motiva essa pesquisa: a hipótese de os eventos poderem ser considerados ferramenta de inclusão para minorias sociais. Ao mesmo tempo, visamos reforçar o papel dos eventos como comunicação popular alternativa. Para Wolton (2006, p.

140), “*o turismo ilustra as ambigüidades da comunicação*”. Portanto, desenvolver estudos sobre o Miss Brasil Gay é discutir comunicação e formação de identidades culturais.

Para possibilitar conexões entre referencial teórico e objeto de estudo foram selecionadas a cobertura de quatro edições do concurso (1978-1988-1998-2008), representativas na cobertura jornalística do evento, em que podem ser detectadas mudanças na angulação do olhar jornalístico. Esses quatro momentos, selecionados aleatoriamente e em ordem cronológica compõem acervos pessoais ainda pouco organizados.

A análise parte de 1.976, ano da 1ª edição do concurso, e será elaborada a partir de matérias veiculadas nos jornais Diário Mercantil³³ e Tribuna da Tarde³⁴, estando baseada na percepção de momentos distintos de representação das identidades homossexuais, que pressupomos ser: invisibilidade - exotismo – consumo - cidadania. A cobertura jornalística, apresentada como exemplo, mostra os homossexuais de acordo com as seguintes categorias, em ordem cronológica: invisível (1.978), exótico (1.976-1.991), consumidor (1.992- 2005) e cidadão (a partir de 2.005). Torna-se importante ressaltar que essas categorias compõem o movimento dinâmico da cobertura jornalística, não se apresentando de maneira estanque ou isolada. Pelo contrário, elas se mesclam, sobrepõem e se tangenciam em diversos momentos, como poderemos observar posteriormente.

As informações apresentadas fazem parte de dois momentos: a tentativa de organização do acervo pessoal de Francisco Motta e da pesquisa realizada no acervo da Biblioteca Municipal Murilo de Mendes, que aconteceu no dia 12 de maio de 2008.

A primeira etapa da análise tinha o objetivo de reconstruir cronologicamente o evento e obter indícios do que viria a se confirmar na segunda etapa: a análise da cobertura jornalística dos jornais Diário Mercantil (ano de 1978) e Tribuna de Minas (anos de 1988,

³³ Jornal impresso local, editado até 1.983. Pertenceu aos Diários Associados.

³⁴ Jornal impresso local, do grupo Solar de Comunicação. Editado de 1.987 a 1.992. Atualmente, o grupo edita o jornal Tribuna de Minas e administra também as rádios Solar (FM/AM), além de também realizarem serviços gráficos, através da ESDEVA – Empresa Gráfica.

1998, 2008) na sexta-feira que antecede o evento e nas edições de domingo, segunda e terças-feiras, após o evento. Essa análise nos possibilitou perceber que a cobertura jornalística é apresentada em 04 momentos diferentes, bastante delimitados: invisibilidade - caricatura – consumidor – cidadão.

Nas edições do jornal Diário Mercantil no ano de 1978 nenhuma alusão ao evento foi encontrada. Nem as colunas sociais realizaram cobertura. O fato pode ser lido como a invisibilidade do evento naquela época, perante a mídia, a sociedade e entre os próprios homossexuais. Informações obtidas junto a frequentadores do evento naquela época nos dão conta que o “evento tinha um clima de carnaval, de gala gay”.

A cobertura do ano de 1988 já passa a existir no jornal Tribuna de Minas³⁵. Naquele ano e nos anos anteriores, somente as colunas cederam espaço ao evento. Em quase todos os anos os colunistas sociais do Tribuna de Minas, César Romero e Marian Riguer, publicam sobre o concurso, conforme pode ser observado nas fotos abaixo. A análise das narrativas permite perceber nitidamente o enfoque ao luxo e à elegância quase sempre se atendo à citação de alguns convidados especiais. Em ambas as colunas as notas foram escritas para terça-feira, ou seja, a primeira edição após o evento. O que se pode perceber da análise de 88 é a pequena importância que a mídia local ainda dá ao evento, representando-o como algo exótico e/ou excêntrico do qual só fazem parte uma elite cultural (artistas, personalidades, empresariado).

³⁵ Jornal Tribuna de Minas, jornal diário da cidade de Juiz de Fora, lançado em 01 de setembro de 1981. Pertence ao Sistema Solar Comunicação e à Esdeva Empresa Gráfica.

Ano de 1988, terça-feira – 23 de agosto – César Romero

CIDADE — Juiz de Fora, terça-feira, 23 de agosto de 1988 — 5
 traz economista do Banco
 a JF e reúne executivos
 e diretores de empresas

Financeiro tem debate

teira, mon-
 xa de OTN,
 dade, crité-
 stória "pro-
 DB: emis-
 tributação,
 ado": "De-
 aracteristi-
 temática",
 o, tributa-
 ababilidade".
 a realizado
 calizado à
 Motta, nú-
 ira, dia 26,
 io às 15 ho-
 é às 20 ho-
 orário é de
 s informas-
 as junto ao
 lo Branco,
 5 ou por te-
 inscrições
 mesmo lo-



plica ainda
 e das OTN,
 s, o Banco
 a sua finali-
 liquidez do
 : "Se para
 é necessário
 oneroso para
 o Governo
 suas despe-
 sia, suas ne-
 ciamiento.
 a diferença
 LBC e das
 ida ano pas-
 i Secretaria
 d reconhece-
 te no curto
 nja expressa-
 idade, por
 BCLFT são
 titulos, por

César Romero

● Mesmo depois de deflagrar sua companhia em Juiz de Fora, o deputado Mello Reis voltou a Brasília, onde permanece até sexta-feira atendendo ao apelo de estorpo concentrado feito pelo presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães.



José Maria Machado Veiga em festa recente — Foto de Andréa Machado

Quem assume?

★ O prefeito Tarcísio Delgado deve indicar hoje, ou no mais tardar amanhã, o novo superintendente da Funafá. Esta coluna tem informações de que o convite foi feito ao jornalista José Carlos de Lery Guimarães, que pediu alguns dias para pensar.

VÔO LIVRE

□ ADDRESS — Lia e o coronel Rinaldo Marcello Martins estão de sua boca. Um bom mastado apé na Secretária Sarmento, Alfo dos Passos.
 □ SINTO — Internados no Catel, estão passando bem, os jovens Zezé Veiga e

Estranho no ninho

VÔO LIVRE

□ CAFETERIA Maria Guilhermina (Gui) Vieira de Oliveira e Ney Guedes Lima estão montando a moderna Cafeteria Mineira, na galeria João Beraldo.

□ STATES - Com bolsa do Rotary, seguiu ontem para um ano nos States, o jovem Stefan Scio, filho de Elaine e Toninho Scio.

□ CONCERTO - Entre as boas opções para a noite de hoje, está o concerto da pianista Maria Alice Mendonça.

Sônia Souza Mendes, abano, às margens da

e nova

Roberto Baere Ju-
 estão radiantes
 nto da filha Thais.
 gos Delmonte ga-
 ma neta.

Rio

SOCIAL Juiz de Fora, terça-feira, 23 de agosto de 1988 - 7

Intencências

...ário de Carolina Rebouças...
...Squadro. Na supervisão, a...
...sika Mendes. A propósito...
...e o convite nos tons em ro...
...nho, seus pais Wauder Es...
...ista. Eduardo Delmonag...
...ção Feitosa, Márcio Pe...
...rio Oliveira Mota. Axel...
...o dia 10 de setembro. Só...
...de Célio e Dêa Campos...
...e Lúrio, filho de Alfinio...
...s Louro, na Igreja São

Galeria
Marian Riguer

Registro

São bem poucas as pessoas que conseguem produzir algo criativo e bem dosado em matéria de festa, na cidade. Acontecem festas ou recepções ou festas de má qualidade e sem critério, e não realçam. Programar um evento, não é só divulgar, é saber envolver as pessoas, é iniciar com a criação de um convite passando pela estrutura perfeita para marcar momentos na vida das pessoas. Produzir não é fácil e, difícil ainda, é ser criativo. Os mesmos já cansaram aos que curtem uma boa festa. Também já cansaram o copismo de décadas — e a fase já passou. A responsabilidade de se produzir algo é justamente não se chocar com criações já realizadas. E esta, muitos, infelizmente não têm.

Gostariamos de registrar que a crítica não é para desestimular quem quer fazer algo ou quem já fez e sim alertar quem quer, daqui para frente, e ter os ingredientes certos de festas que realmente marcaram o cenário juizforano (cerca de mais de 300 festas), nestes sete anos de colonismo e três de firma publicitária e de promoção — por entender do que faço, acrescentando e inovando com trabalhos altamente produzidos, posso dizer: o talento não se cria e nem se copia. Simplesmente o é.

Nota 10

Com a casa repleta todas as noites de gente bonita e elegante, o restaurante Grande Família pode-se considerar o mais novo "must" da cidade. Simplesmente a deliciosa comida, pratos prontos e confeccionados pelo chef do Hippopotamus (Rio) está levando todos aqui todos estes meses, no cantinho a "expurgar" Solange Neves e os filhos. É mais fácil dizer quem não man-

deslunbrará todos, orquestra de primeira categoria - uma festa inesquecível por superar meu próprio recorde.

A infra-estrutura já está montada, os convites já estão sendo criados, o lay-out da revista está pronto, várias pessoas já trabalham em cima do projeto de decoração, o mapa das mesas na AARB já está pronto e todos que irão formar a equipe de trabalho desta elegante noite já trabalham sob nossa orientação desde julho. A grande noite será 22 de outubro, em início às 22 horas e término às 4 horas da manhã. Os nomes dos homenageados só serão divulgados na revista, no dia da festa.

"Os mestres do Zil"

Com astral incrível e contagiante energia a Banda Zil foi o melhor que poderia surgir nos últimos tempos em matéria de som instrumental - e o resultado não poderia ser outro - reunião de "terras" do instrumental moderno. Podemos afirmar: melhor do que curtir seu show este fim de semana, se ter o disco em casa e curtir o dia todo.

"Eles arrasaram"! Foi o que escutamos da plateia que lotou, tanto sábado quanto domingo, o teatro São Mateus.

Com grande bagagem, todos já têm carreira, podendo, apenas dedicar períodos para se apresentarem juntos. A maravilhosa Banda veio à cidade com os mestres, Ze Nogueira (sax), Ricardo Silveira (guitarra), o Maestro Marco Ariel (teclado), Jurim Moreira (bateria), Nico Assunção (baixo), Claudio Nucci (violão) e aquela tremenda voz energizante) e o completíssimo Ze Renato (violão e voz).

O estonteante Ricardo Silveira mora, atualmente, nos States, e veio apenas para gravações e espetáculos no Brasil e retorna breve. Tom discos gravados lá - "Long distance" sucesso no Japão, Holanda e Inglaterra. Apresenta-se com grupos como Sérgio Mendes e Herbie Mann.

Com um tremendo pituço, voz maravilhosa, Ze Renato está, há algum tempo, no exterior, participando de longa tournée pela Europa e EUA como integrante do sexteto do guitarrista americano Al di Meola. Participou de vários festivais na Alemanha, Itália, Espanha, Montreal, etc. e composições suas sendo gravadas lá fora. Estrela de primeira grandeza. Outra grande estrela, que, aliás, aplaudidíssimo foi Ze Nogueira, já conhecido por seus trabalhos com Toninho Horta, Flávio Venturini, Vitor Biglioni e agora com Verdinha Sabino.

Realmente quem não foi, perdeu o melhor do melhor de nossa música. Uma iniciativa que merece nossos aplausos em especial!

Cecília Petraglia, Vera Ribeiro de Oliveira, Maria de Fátima Neves e Nazareth Jacobucci



...Ca...
...osito,
...mais
...posi...
...o vivo
...ra do
...r Au...
...rean...
...oites
...zinho
...édia,
...o Cu...
...mun...
...e ou...
...lentos
...e ten...
...prosa.
...barzi...
...ndên...
...u por

...trefrescos convidando para a IV Copa de Hipismo, Concurso de Saltos, de 8 a 10 de setembro, no Clube Hípico e Campestre de Juiz de Fora.

- Circulando nos locais da moda da cidade Magdala de Oliveira Lopes.
- Em temporada na cidade, anfitriã da por César Nogueira, a elegante Edley Nogueira Videira (do Departamento da BASF, em Taubaté).
- Entre as presenças de destaque no Miss Gay, sábado, que teve a coordenação geral de Chiquinho Motta, o coiffeur André Pavan, Maria Tereza Ballesteros, Gigi Marie, Jésus Henrique, Isabela Dantas.
- Célio Vidal está programando uma grande festa de aniversário para o dia 2 de setembro.
- Um dos elegantes e prestigiados casamentos da saison será dos médicos Rochelata e Arápio e Luiz Carlos Tafuri de

...ja cansaram e a fase já p... de se produ... se chocar o... E esta, mui... Gosta... crítica não... quer fazer... alertar que... acontecer... e ter os in... que realm... juizforano... tas), nesta... e três de f... moções —... acrescent... lhos altar... zer: o tal... copia. Sin

A cobertura de ano de 1998 é marcada por um importante momento histórico que o país vivia: eleições para presidente, governadores, senadores e deputados (estaduais e federais). Era ano de pleito eleitoral, o que fez com que candidatos se aproximassem mais de seus eleitores. Entendemos esse fato como determinante para a cobertura jornalística de 98. Há matérias nas edições que antecedem o dia do evento e também posterior – inclusive com cobertura para a edição de domingo³⁶.

Também pode ser considerado curioso o fato de o jornal publicar uma pesquisa no primeiro caderno, com o seguinte título “População civil não aprova união civil de pessoas do mesmo sexo”, com o intuito de promover discussões sobre o projeto de união civil que tramitava no Congresso Nacional, de autoria da (na época) deputada federal Martha Suplicy. Após uma análise da questão conjuntural, pessoas foram ouvidas pelo jornal Tribuna de Minas – em forma de enquete, que deixaram seu depoimento a respeito do assunto. Os resultados da pesquisa foram: 25,6 % aprovavam; 63,3% não aprovavam; 11,1% não sabiam responder³⁷.

³⁶ Geralmente, o fechamento e impressão da edição de domingo é no sábado à noite. Entretanto, nesse ano, parte da cobertura do Miss Brasil Gay e do “sábado rosa” de Juiz de Fora foi apresentada no domingo, quebrando uma tradição da empresa.

³⁷ total de 90 telefonemas válidos, a partir de uma distribuição percentual entre assinantes distribuídos em diferentes bairros da cidade de Juiz de Fora, em pesquisa realizada pelo departamento de *telemarketing* do jornal Tribuna de Minas.

Legalização

População não aprova união civil de pessoas do mesmo sexo

Projeto da deputada Marta Suplicy (PT-SP) prevê a divisão de bens entre casais homossexuais

Veja quem aprova a legalização da união civil de pessoas do mesmo sexo, como prevê o projeto da deputada federal Marta Suplicy?

Resposta	Porcentagem
Sim	25,6 %
Não	63,3 %
Não sabem	11,1 %

Foram processados 90 telefonemas a partir da base de assinantes da Tribuna, segundo uma distribuição proporcional ao número de assinantes por bairro. A margem de erro é de 3 %.

Fonte: pesquisa via telemarketing Tribuna

Fernando da Silva, pedreiro, 40 anos. "Sim. As pessoas não se casam só por querer. Se as pessoas de sexo diferente se casam, as do mesmo sexo também podem. Não tem nada a ver".

Luciano Evangelista Moreira, estudante, 23 anos. "Sim. Cada um tem o direito

Antônio Sebastião, triplicante, 48 anos. "Não. Tem tanto homem e tanta mulher no

Cecília Mesquita, aposentada, 63 anos. "Não. Eu sou de uma geração muito antiga. Foi cri-

Adriana Silveira, contadora, 32 anos. "Não. Na minha opinião, Deus criou o homem e a

prevê a divisão de bens entre casais homossexuais

Você aprova a legalização da união civil de pessoas do mesmo sexo, como prevê o projeto da deputada federal Marta Suplicy?

Resposta	Porcentagem
Sim	25,6 %
Não	63,3 %
Não sabem	11,1 %

Foram processados 90 telefonemas a partir da base de assinantes da Tribuna, segundo uma distribuição proporcional ao número de assinantes por bairro. A margem de erro é de 3 %.

Fonte: pesquisa via telemarketing Tribuna

Cecília Mes- **Adriana Sil-**

1998, sábado – 15 de agosto – Primeiro Caderno

Também em 1998, as colunas sociais continuaram noticiando o evento como nota social. Na sexta-feira, a coluna *People* de Geraldo Magela, noticiava a presença de artistas (Elke Maravilha e Guilherme Karan), na 22ª edição do Miss Brasil Gay.



No mesmo dia, a cobertura ocupa a capa do Caderno Dois que traz a matéria “Miss Gay – Hollywood por um dia: transformistas, travestis, *drag queen* reinam na festa para a qual se produzem como estrelas de cinema”, com uma grande entrevista com Rebecca Feline³⁸. A entrevistada fala das nuances, das características e condições sob as quais o evento acontece. Numa alusão às condições financeiras, Rebecca discute sobre a falta de patrocínio que, segundo ela, não é conseguido em função de “um preconceito bobo”. Nesse momento, pode-se perceber uma preocupação com a oportunidade de negócios que o evento passa a ter. Entretanto, o objetivo principal da matéria é ressaltar o *glamour* e o luxo aos quais o evento remete. Pudemos perceber nessa matéria que já começam a haver algumas mudanças na

³⁸ Rebecca Feline, travesti e empresária.

angulação jornalística da cobertura. Nela se complementam: mercado consumidor – falta de apoio financeiro – oportunidade de negócios – preconceito – identidades homossexuais. Na mesma matéria, há um box onde são apresentados alguns termos do dialeto nagô – de origem africana mas amplamente usados por gays de todo o Brasil. Esse é o primeiro indício de a imprensa local iniciar uma discussão sobre as identidades homossexuais.



Tribuna de Minas

SERTANEJOS ROMÂNTICOS
 Mais de 15 mil pessoas já compraram ingressos para o show de Zezé di Camargo & Luciano no Parque de Exposições
 Página 2

E-mail: dois@tribunaminas.com.br

DOIS

JUIZ DE FORA SÁBADO 15 DE AGOSTO DE 1998

MISS GAY
Hollywood por um dia

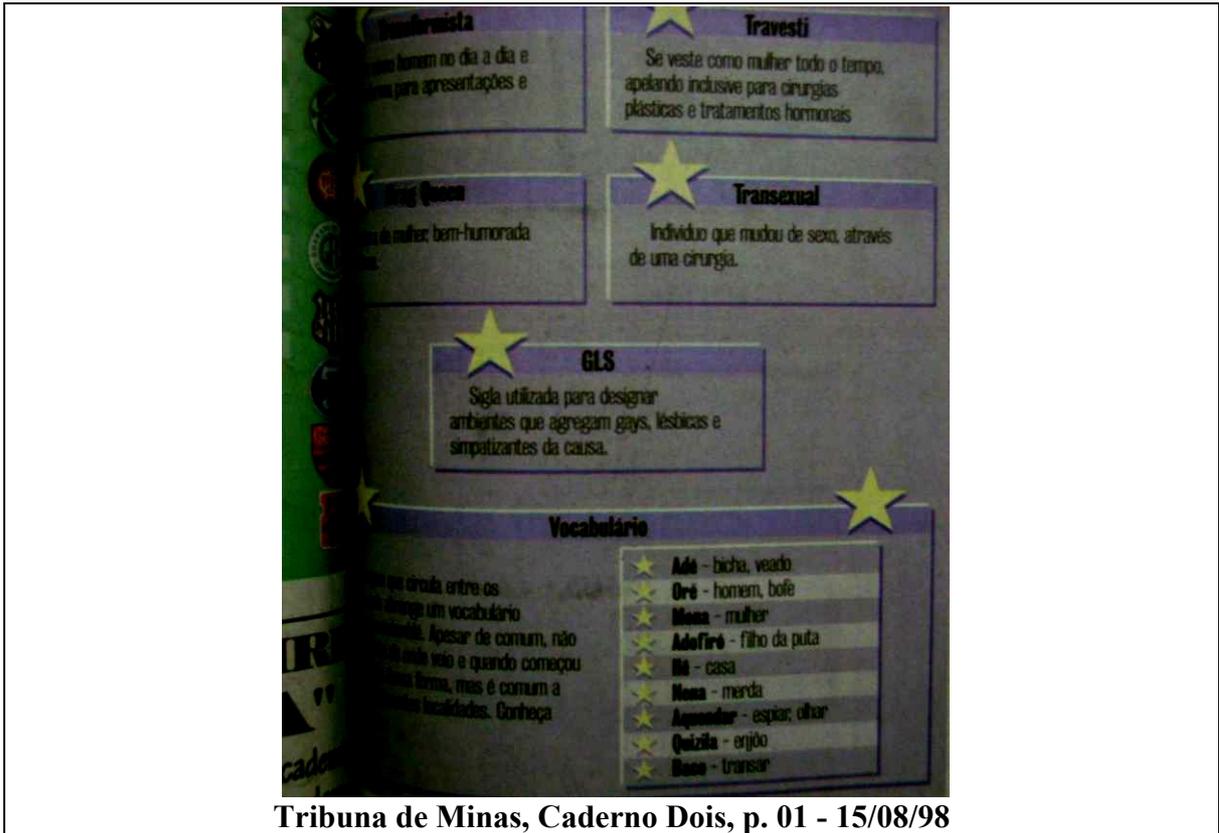
Transformistas, travestis e drag queens
 brilham na festa glamorosa para a qual se
 produzem como estrelas de cinema




A festa do Miss Gay entra em sua 2ª edição com um glamour ainda maior. A qualidade do evento, que acontece hoje no Sport, a partir das 21h, será garantida com o som digital e com a beleza das roupas e da produção coreográfica, mas, para muita gente, o diferencial está no que ele tem para a cidade: celebrar o mundo feminino completo. Drag queens, transexuals e travestis, elas são as grandes estrelas da festa. Elas se produzem para cada a paragem. Somente transformistas e travestis participam no Miss Gay. Travestis e drag queens são muito glamorosas.

...são gastar entre R\$ 7 mil e R\$ 10 mil...
 produção feita em salões de beleza.

Mas ela garante que vale a pena. "Miss Gay é o glamour dos concursos de Miss Brasil, que ficou esquecido. Sem contar que é muito lucrativo para a cidade e o promotor da festa, o Chiquinho, não tem patrocínio quase nenhum. Os lojistas ganham dinheiro e não contribuem com nada, por causa de um preconceito bobo". Muitos outros eventos têm integrado uma programação paralela ao Miss Gay, como festas, mercado mix, shows, entre outros. A inovação deste ano ficou por conta do festival de língua, que aconteceu ontem, durante o ensaio do concurso, animado pelo conjunto de forró Partido Alto, e ainda de um ônibus, que estará circulando hoje, nos arredores do Calçadão da Rua Halfeld, no estilo do filme "Priscilla - a rainha do deserto".



Tribuna de Minas, Caderno Dois, p. 01 - 15/08/98

A edição de domingo também apresentou a cobertura do “sábado rosa” de Juiz de Fora, inclusive com foto colorida ocupando quase toda a capa do jornal, sob o título de “Festa gay agita a Rua Halfeld”. Numa manhã de festa gay e “manifestações políticas” gays e políticos defenderam seus direitos, o que comprova que as categorias analisadas ora se apresentam separadamente, ora se sobrepõem. É mais uma evidência de que a cobertura jornalística do evento nesse ano ganha novas conotações: o do homossexual como consumidor e mercado eleitor. A evidência do gay consumidor já foi apresentada no caderno dois da edição de sábado e agora na edição de domingo. A matéria da página 03 “Festa gay toma conta da manhã do calçadão – Misturados com cabos eleitorais, gays tiveram momentos de total liberdade”, representa a interação que ocorreu entre gays, políticos e cabos eleitorais.

Ano de 1998, domingo – 16 de agosto – Primeiro Caderno (capa)



'Drag queens'
Festa gay toma conta da manhã no Calçadão

Misturados com cabos eleitorais, gays tiveram momentos de total liberdade

Juiz de Fora - O Calçadão da Rua Halfeld, ontem, voltou a ganhar um clima de festa gay, que sempre ocorre nesse período do ano, antecipando as celebrações previstas para o concurso da noite no ginásio do Sport Club Juiz de Fora. Num período de campanha eleitoral, as manifestações político-partidárias e pró-homossexuais, acabaram se fundindo, num determinado momento.

Com suas roupas exóticas, perucas coloridas, maquiagens pesadíssimas e saltos de 25 centímetros de altura, as "drag queens" foram a grande atração da manhã. No espetáculo informal, que já é tradição na cidade, o inusitado ficou por conta do assédio do juizforano. Famílias inteiras pediam às "drags" pausa para uma foto ao lado dos filhos.

Enquanto as mães posicionavam as crianças, os pais tentavam achar o melhor ângulo para a fotografia. Meninas adolescentes com agendas na mão disputavam um autógrafo daquelas mais produzidas.

Vestida de galinha d'angola, a "drag queen" de Vitória, Espirito Santo, Andressia Simon, ou Simão Pedro, no dia-a-dia, ressaltava a liberdade de poder sair à rua "montada", ou seja com roupas exageradas. "Nem no Rio de Janeiro podemos sair à rua desse jeito", disse.

Emoção diferente contagia a 'drag'

Outra "drag queen", Melissa Call, de Aparecida do Norte (SP) vestida de Barbie Girl, comentava que estava se sentindo uma atriz no auge da fama, com a distribuição de autógrafos.

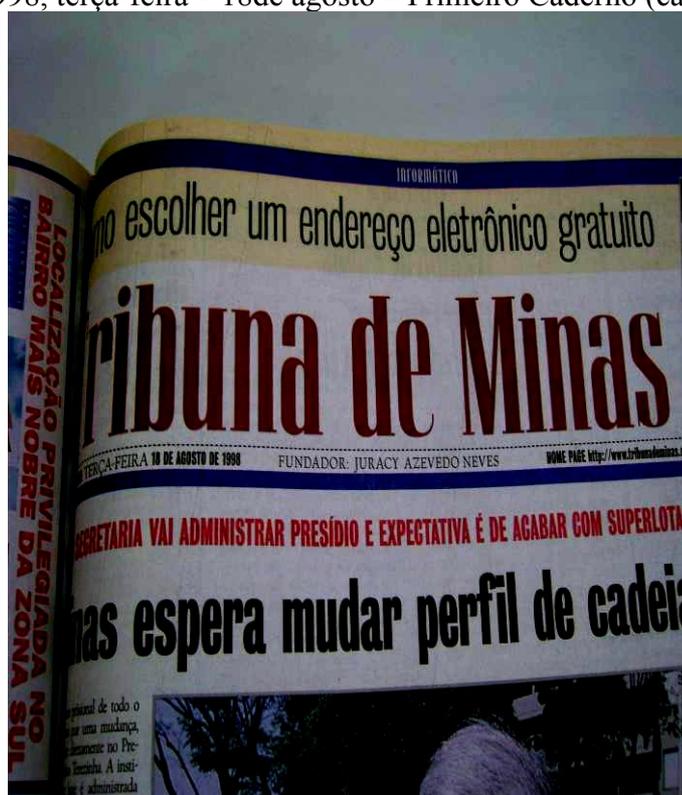
"Estou comovida com tanto carinho. As pessoas daqui são muito simpáticas", enfatizou Melissa, que confessou não estar acostumada com o entusiasmo exacerbado dos fãs, como aconteceu ontem no Calçadão da Rua Halfeld.

Enquanto as "drag queens" dançavam à frente de uma banda de música, dezenas de gays de roupas comuns ocupavam as mesas dos barzinhos do Calçadão, fazendo sua festa à parte.

O advogado do Rio de Janeiro, Paulo Bulos, comentou que, nesses momentos, os gays buscam a diversão. "É uma pausa para contrabalançar a vida triste dos gays, sempre vítimas de preconceitos ultrapassados". Ele acrescentou que, "como qualquer um, nossa grande opção é ser feliz e a busca dessa felicidade é nossa meta".

A edição de terça-feira, dia 18 de agosto, traz foto da miss eleita na 22ª edição do Miss Brasil Gay, Louise Balmain. Antes, o evento nunca tinha tido foto da miss eleita na capa do jornal Tribuna de Minas. Além de um espaço considerável nessa edição. O evento já começa a ser citado desde o editorial do jornal, através da coluna “Painel” com uma nota sobre a ação de igrejas evangélicas locais, contrárias ao evento.

1998, terça-feira – 18 de agosto – Primeiro Caderno (capa)





Terça-feira – 18 de agosto de 1998 – Primeiro caderno (Coluna Painei)





Entretanto, o maior destaque ao Miss Brasil Gay é dado em matéria publicada na segunda página do Caderno Dois, com o título “Capixaba vence Miss Brasil Gay 98 – Cinco mil pessoas acompanharam a vitória de Louise Balmain, representante do Espírito Santo”. É importante ressaltar que nesse ano não houve cobertura pelos colunistas sociais César Romero e Marian Riguer.

Terça-feira – 18 de agosto de 1998, Caderno Dois

VITÓRIA CAPIXABA

Louise Balmain, capixaba de apenas 24 anos, foi a vencedora do Miss Brasil Gay deste ano, que teve um público de cinco mil pessoas



Página 2

E-mail: dois@tribunademinas.com.br

Caderno **C**

os primeiros filmes
imagem, que trazem
para dentro de casa

2 Caderno Dois

Concurso

Capixaba vence Miss Gay 98

Cinco mil pessoas acompanharam a vitória de Louise Balmain, representante do Espírito Santo

Um capixaba de 24 anos foi o grande vencedor do 22º concurso Miss Brasil Gay. Lúcio Flávio Magalhães, ou Louise Balmain, representou o estado do Espírito Santo diante de um público de cerca de cinco mil pessoas, comemorando a vitória ao lado da mãe, Jussara de Magalhães, e do irmão Ricardo, também conhecido como Carla Balmain. Os dois fazem shows de transformismo e são figuras conhecidas no show biz. A expectativa de Louise é que sua carreira tome novos rumos com a vitória no concurso. O capixaba participou do Miss Gay em 1995, ficando entre os 12 primeiros, mas este ano veio com a certeza da vitória. Louise consagrou-se agora como o transformista mais bonito do país.

O segundo lugar ficou com um representante de São Paulo, seguido por um paranaense e outro do Rio Grande do Sul. A festa prolongou-se até as 5h do domingo, dia tradicionalmente dedicado à confraternização dos participantes do Miss Gay. A edição 1998 do concurso foi encerrada com uma feijoada ao som de um animado grupo de pagode. Entre os eventos paralelos que aconteceram este ano, além da festa de Valéria Braga e do festival de língua que marcou o ensaio do concurso, um ônibus no estilo de "Priscila - a rainha do deserto", circulou pela cidade na manhã do sábado.



Neves, salgadas, de 10h a 14h. Informações: 215-6517

Pânico
Grupos de auto-ajuda aos portadores da síndrome do pânico reúnem-se aos domingos, às 16h, na Igreja São Marcos, para discutirem a questão. Informações: 212-6800.

TEATRO

Dear Rocha em destaque

Confira

Avenida Rio Branco 2000. Informações: 215-7300.

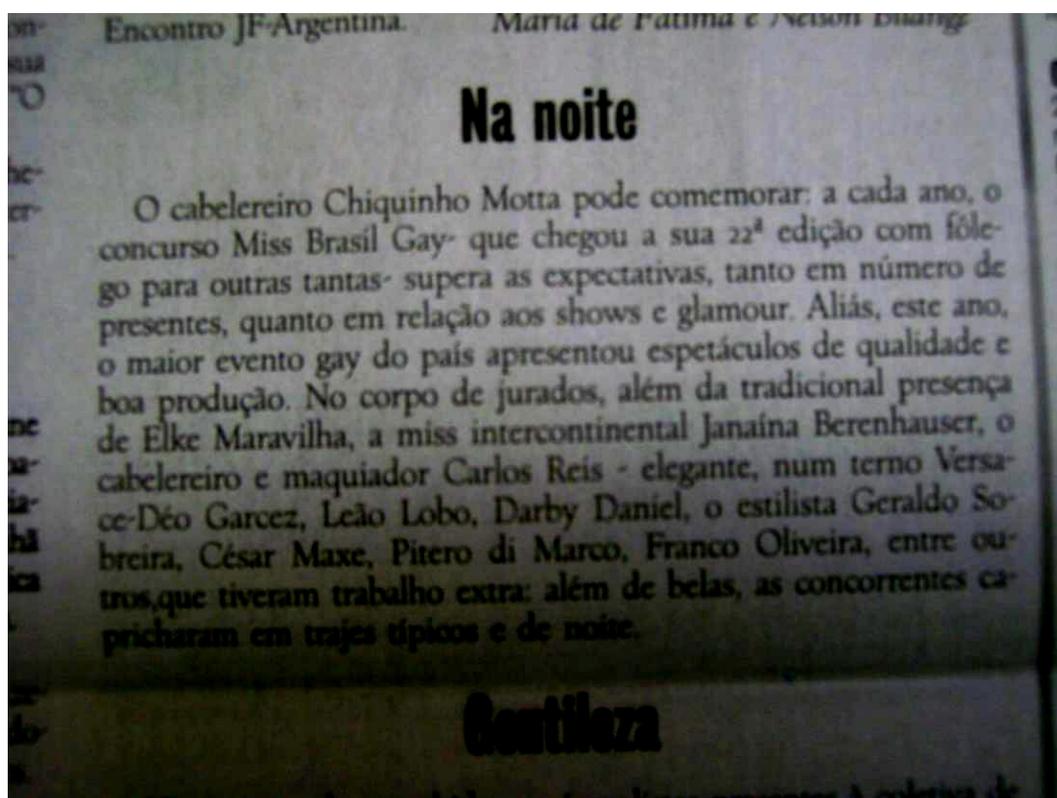
Priscila
"Cumbes" - formas "débiles", até o dia 30 de agosto, no setor infantil-juvenil da Biblioteca Municipal Mendonça, para esta-

O tema “religião” volta a ser abordado pelo colunista Geraldo Magela, na coluna social *People*, com nota sob o título de “Xô, Satanás”. Num tom bastante irônico, o colunista ainda publica outra nota “Barriga”, que fala de deslizes o jornalista Ricardo Boechat comete em relação ao Miss Brasil Gay. A mesma coluna faz elogios ao evento, direcionando-os ao produtor Francisco Motta e aos nomes de personalidades que compuseram o corpo de jurados ou estavam entre os convidados.

Terça-feira – 18 de agosto de 1998, Caderno Dois



Terça-feira – 18 de agosto de 1998, Caderno Dois



A cobertura de 2008 apresenta-se com características diferentes dos anos anteriores. Consideramos essas modificações devido a, no mínimo, dois fatores: a maior exposição na mídia das identidades homossexuais e também ao trabalho da assessoria de imprensa do evento. Neste ano, a cobertura se iniciou em 10 de abril de 2008 quando o Segundo Caderno do Tribuna de Minas publica a matéria *Miss Brasil Gay 2008, com direito à tapete vermelho na porta*, destacando a mudança do local do evento para o Cine Theatro Central. No dia 10 de maio, quando a equipe organizadora convoca uma entrevista coletiva para falar das mudanças pelas quais o evento está passando, novamente ocupa a capa do Caderno Dois. Sob o título *Semana Rainbow: Parada do orgulho gay será domingo*, MGM³⁹ e Miss Brasil Gay se assentam para discutir novas políticas para a gestão dos eventos *gays*. Com a presença da Miss Brasil Gay 2007, Yanka Ashylen⁴⁰, a organização anunciou a mudança do local para o Cine Theatro Central, informou sobre o novo formato do evento e MGM comunicou o novo dia da parada. Um dos motivos da vinda da Miss Brasil Gay à cidade foi realizar ensaio fotográfico (no interior do Theatro Central) para a campanha promocional do evento. Algumas fotos foram utilizadas na composição da matéria.

³⁹ Movimento Gay de Minas. Naquela data, a direção do MGM comunicou a mudança da parada de orgulho gay e da cidadania para o domingo. Entretanto, essa mudança não se concretizou, permanecendo a parada no sábado.

⁴⁰ Personagem do maquiador capixaba Alessandro Alcântara.



Fonte: Matéria publicada no Jornal Tribuna de Minas, na data de 10/04/2008

Durante os meses subsequentes o Tribuna de Minas, através de várias matérias, notas na coluna social César Romero e da cessão de espaço publicitário⁴¹, fez alusões ao evento. Entretanto, partimos para a cobertura realizada pelo jornal na sexta-feira, sábado, domingo e terça-feira, dias pelos quais se estendeu a cobertura.

Na sexta-feira que antecede o evento (15 de agosto) o jornal gratuitamente cede à organização do evento o espaço de $\frac{1}{4}$ de página para a inserção de propaganda do evento. Importante ressaltar que o espaço foi cedido na coluna Cesar Romero, que possui nos fins de semana os maiores valores para comercialização dentro do jornal. Exatamente ao lado do anúncio, encontra-se nota social dada pelo colunista que destaca a presença do transformista Silvety Montilla, apresentadora do espetáculo.

⁴¹ O Jornal Tribuna de Minas, como parceira do evento, cedeu gratuitamente durante os seis meses de produção do evento um total de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) em espaços publicitários.

Tribuna de Minas – coluna César Romero – sexta-feira, 15 de agosto de 2008



O MAIOR EVENTO DE JUIZ DE FORA

Miss Brasil Gay
32ª Edição 2008

Pela primeira vez no
Cine Theatro Central

16 de Agosto
22 horas

Ingressos à venda na
bilheteria do Theatro
32 3215 1400

www.missbrasilgay.com



Cristiane Manera e a anfitriã Meire Milhomens no lançamento da coleção primavera verão da Colcci

Miss Gay

Considerada a maior 'drag queen' do país, Silvete Montilla vai apresentar o concurso Miss Brasil Gay, amanhã, no Theatro Central. Ao seu lado, Alexandre Silveira, do Zine Cultural.

'Niver' em família

Neste sábado, a família Castellões estará reunida para um almoço em homenagem a matriarca Desdemona Ronzani Castellões, que está comemorando 89 anos.



BOBEIRA PEGA

TEATRO SOLAR

SÁBADOS 21h
DOMINGOS 20h
(32) 3215-9348



Cristiane Manera e a anfitriã Meire Milhomens no lançamento da coleção primavera verão da Colcci

Miss Gay

Considerada a maior 'drag queen' do país, Silvete Montilla vai apresentar o concurso Miss Brasil Gay, amanhã, no Theatro Central. Ao seu lado, Alexandre Silveira, do Zine Cultural.

'Niver' em família

Neste sábado, a família Castellões estará reunida para um almoço em homenagem a matriarca Desdemona Ronzani Castellões, que está comemorando 89 anos.

pacientes estão hoje no Bar da Fábrica, no seminário "Psicanálise na Cidade: dispositi

Beth Salzer e Silvana Souza com o lançamento da coleção infantil primavera verão da Drop's.

Sob a direção de Sílvia Renhe, a Cia de Dança Inércia realiza hoje o "Vide Inércia", com vídeos produções de coreógrafos, grupos e companhias.

Nesta sexta, às 10h30, a candidata será entrevistada pela equipe da Rádio Central FM.

A todo vapor, Myllena toca hoje no Sinta Chic Shopping e amanhã, no Montes Claros Music Fest.

O presidente da Associação Concencelos Barbosa foi visitar o balneário na represa de Furnas.

Um sucesso o show do Miltinho Bate no Bar da Fábrica, em noite de descontração.

Dar esmola na rua é auxiliar a Fundação Amor, pelo telefone 3215-9348.

Pela primeira vez na história do concurso, a edição de sábado do Caderno Dois do jornal ocupa toda a primeira página, com matéria sobre a 32ª edição do Miss Brasil Gay e publicação de fotos das 23 candidatas (que enviaram fotos dentro de prazo estipulado pela editoria do jornal). Sob o título *Sábado rosa – O povo e as divas na passarela*, o jornalista Bruno Calixto escreveu a matéria que se propunha ser um raio-x das várias atividades que compõem o “sábado rosa” de Juiz de Fora, destacando a 6ª parada do Orgulho Gay e da Cidadania, a 32ª edição do Miss Brasil Gay e o caráter mercadológico que os eventos vêm adquirindo, ao mesmo tempo em que propiciam o debate sobre as identidades.

Através da publicação de fotos das candidatas, uma das maiores contribuições da matéria é discutir identidades homossexuais na contemporaneidade, que também se apresentam fluidas e em constante transformação. Outra mudança observada na cobertura do sábado é o destaque dado ao Miss Brasil Gay, diferente dos outros anos, quando o principal enfoque era a Parada do Orgulho Gay.

O povo e as divas na passarela

Expectativa dos organizadores da 6ª Parada Gay é arrastar cem mil hoje, enquanto as 26 candidatas ao título de Miss Brasil Gay se preparam para a grande noite no Central

REVISÃO

Quando o ritmo do meio-dia do Calçadão da Halfeld soar neste sábado, será dada a largada para a 6ª Parada do Orgulho e da Cidadania GLBT, marcada, mais uma vez, para ficar concentrada no Parque Halfeld a partir do meio-dia, sair às 14h e chegar à Praça Antônio Carlos por volta das 18h. "Haverá uma festa, mas vale uma vida" é o tema que os organizadores traçam, estampado nos três trajes eletrônicos do desfile, que seguem pelas avenidas Rio Branco e Independência. A dupla serroteira local, Gem & Roger está escalada para subir no "carro oficial" e cantar o hino nacional, além de canções próprias, antes de um DJ's Cullhans, Cibola, Tiago, Sívio, Michel, Luis Eric, Fábio Mesquita, Jimmy e Hugh agitam as cem mil pessoas esperadas pela organização.

Não é uma luta só dos gays. Cada um pode cumprir o seu papel de cidadão e lutar uma vida, independente da preferência sexual", ressalta o presidente da Movimento Gay de Minas (MGM), Osvaldo Braga, ressaltando a importância de criminalizar a homofobia, projeto ainda em trâmite no Congresso Nacional. São aproximadamente 300 pessoas envolvidas na organização e cerca de 100 mil metros de postrada de som para não deixar ninguém parado. Afinal, as três passadas da Avenida Rio Branco e as duas da Independência estarão fechadas para o cortejo, que volta a contar com 100 seguranças particulares e 200 homens da PM. Para garantir o bom andamento do desfile, a Gêmea preparou esquema especial para as avenidas Rio Branco e Independência, interditando as pistas de acesso com a evolução do evento, a partir das 18h. Serão fechadas os estacionamento ao longo da Independência no trecho por onde passará os três eletrônicos (entre a Rio Branco e a Praça Antônio Carlos). Outras informações sobre a mudança no trânsito no site: www.pfing.gov.br.

Trinta mil preservativos e material informativo sobre Doença Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids serão distribuídos no trajeto, assegurado ainda por uma ambulância da Prefeitura, 70 banheiros químicos e fiscal municipais que auxilia para aprender garrafas de vidro. Após o término da parada, a festa continua na Praça Antônio Carlos com muita música eletrônica, performances artísticas e os tradicionais buns escalados para o espaço.

Tapete vermelho para todo mundo

A cerimônia no Cine-Theatro Central parece estar deixando as 26 candidatas a Miss Brasil Gay de cabeça em pé. Aliss, se depender da quantidade de laquê utilizada pelos produtores das "belndades", não vão lutar tapetes bem altos. O burburinho antes e depois do desfile, marcado para começar às 18h, também está programado para acontecer em grande estilo, com direito a tapete vermelho e arquibancadas do lado de fora do Central, onde o público poderá acompanhar a cerimônia que elegera a Miss Brasil Gay 2008.

A homenagem às divas será o fio condutor do espetáculo, que contará com a presença de um dos ícones da cultura gay brasileira, Leo Aquilla. O artista mineiro traz quatro performances, com números baseados na cantora Madonna e em músicas do cinema norte-americano. Quem apresenta o desfile é Silvério Montilla, considerada uma das melhores drag queens do Brasil, e o apresentador do TV Zine (Zine Cultural), Alexandre Silveira, estreante na festa. Outro espetáculo do evento fica a cargo de Kaki Di Pál, de São Paulo, que se transforma interpretando Clara Nunes e Edith Piaf, respectivamente.

O diretor artístico do Miss Brasil Gay, André Pires, adianta que todas essas atrações, diferentemente das edições anteriores, irão ocorrer em duas horas mais. "Essa ano, por estarmos em um teatro, alcançamos o formato do evento. Vamos tentar fazer um show mais trabalhado e amarrado, para demorar menos e dar mais conforto e comodidade ao público", destaca Pires. Boa parte do evento, principalmente no que se refere à evolução das misses na passarela, ficará por conta da diretora de passarela Aline Firjan, uma das organizadoras do Fashion Days. "Tudo no Miss Brasil Gay é uma surpresa. Os belos trajes, o tombo dos acessórios, além de toda a adrenalina que o desfile traz. É muito diferente, porque mexe com o emocional, e eu acabo me tornando uma psicóloga para decorar as candidatas mais calvas e arrastarem na passarela", diz Aline.

A intenção da diretora de passarela será auxiliada pelo júri formado por membros da cidade e região como o produtor de moda Sérgio Mattos, a jornalista do Brasilian

Miss Mundo Brasil 2008, Tamara Almeida. Presença confirmada também é a de Isabella dos Patins, recém-chegada de Roma, na Itália, onde integrou o júri que coroou o Miss Mundo Transsexual.

'Pink money'

Responsável por atrair mais de oito mil pessoas e injetar cerca de R\$ 5 milhões na economia local, o Miss Brasil Gay, organizado em 2007 como bem inmaterial do município, tem chamado a atenção da Secretaria de Estado de Turismo (Setur). Um estande montado no hall do Cine-Theatro Central desde ontem, distribui materiais promocionais e informativos sobre o turismo em Minas. De acordo com um dos dirigentes do Miss Brasil Gay, Marcelo do Carmo, a unidade de ações entre o MGM e a organização do Miss favoreceu a aprovação do projeto Semaia do Orgulho Gay pela Secretaria de Estado de Turismo. "Das integrantes da diretoria de eventos da Setur e a assessoria da Secretaria Nacional de Políticas do Ministério do Turismo, Janaina Cristina, estão na cidade para avaliar o Rainbow Fest e conferir as

Também no sábado, a coluna Zine Cultural⁴² editorada pela empresa do mesmo nome, dá destaque ao Miss Brasil Gay. Em um fundo rosa, utilizando-se das mesmas fontes gráficas e foto da Miss Brasil Gay 2007, a coluna dedica grande espaço ao evento. Importante ressaltar que a empresa Futuro Comunicação e Zine Cultural tornaram-se empresas parceiras do Miss Brasil Gay, responsáveis pelo desenvolvimento do site oficial do concurso www.missbrasilgay.com. Durante todos os meses de produção, a coluna já havia publicado algumas notas sociais alusivas ao evento. No sábado, 16 de agosto de 2008, apesar de nem todas as notas serem relacionadas ao evento, o fundo rosa foi mantido e houve ainda a publicação de foto do coordenador do evento, Francisco Motta⁴³.

⁴² Site de informação e entretenimento, que mantém uma coluna social aos sábados, no Caderno Dois do Tribuna de Minas.

⁴³ A foto foi tirada na 31ª edição do Miss Brasil Gay, que aconteceu na data de 18 de agosto de 2007. Na oportunidade, Francisco Motta "encarnava" a personagem que lhe consagrou, *Mademoiselle Debret Le Blanc*.

Jornal Tribuna de Minas, Caderno Dois – Coluna Zine Cultural – sábado, 16/08/08

ZINE CULTURAL
Miss Brasil Gay

contato: zinecultural.com

30 de Agosto – Agenda esta dia
 Estarão na cidade a Cia de comédia "Os Melhores do Mundo", com o espetáculo inédito (e hilário) "Hermanotou na Terra de Godan". E, um pouco mais tarde, no La Rocca, tem Ana Carolina. A filha pródiga que à casa retorna para apresentar o "Melhor show do Anjo", segundo o canal Multishow. Ela Jaz de Fora!!!

21 de Julho - 2008
 Entre os dias 9 e 11 de outubro Juiz de Fora vai vir do ar. É o JF Folia, que acontece na área de estacionamento do Estádio Municipal. Convidado com os músicos Nuno e o Jaz, o evento faz para a cidade Banda Eva, Claudia Leite, Choro de Amor e Jammil, além dos shows do Miley e A Zine.

2008 na WISCOM
 Que significa: Seminário Integrado de Soluções em Comunicação e Marketing. Saiba mais no blog: <http://www.wiscomjz.org.br>

2008: Dêz um "Meu grande Respeito"
 A festa Goa, edição especial de 2 anos, que vai rolar dia 23 de agosto no Elite Paradise Park Club, tem compromisso e respeito com o meio ambiente. Parte do arrecadado será revertida em doação de animais para reforçamento das espécies do alto. Essa iniciativa merece ser apoiada!

2008: 1000 Dias da Suprema
 1000 dias para se comemorar. Em setembro tem mais uma edição do Great Fashion Show. Saiba mais no blog: <http://www.greatfashionshow.com.br>

2008: Dêz um "Meu grande Respeito"
 A festa Goa, edição especial de 2 anos, que vai rolar dia 23 de agosto no Elite Paradise Park Club, tem compromisso e respeito com o meio ambiente. Parte do arrecadado será revertida em doação de animais para reforçamento das espécies do alto. Essa iniciativa merece ser apoiada!

2008: 1000 Dias da Suprema
 1000 dias para se comemorar. Em setembro tem mais uma edição do Great Fashion Show. Saiba mais no blog: <http://www.greatfashionshow.com.br>

Na edição de domingo (17/08/08), o Tribuna de Minas concentra sua cobertura na Parada do Orgulho Gay e da Cidadania, além de fotos e depoimentos de turistas e da população local que acompanharam os eventos. De acordo com normas da Esdeva – Empresa Gráfica, grupo de comunicação que é responsável pelo Tribuna de Minas, na segunda-feira não há edição. Portanto, somente na terça-feira (19/08/08) o evento voltou a ser notícia nas páginas do jornal.

Na terça-feira, 19 de agosto, a cobertura já pôde ser percebida na capa da edição, quando é apresentada uma foto da Miss Brasil Gay 2008, Lizandra Brunelli⁴⁴, dentro de uma chamada, que convida o leitor para as matérias que vão compor o Caderno Dois daquele dia.

A cobertura de 2008 continua com a matéria de capa do segundo caderno do Tribuna de Minas, sob o título “Miss Brasil Gay, polêmica na passarela”, com texto da

⁴⁴Nome artístico de Luciano Paradella, eleito Miss Brasil Gay 2008. O rapaz veio representando o estado de Pernambuco, apesar de ser natural, residir e trabalhar em São Paulo. Atualmente, exerce a função de maquiador da Rede Gazeta.

jornalista Raphaela Ramos. A diagramação da página conta com sete fotos, que margeiam o texto que ocupa a página inteira. Embaixo, à esquerda da página, em fontes maiores aparece o Subtítulo da matéria “Pela primeira vez, festa acontece no Central e levanta discussões sobre a participação do povo”. As fotos são todas coloridas, apresentam momentos de destaque do evento e conseguem traduzir a idéia da equipe de fotógrafos. O texto conta ainda com depoimentos da Miss Brasil Gay 2008, Lizandra Brunelli, com outras candidatas e com algumas pessoas do público. A matéria termina com depoimento deste pesquisador que, conforme já informado, presta consultoria para o evento.

Jornal Tribuna de Minas, Capa Caderno Dois – terça-feira, 19/08/08

GLAMOUR

Caderno Dois e CR

Dois Km/19-08-08

A MENOS DE DOIS MESES DAS ELEIÇÕES, 46% DOS ELEITORES NÃO SABEM DIZER EM QUEM VÃO VOTAR

Página 4

Uma criança de 2 anos, e um homem de 23, estão internados em estado grave depois de terem sido atropelados... Avenida Brasil, no Bairro Vitorino Braga, ontem, Alessandro Martins dos Santos tentou atravessar a via com o garoto no colo, mas os dois foram atingidos por um Vectra (foto). Na BR-267, em Igrejinha, Mariana...

Jornal Tribuna de Minas, Capa Caderno Dois - terça-feira, 19/08/08

DOIS

CADERNO

Pela primeira vez na cidade depois de assumir sua carreira solo, Cláudia Leite é uma das atrações do sétimo JF Folia. Abadás e camarotes já começaram a ser vendidos. Página 4



JUIZ DE FORA, TERÇA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 2008

E-mail: dois@tribunaonline.com.br

Caderno 11

Foto: Dora Kato/18-08-08



No início da festa: Silvetry Montilla faz homenagem a Chiquinha Cabocleirino



1ª LOCAL: Lizandra Brunelli, representante de Pernambuco, com faixa, coroa e troféu. Abaixo, exibe seu traje típico, saudando Nossa Senhora do Carmo



INGENUÍVEL: no tapete vermelho em frente ao Central, Ava Simões ficou com o segundo lugar no concurso e levou o título de Miss Simpática

Miss Brasil Gay 2008

Polêmica na passarela

A elegância e a polêmica caminharam serrelapas sobre o tapete vermelho estendido em frente ao CineTeatro Central no último sábado. Afinal, a 1ª edição do Miss Brasil Gay, pela primeira vez, aconteceu em um palco de teatro. É, diga-se de passagem, um dos mais belos do país. Sobre ele, o brilho que mais encantou os olhos dos jurados foi o de Lizandra Brunelli, representante de Pernambuco.

Destacando o trabalho de sua equipe e antecipando a responsabilidade que terá no ano de reinado, a Miss Brasil Gay 2008 contou que passou por muitas dificuldades, inclusive um problema de saúde da mãe. "Mesmo assim, valeu a pena", disse, emocionada. Este seria o último ano de participação de Lizandra, que esteve entre as finalistas em 2005 e 2007. Ao investir R\$ 60 mil em sua produção, o maquiador paulista Luciano Parafideli, nome de batismo da campê, apostou todas as fichas e veio para ganhar. "Comecei a me arrumar às 17h e fiz tudo certinho", comentou, acreditando que seu sucesso aconteceu por reunir todas as qualidades de uma miss, além de conquistar o público.

O traje típico da candidata, muito aplaudida, fez homenagem a Nossa Senhora do Carmo, com um carrinho que trazia uma reprodução gigante da santa. Além, o tema religioso inovou a edição do Miss, sendo tratado por vários transformistas. Michelly X, não foi o mais bonito na opinião dos jurados. O título ficou com Ava Simões, representante de Tocantins, que abocanhou também os troféus de melhor traje típico e Miss Simpática, além de conquistar a segunda colocação. Mesmo assim, Ava estava incontestável: "está doendo, meu sonho é ser a Miss Brasil Gay". O terceiro

Quase um Oscar

Mas o requinte não esteve restrito à estrutura, puxando apresentação, shows, desfile e cenário cheio de flores, assinado por Patricia Mauad. E as divas do mundo gay que foram conferir o concurso, com seus topetes, laques e silfos, abusaram do glamour já na entrada, sob os olhares atentos de muitos que, sem ingresso, mataram a curiosidade na porta do teatro. "O desfile no tapete vermelho substituiu a antiga Galeria da Beleza", explica o consultor administrativo do evento, Marcelo do Carmo. Entre as personalidades, os drag-queens Isabela Carmo, Fátima Silvetry Montilla e Kiki Di Poli, além do Mister Mundo Gay 2008, Luciano Lupio, que cobriu a festa pela Rede TV. Os ex-palcos Mendigo e Mano Ketinho também deram o ar da graça, comandando as entrevistas para a Record.

Várias mudanças foram feitas para concretizar uma antiga meta da organização: diminuir o tempo do evento. A previsão em que a entrega dos resultados fosse dada em duas horas e meia, o que quase aconteceu. Com um programa acrobático de 25 minutos, a divulgação da Miss Brasil Gay 2008 foi feita antes das duas horas da manhã. Os shows, mais curtos e elegantes, trouxeram artistas locais e de fora. Marcos Marinho levantou a platéia ao representar os gestos únicos de Edith Piaf. "Me poltraram para fazer o que mais gosto, que é interpretar", conta o diretor teatral, alegando o profissionalismo da produção. Para assumir a personalidade da cantora francesa, Marinho contou com o mesmo maquiador de Bibi Ferreira. O mineiro Leo Aquilla também se destacou nas apresentações criadas especialmente para a festa juniorana. "O Central possibilitou ampliar a qualidade dos shows, com iluminação e estrutura adequadas", comenta a diretora de espetáculo Fernanda Müller, que encaimou

as equipes com o material de melhor qualidade, proporcionou mudanças, e os resultados foram maravilhosos", opina Marcelo do Carmo.

E o povo?

Questionado sobre o fato de o novo local diluir um dos eventos mais populares da cidade, o consultor explica que a solução seria a instalação da arquibancada e do telão do lado de fora, o que não aconteceu por falta de verba. "Não tivemos colaboração nem dos comerciantes vizinhos", Marcelo também afirma que o pequeno investimento das empresas locais aumentou o custo dos ingressos, que variaram de R\$ 50 a R\$ 200. Talvez por isso o teatro não tenha ficado lotado, mesmo com a promoção feita depois de iniciado o concurso, liberando a meia-entrada para todos que levassem um quilo de alimento ou algum material escolar.

Apesar das inúmeras reivindicações, inclusive durante a Parada Gay, houve quem aproveite a novidade. De acordo com a estudante Flávia Brandi, que conferiu o desfile ao lado mãe, o lugar mais fino e agradável combinou com a ideia de um desfile de missas. "É bom melhor do que ficar apertada em uma arquibancada." O conferente Layon Pereira tem a mesma opinião. "Venho sempre e, dessa vez, achei mais organizado." Marcos Marinho contrapõe, declarando que tudo tem suas vantagens e desvantagens: "apesar da beleza, o caráter de festa do povo se perdeu".

Segundo Marcelo do Carmo, nada impede que, após análises e pesquisas, a organização decida voltar para o Sport Club. "Mas o formato não muda mais", conclui. O consultor também faz questão de dizer que, se não acontecesse no Central, o evento precisaria ser cancelado, já que o apoio dado pela Prefeitura para a infraestrutura, neste ano, não aconteceu.



APLAUSOS: o terceiro lugar foi para Julia Sanchez, representando São Paulo

Pela primeira vez, festa acontece no Central e levanta discussões sobre a participação do povo



PERFORMANCE: Leo Aquilla dança com fantasia em show que levantou a platéia



PIADAS ESCRACHADAS: Mendigo e Mano Ketinho, do programa "O melhor do Brasil", da Record, fizeram cobertura inusitada do evento, prevista para ir ao ar neste sábado, às 19h



A página seis do Caderno Dois, de terça-feira, termina com mais uma importante cobertura do Miss Brasil Gay, dentro da coluna social César Romero. Como poucas vezes antes pôde ser observado na coluna, foram dadas 15 notas, ladeadas por cinco fotos relacionadas ao evento⁴⁵. As notas destacam os pontos positivos, algumas personalidades presentes e discutem pontos relacionadas ao novo formato. Em todos os anos da cobertura, nunca houve tanto espaço dedicado ao concurso.

⁴⁵ A primeira foto apresentava o prefeito da cidade de Juiz de Fora, acompanhado de seus familiares. A foto foi tirada momentos antes do início do concurso.

Tribuna de Minas, Caderno Dois – Coluna César Romero – terça-feira, 19/08/08

Miss Brasil Gay

A parte de receber elogios pelo novo formato do concurso, com maior organização, dinamismo e agilidade – para além da organização – a mudança de Miss Brasil Gay para o Teatro Central trouxe ótimos frutos: quem sentiu falta de burburinho no processo do Sport Club.

O tempo, decorando em Búzios, André Farias comentou que sabia de algumas coisas e estava pensando e que a idealização do concurso, o coordenador Chiquinho Motta, "admirava o evento, era um sonho dele realizar o Miss Gay no Central e não estabelecer isso".

Sobre o valor dos ingressos e a falta de uma passarela, André afirmou que "o concurso tem crescido muito e essa qualidade é qualidade tem preço. É inevitável a mudança em relação, pois o custo é muito alto. Não temos apoio nem patrocinadores dependentes da venda de ingressos. Então, apostamos neste novo formato para ser melhor. É o mesmo formato das concursos de Miss Brasil e Miss Universo, que também não têm passarela".

A Miss Taumaturgo, Ana Simões, que venceu absoluta na noite. Faltava o título de Miss Simpatia, melhor traje típico e de gala, entre muitos aplausos e risos. Ela só perdeu o primeiro lugar para a Miss Taumaturgo, Luíza Biondi, ficando em segunda.

Depois de assistir a Parade Gay, Regina e o prefeito José Eduardo Araújo também marcaram presença no Teatro Central. Estavam com o filho Eduardo e Juliana, namorada de "Boy Boy" José de Faria. O casal vai morar em Brasília.

O prefeito José Eduardo, aliás, destacou muito a competência de Marcelo do Carmo, um dos coordenadores do concurso.

Também comandando um camarote na noite de muito burburinho no Central, Marcelo do Carmo e o casal da UFF, Henrique D'Ávila.

Muito aplaudido, os shows, em certas foram o ponto alto da festa. Marco Marinho, emocionado, emocionou com sua performance de Edith Piaf. Claro destaque foi o transformista Léo Aquila.

No time dos jurados, Valéria Araújo fez jus ao título de elegante e arrasou num vestido preto. Quem também integrou o júri foi o maquiador das estrelas Tim Reis.

A Miss Maranhão, Myrella Ayella chamou a atenção no desfile de traje de gala, usou um exótico vestido de cor-de-rosa, preto, natural.

Muitos aplausos foram em festa aplaudindo as misses: na entrada pelo tapete vermelho, em frente ao Central. Isabelita dos Patins chegou a desfilou até o camarote do teatro.

Mas ainda, a famosa drag fez parte do júri, mas assistindo ao concurso do site de camarotes. Foi muito animada para fotos e entrevistas.

Com ótimas ideias, a apresentadora Silvestre Montilla chamou a atenção do público. A drag queen não ficou cansada nem mesmo na insistência no "merch" de seu DVD "A hora é essa". Ao seu lado, Alexandre Silveira esteve bem no camarote.

Vale um registro ainda do bom momento criado por Marcelo do Carmo.

Depois do concurso, muitos comentários que estavam na planície ficaram surpresos em não encontrar um restaurante aberto no Centro da cidade.



O prefeito José Eduardo Araújo com Juliana e Eduardo Barboza dos Santos



Isabelita dos Patins posando para as flashes no camarote



O Mister A Luciano Lupo e a Miss Rebecca



Na feitura por Miss Gay, os responsáveis pela organização Marcelo do Carmo, Mirele Moita, Chiquinho Motta

Quem fala

A nova presidente do Laros B, Graziela Mendonça Henriques, na foto, ao lado, no lado e Lohana. O diretor técnico da Associação Luciano Arantes, sua filha Sofia de Oliveira, Gláucia e Catarina.

VÔO LIV

A Camerata Tri-Música, com Violões de Carvalho, faz um abstrato da programação cultural sempre da Finep, no Alameda.

Depois de inaugurar, no final de Checklist, Botane Fiores se pegou surpresa, também no Indep e Folic, com um estilo de sua refinada.

Atendendo a pedidos da Jacqueline Vianna, a Cia. V está montando o espetáculo "Lô", de Maria Clara Maciel.

O presidente da Associação J Recrea do Euzébio, Luiz, Eda após 14 dias morando no M de arcação.

Letícia Gabrich vai ministrar do verão, aos sábados.

Antropólogo e professor da Unesa a tem "Cálcio Social - Política e interseção".

O advogado Arêndio boas comemora um ano de

Beatriz Faria apresenta a Suprema, no 5 Fórum N de Ensino e Aprendizagem ministrará a obra "Fisica: a realidade física e o

Os beneficiários N Aguiar, Marcelo Forti embaixador José Arredondo Alexandre Moraes e J vestiu a coruja por via de Brancos.

A antologia "Cris de Gelo", em edição de P lay, nos jardins interiores Hermoso.

Derivando na re



O prefeito José Eduardo Araújo com Regina, Juliana e Eduardo Barboza dos Santos



Isabelita dos Patins posando para as flashes no camarote



O Mister Mundo Gay 2007, Luciano Lupo e Aíde Gallil, Aghaia Ferraz e Rebecca Felini (ao lado)



Na feitura por Miss Gay, os responsáveis pela organização Marcelo do Carmo, Mirele Moita, Chiquinho Motta

4.2 ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA

Pesquisar a cobertura do Miss Brasil Gay, nesses 32 anos de existência do concurso, nos permite perceber as mudanças pelas quais tem passado a utilização do direito à informação, ao mesmo tempo que faz repensar os papéis que os eventos podem desempenhar, não somente como ferramenta de *marketing*, mas como veículo de comunicação alternativa.

Quando iniciamos esta etapa da pesquisa, o objetivo era testar a hipótese de se a maneira, muitas vezes, estereotipada como os homossexuais são percebidos pela sociedade brasileira em geral, também acontece nas páginas do jornal Tribuna de Minas, através da análise das edições de sexta-feira, sábado, domingo e terça-feira. Partimos do pressuposto que homossexuais no Brasil, a partir dos 70 são representados somente dentro de algumas categorias. A primeira delas é facilmente percebida até os anos 70, quando a homossexualidade no Brasil ainda não era divulgada ou era vista de maneira caricatural, exótica e divertida. A segunda está relacionada ao período compreendido entre os anos 80 e 90 quando a comunidade homossexual passa a ser considerada importante público consumidor (com desenvolvimento de marcas, produtos, hotéis, serviços, destinos e equipamentos turísticos desenvolvidos somente para homossexuais). Ao mesmo tempo, tornava-se também importante mercado eleitor, passando a serem alvo de plataformas políticas. Por último, mais relacionado ao início do século XXI e como resultado de uma ampla exposição pelos veículos de massa e da inserção da *queer theory* em diferentes campos de pesquisa, pode-se perceber que começa a haver uma tendência em se tratar os homossexuais como cidadãos; dotados de direitos e deveres; regidos pelas mesmas leis; com direito à privacidade; direito à informação e direito à comunicação.

Portanto, a hipótese testada – um dos objetivos principais dessa pesquisa – confirmou, através da cobertura analisada. O comportamento da sociedade brasileira a partir dos anos 70, com relação às percepções a respeito da homossexualidade, também pôde ser observado nos jornais pesquisados. Apesar de, em alguns momentos, as categorias elencadas se tangenciarem, elas podem ser percebidas e se alternam muito claramente ao longo das décadas pesquisadas. Assim, parafrasear a jornalista Raphaela Ramos, que criou o título da matéria “Miss Brasil Gay 2008, polêmica na passarela”, traduz bem uma das primeiras percepções ao se pesquisar a cobertura das várias edições do evento. Inerente ao seu formato, o Miss Brasil Gay trará sempre consigo reflexão e transgressão. Reflexão e transgressão são duas características que o farão estar sempre polemizando. Ao polemizar permite que diferentes identidades se tangenciem e novas categorias de pensamento sejam elaboradas.

5 PESQUISA PARTICIPANTE: AGORA SOMOS TODOS SUJEITOS

O que levou a fazer a opção pela *Pesquisa Participante* é o fato de comungarmos do mesmo raciocínio elaborado por Peruzzo que convida o pesquisador ao engajamento e à maturidade intelectual, aliado à crítica com relação à impossibilidade da neutralidade da ciência

Do pesquisador engajado espera-se maturidade intelectual suficiente para processar sua investigação com base em hipóteses ou questões de pesquisa sustentadas em teorias e, ainda, que possa captar os movimentos do fenômeno tais como são, portanto distanciando-se de suas idiossincrasias e de um olhar parcial, superficial ou falso da realidade, o que em absoluto significa acreditar na possibilidade da neutralidade da ciência. (Peruzzo, 2004, p. 12).

A revisão bibliográfica sobre Pesquisa Participante (PP) nos faz retornar aos anos 70 e 80, em importantes momentos históricos da América Latina. Se no caso brasileiro ela nasce a partir do trabalho de “educação para a libertação” desenvolvido pelo educador Paulo Freire, na América Latina ela nasce no seio de movimentos de luta contra regimes ditatoriais no Chile, Colômbia e Venezuela, com importantes trabalhos desenvolvidos na área de educação e sociologia. De acordo com Peruzzo (2004, p. 2).

a pesquisa participante no estilo de participação engajada de investigação social e relacionada à prática educativa – surge conceitual e metodologicamente, no início da década de oitenta, quando a realidade de um número importante de sociedades latino-americanas se caracteriza pela presença de regimes autoritários e modelos de desenvolvimento manifestadamente excludentes, no aspecto político, e concentradores, no aspecto econômico.

Em outros países latino-americanos a PP vem sendo desenvolvida já desde a segunda metade do século XX – conforme citado acima. Entretanto, independente do país

onde ela venha se desenvolver, seu objetivo principal está muito bem definido por Silva, quando a pesquisadora escreve sobre as profundas semelhanças que há entre educação popular e “investigação participativa” que, segundo a autora, apresentam

um caráter político claro, ao se voltarem para a criação de uma consciência crítica da sociedade a partir de prática cotidiana. Apresentam um potencial libertador na medida em que se voltam para construir e ativar organizações populares no sentido de criar uma consciência social capaz de confrontar as estruturas dominantes da sociedade, buscando sua superação. (Silva, 1991, p. 28).

No caso brasileiro, o interesse pela PP nasce posteriormente, de acordo com Silva (1991, p. 23), e está

com algum atraso devido a razões históricas conhecidas. Registram-se, como pioneiras, as preocupações nascidas no âmbito da educação, principalmente, com Paulo Freire, no início da década de 60, e o ressurgimento do interesse por processos participativos, mas recentemente com o fortalecimento das Comunidades Eclesiais de Base, com o fortalecimento do movimento sindical e da oposição sindical, com o surgimento de novos partidos políticos de oposição, em suma, uma eclosão de movimentos sociais, a partir de 1978.

Da realidade de dificuldades da América Latina nascem opções de pesquisa científica que tentam modificar o binômio sujeito (pesquisador) e objeto (pesquisado) para um pressuposto metodológico onde não existem objetos de pesquisa, mas sim uma nova categoria de pensamento em que sujeitos constroem juntos um novo olhar científico. Uma opção metodológica que discute a neutralidade e/ou imparcialidade do pesquisador, além de uma pequena (ou nula) participação das comunidades pesquisadas – tão comuns na pesquisa convencional. A força-motriz que impulsiona a PP é dada por Silva (1991, p. 159):

A pesquisa, assim entendida, representa muito mais que o produto de uma ruptura explícita com o projeto político dominante de construção de ciência, o que significa uma ruptura com o *status quo*, não se voltando tão-somente para a acumulação do conhecimento sobre um domínio específico do saber, mas, também, para entender a situação de opressão em que vivem as classes

populares, oferecendo elementos de conhecimento que possa contribuir para sua transformação, propondo-se, assim, a estabelecer nova relação entre teoria e prática, entre sujeito e objeto pautando-se pelo compromisso científico, mas também político, valorizando o saber popular e considerando a realidade social em permanente movimento.

A tentativa de acrescentar mais posicionamento político à pesquisa científica, aliada à iniciativa de pesquisadores que se encontram engajados em determinadas lutas sociais têm o objetivo de denunciar situações de mitificação da realidade e da opressão (Silva, 1991). A pesquisa sobre esse tema nos leva novamente ao trabalho de Paulo Freire, que utilizou no Brasil e em outros países (Chile e Uganda, por exemplo) a “educação para a libertação” cujo objetivo é provoca nos sujeitos “o reconhecimento do mundo, não como um ‘mundo dado’, mas como um mundo dinamicamente ‘dando-se’” (Freire, 1978, p. 94). Dentro desse raciocínio, o que o educador procurou combater em seu trabalho é a imparcialidade da ciência e a necessidade de transformação social que deve advir da pesquisa científica. Segundo Freire (1978, p. 103),

a realidade é um fato dado; que ela é o que é e que nossa imparcialidade científica nos permite apenas descrevê-la como é. Por isto mesmo, para descrevê-la como é, não temos de indagar razões maiores que a explicam como é. Se, pelo contrário, procuramos denunciá-la como está sendo para anunciar uma nova forma de ser, aprendemos hoje na universidade que já não seremos cientistas, mas ideólogos.

Portanto, na impossibilidade de neutralidade da ciência está um dos principais alicerces que auxiliam a definição da pesquisa participante. Em Silva (1991, p. 35) podemos perceber uma revisão da obra de Freire, quando a autora reforça a idéia de que

as propaladas neutralidade e objetividade da ciência são talvez os aspectos mais refutados pelos críticos da pesquisa dita tradicional. Paulo Freire referindo-se a esse aspecto, admite que a neutralidade da ciência é inexistente e advoga, em toda sua obra, uma atitude comprometida, por considerar a impossibilidade de uma educação neutra. Segundo ele, toda neutralidade proclamada é sempre uma opção escondida, na medida em que os temas, sendo históricos, envolvem orientações valorativas dos homens na

sua experiência existencial (Freire, 1978a: 89). Para ele ainda, ‘todo investigador digno desse nome sabe muito bem que a propalada neutralidade da ciência, de que resulta a não menos propalada imparcialidade da ciência (...) é um dos mitos necessários à classe dominante.

Há definições que auxiliam a compreensão do universo científico discutido pela PP – que para alguns autores também pode receber o nome de “investigação participante”.

Para Silva (1991, p. 49), pesquisa participante pode ser entendida como um

tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Para Hall, “a PP é descrita de modo mais comum como uma atividade integrada que combina investigação social, trabalho educacional e ação” (Brandão, 1985, p. 121).

Rosiska e Miguel apontam um dos objetivos principais da PP que é “trabalhar com grupos oprimidos para construir com eles, e a partir da situação vivida por eles, conhecimentos da realidade que sejam utilizados para superar a situação de opressão” (Silva, 1991, p. 129).

Outro autor que apresenta uma definição consistente para PP é Demo (Silva, 1991, p. 50), que a considera como aquela que

privilegia a relação prática com a realidade social buscando nisto uma via de descoberta e de manipulação da realidade. Caracteriza-se por compromisso ideológico-político ostensivo com o objeto de pesquisa, em função do qual se desfaz a condição de objeto, passando a instrumento importante na relação da proposta política do grupo estudado.

Mas, para que ela se torne passível de realização, o mesmo autor reforça a idéia que “ao pesquisador, caberá identificar-se ideologicamente com a comunidade, assumindo sua

proposta política, a serviço da qual se coloca a pesquisa” (Silva, 1991, P. 50). Para Brandão (1981, p. 202), um dos autores que mais escreve sobre PP no Brasil, o princípio metodológico da PP deverá ser definido:

a forma de obtenção de informações que redunde num processo de discussão, troca de experiência e conhecimentos entre pesquisadores e comunidade, no qual os resultados e condições também sejam debatidos e utilizados pelas partes envolvidas, numa perspectiva de elevação da capacidade crítica e da consciência dos problemas sócio-econômico-culturais existentes.

Cicília Peruzzo propõe uma classificação para essa metodologia que seja utilizada para a pesquisa em comunicação social. De acordo com a autora a PP pode-se dividir em observação participante, pesquisa participante e pesquisa-ação. Peruzzo, ao classificá-la dentro do universo da comunicação social é motivada por dois fatores. Em primeiro lugar, por vislumbrar a possibilidade de realizar uma pesquisa inovadora de caráter qualitativo que permita atingir elevado grau de profundidade. Outro ponto é a preocupação em dar passos adiante com relação aos estudos críticos (referência à pesquisa-denúncia) dos meios de comunicação, que já não são suficientes para uma ala de pesquisadores. A pesquisadora organiza uma definição que visa ampliar a discussão sobre o tema, onde estão elencadas as seguintes características:

- a) na presença constante do observador no ambiente investigado, para que ele possa ‘ver as coisas de dentro’;
- b) no compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado – ou seja, ele se envolve nas atividades, além de co-vivenciar ‘interesses e fatos’;
- c) na necessidade, segundo autores como Mead e Kluckhohn, de o pesquisador ‘assumir o papel do outro’ para poder atingir ‘o sentido de suas ações’. (Peruzzo, 2004, p. 2).

Há outras definições de PP, defendidas por pesquisadores latino-americanos. Dentre eles podemos citar Victor D. Bonilla, Gonzalo Castillo, Orlando Fals Borda, Augusto Libreros, Vera Gianotten, Ton de Wit, Manuel Alberto Argumendo, Kaplún. Todos esses desenvolveram trabalhos bastante significativos junto a populações oprimidas na América Latina. Tão importante quanto ressaltar a importância do trabalho desenvolvido por esses pesquisadores é, após a análise dos projetos desenvolvidos, apresentar potencialidades da PP, de acordo com Brandão (1981, p. 60):

a potencialidade da pesquisa participante está no seu deslocamento proposital das universidades para o campo concreto da realidade. Este tipo de pesquisa modifica basicamente a estrutura acadêmica clássica na medida em que reduz as diferenças entre objeto e sujeito de estudo. Ela induz os eruditos a descer das torres de marfim e a se sujeitarem ao juízo das comunidades em que vivem e trabalham, em vez de fazerem avaliações de doutores e catedráticos.

Um dos pressupostos da PP é eliminar, ou pelo menos reduzir, as limitações da pesquisa tradicional, mesmo empregando métodos tradicionais na coleta de dados, mas que enfatizem posturas qualitativas e a comunicação interpessoal. A realização da PP precisa ser um processo coletivo e, ao mesmo tempo, uma experiência educativa (Brandão, 1985).

Em mais uma referência aos ensinamentos de Freire, o educador é enfático ao defender a posição de métodos educativos que “libertem”, que só podem ser conseguidos através da participação popular e entendidos como proposta de participação popular, com o gradativo desaparecimento do “objeto da pesquisa”, quando todos devem se transformar em sujeito:

se minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também do conhecimento que, sendo para ele um conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua

experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. (Freire, 1981, p. 35).

Em 1978, dentro da tentativa de dar método às discussões teóricas a respeito da PP, o pesquisador francês Guy Le Boterf elaborou passos através dos quais a pesquisa deve ser elaborada. O esquema de Boterf divide a PP em três fases, que devem ser retroalimentadas ao final de cada uma delas.

Com o objetivo de unir teoria e prática de pesquisa, a partir desse momento, serão acrescentados dados relacionados à “pesquisa participante” efetivada para essa dissertação de mestrado. A pesquisa envolve discussões a respeito do evento “Miss Brasil Gay”. A pesquisa começa a ser pensada a partir de observações feitas em 2006, quando da contratação deste pesquisador como prestador de serviços de “consultoria em administração e marketing” para a produção do referido evento.

É importante ressaltar que, como integrante do público, este pesquisador frequenta o evento desde o ano de 1990 e é inegável o fato de que a elaboração do raciocínio científico é anterior ao ano de 2006, mesmo que de maneira subliminar.

Em primeiro lugar, definimos a comunidade pesquisada. Uma análise superficial pode concluir que a comunidade estudada foi o universo abrangido pelo Miss Brasil Gay, composto somente pelos homossexuais envolvidos e mobilizados na realização do concurso. A identificação da comunidade caminha para novas percepções. Se ampliamos o raio de percepção, auxiliados pelos estudos das identidades apreendemos que a comunidade pesquisada é bastante ampla. Portanto, a comunidade homossexual envolvida no Miss Brasil Gay tem representantes de parte da sociedade brasileira.

A definição das variáveis para a pesquisa se baseia em três aspectos diferentes: a análise da cobertura jornalística do evento, as características sócio-econômicas da

comunidade homossexual que visita Juiz de Fora (realizada através da Pesquisa de Perfil da demanda turística, apresentada acima) e as observações feitas por esse pesquisador.

Os instrumentos da pesquisa foram a revisão bibliográfica, a análise dos jornais previamente selecionados, entrevistas semi-estruturadas com atores sociais envolvidos com o Miss Brasil Gay, desde sua 1ª edição (entrevista na íntegra nos anexos). Também não pode deixar de ser considerada como instrumento de pesquisa a série de reportagens veiculadas a respeito da homossexualidade, que diariamente fazem parte dos noticiários.

Sendo assim, o trabalho de um pesquisador que se envolve com esse pressuposto metodológico dificilmente terá fim, uma vez que a relativização dos papéis de pesquisador e objeto de estudo necessariamente irão se alternar no decorrer do processo, havendo a possibilidade de essa relação se retro-alimentar por longos períodos, por tratar-se da construção de grande diagnóstico a respeito da comunidade. Acreditamos ter cumprido essa etapa através dos artigos científicos produzidos, participação em congressos, palestras proferidas, entrevistas em meios de comunicação, reportagens publicadas e até mesmo no material gráfico alusivo ao evento (principalmente no ano de 2008 – quando mudanças já puderam ser implementadas).

Naquele momento – e estávamos em meados do ano 2007 – definimos quais seriam os anos da cobertura jornalística analisados, baseados na hipótese que defendemos e em nossos conhecimentos a respeito de cidadania, comunicação, identidades e turismo. Uma análise preliminar do jornal Tribuna de Minas nos permitiu perceber quatro momentos históricos da cobertura que empiricamente caminhavam para a seguinte percepção do cidadão homossexual: invisível - exótico – consumidor – cidadão. Entretanto, ainda era cedo para conclusões e, ao mesmo tempo, proposição de mudanças. Por se colocar a serviço de uma minoria social – os homossexuais – era indispensável que conhecêssemos mais profundamente, junto a quem e com quem a pesquisa deveria intervir (Brandão, 1985, p. 56).

Como este pesquisador prestava serviços de consultoria para o evento, era perceptível uma série de problemas relacionados à produção do evento e indícios de preconceitos que geravam grandes dificuldades para a realização da 31ª edição do Miss Brasil Gay (realizado no dia 24 de agosto de 2007). Em face das dificuldades observadas e da percepção do preconceito, algumas categorias de pensamento começaram a ser elaboradas, bem como mudanças passaram a ser estudadas. As mudanças percebidas e promovidas (com auxílio da equipe de produção do evento) estão elencadas a seguir.

A mais importante percepção dessa etapa foi o trabalho desenvolvido pelo Miss Brasil Gay na luta contra a homofobia e preconceito. Como um dos mais antigos movimentos organizados pelos homossexuais no Brasil, o evento contribui para a diminuição do preconceito com os homossexuais, por um caminho transversal, que passa pela arte do transformismo, pela elegância, pelo luxo e pela possibilidade de vivenciar o sonho que os concursos de beleza sempre despertaram. O Miss Brasil Gay é evento político que representa a questão da homossexualidade e o direito à cidadania através do espetáculo de arte, dança e teatro.

Outra importante contribuição que o evento promove para a comunidade homossexual envolvida é o trabalho de resgate de sua auto-estima, em uma tentativa de diminuição da prostituição homossexual. Através de uma apresentação artística um dos objetivos do evento é apresentar aos homossexuais – artistas, equipe de produção, público presente, comunidade – um novo estilo de vida, além da prostituição. As candidatas têm sua auto-estima resgatada, em função da possibilidade de realização de um sonho.

De acordo com políticas públicas de Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio de Juiz de Fora, eventos são a maior motivação turística a ser desenvolvida. Considerado um dos mais importantes eventos, o Miss Brasil Gay comprova a vocação da cidade para o “turismo de eventos” e destino *gayfriendly*. A Inclusão do evento no Registro de Bens

Imateriais da cidade de Juiz de Fora (Decreto nº 9275, 14/08/07) demonstra o reconhecimento do seu valor histórico, quarto Registro Imaterial da cidade, definido em reunião do COMPPAC (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural), com posterior registro no livro do Tombo.

A respeito do aquecimento da economia local, é grande a movimentação financeira que o evento promove. Se relacionamos o número de profissionais envolvidos na produção do Miss Brasil Gay facilmente se chega a número superior a 300 pessoas, além dos vários setores da economia indiretamente movimentados. Na produção, vários profissionais são contratados: pessoal de escritório, design gráfico, serviços gráficos, *web designer*, montadores, decoradores, assessoria de imprensa, agência de propaganda, estilistas, costureiros(as), bijouterias e de acessórios – são alguns exemplos. Isso sem contabilizar a movimentação nos serviços e equipamentos turísticos (hotelaria, bares, restaurantes, casas noturnas, transportes, serviço de táxi, roupas e acessórios). Há ainda ofertas de empregos indiretos (prestadores de serviços, informais e autônomos) e oportunidade de estágio para mais de 70 alunos do curso de Turismo da UFJF, nas variadas etapas do processo de produção: secretariado, departamento de finanças, *telemarketing*, central de informações e venda de ingressos, recepcionistas, auxiliares de produção, departamento de alimentos e bebidas, pós-evento, pesquisa de satisfação.

Comprovando que a comunidade pesquisada abrange um universo mais amplo e diversificado está a capina, revitalização do asfalto e da sinalização de trânsito (vertical e horizontal) no entorno do local do evento, que em 2007 foi realizado no clube Tupynambás, bairro Poço Rico. Na mesma época da transferência do evento para o clube Tupynambás, as Organizações Panorama (afiliada da Rede Globo em JF) assinaram contrato com o “Baeta” (apelido do time de futebol do Tupynambás Futebol Clube) e promoveram a revitalização de toda a sua sede social, campo e quadras. Uma antiga reivindicação da comunidade junto à

CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais) era a revitalização da iluminação pública da região do entorno do campo, no bairro Poço Rico. Numa demonstração de apoio ao evento, a CEMIG não somente revitalizou a iluminação pública do entorno, como a fez definitivamente.

Outro fato importante a ser ressaltado é a cobertura jornalística – de massa e dirigida. Em 2007, foi importante a repercussão gerada pela gravação de um quadro do programa *Pânico na TV*, programa da Rede TV, exibido em 18 de agosto, com a presença dos repórteres Vesgo e Sílvio. Além da cobertura por profissionais de diversos órgãos de comunicação, com cadastramento de mais 150 jornalistas. Houve também a filmagem do curta-metragem “Transbelos”⁴⁶, dirigido pelo *video maker* Elton Menezes. Pode-se perceber o evento sendo pauta tanto para a imprensa dirigida, como para a de massa.

Como síntese dessa etapa da pesquisa – relacionada às ações desenvolvidas no ano de 2007, pudemos perceber uma série de mudanças que já começaram a ser promovidas. Ao mesmo tempo, constatamos uma dificuldade para determinados grupos perceberem o Miss Brasil Gay como instrumento de luta contra a homofobia e o preconceito. O projeto de lei nº. 177/2007 de autoria do então vereador Paulo Rogério⁴⁷, que versa sobre a inclusão dos eventos LGBT no calendário oficial da cidade (Miss Brasil Gay, Rainbow Fest, Parada do Orgulho Gay e da Cidadania) foi retirado da pauta da Câmara dos Vereadores de Juiz de Fora pela bancada religiosa (composta em sua maioria por vereadores evangélicos). O adiamento da votação do projeto inicia uma série de discussões que culminaram com audiência pública e presença de entidades representativas – da comunidade homossexual, dos direitos humanos e das igrejas. O projeto de lei permitiria a inclusão do evento no orçamento do município – a partir do exercício 2008. Entretanto, o projeto foi arquivado. O que se esperava desse projeto

⁴⁶ O filme encontra-se em fase de finalização, segundo o diretor Elton Menezes. Ainda em 2008, serão filmadas novas imagens durante a 32ª edição do Miss Brasil Gay. A finalização do filme deverá ser feita até dezembro do corrente ano, para que o mesmo consiga ser incluído entre os filmes que concorrerão na sessão de documentários do Festival de Cinema de Cannes, no ano de 2009.

⁴⁷ Morto em 2008, vítima de acidente automobilístico.

de lei é que os eventos que atendem à comunidade homossexual pudessem receber apoio oficial da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, cessando uma situação que já perdura por vários anos: a ajuda extra-oficial que a Prefeitura sempre deu aos referidos eventos. A extra-oficialidade desse auxílio pode ser caracterizado como forma de preconceito, embora velado. Longe de discussões político-religiosas, o projeto propunha maior transparência no apoio aos eventos. O que, infelizmente, não foi conseguido.

Aliado à construção da parte teórica desse trabalho de pesquisa, uma série de ações começaram a ser pensadas a partir da 31ª edição do evento. Em setembro de 2007, após tabulados os resultados da pesquisa de perfil da demanda turística, através de conversas com a equipe de produção, bem como em conversas informais com o público presente ao espetáculo. Nessa etapa mais informações haviam sido coletadas sobre o evento, que nos fizeram perceber a necessidade da utilização de um princípio de administração e *marketing* denominado de matriz SWOT, para a determinação de novos rumos para o espetáculo, novas estratégias de ação, com a proposição de novos desafios ao evento, que poderão auxiliar na quebra de paradigmas.

<p>PONTOS FORTES:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retirar o evento do “gueto” • Menos burocracia – documentação mais simples e menor exigência de laudos • Mais glamour • Trabalho menor de montagem, em função da estrutura do teatro • Melhor acústica e estrutura de luz • Palco maior • Área de camarins • Quatro camarins profissionais • Evento com menor duração • Localização central • Estrutura para venda antecipada de ingressos • Maior facilidade de captação de patrocínio • Tapete vermelho para entrada de convidados • Venda de camarotes • Preço de aluguel: mais barato que dos anos anteriores • Boca de cena – medidas: <ul style="list-style-type: none"> ○ Alt.: 9,30 ○ Largura: 12 m ○ Prof: 10 m • Camarotes: 17 camarotes com 6 lugares cada • Estrutura de camarins • Acesso de poucos jornalistas: coberturas exclusivas 	<p>PONTOS FRACOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pode elitizar demais • Preço elevado dos ingressos • Menos lugares na platéia: 1851 lugares • Não vai haver consumo de bebidas alcoólicas e cigarros • Perde-se o clima de baile <i>gala gay</i>
<p>AMEAÇAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retaliação dos evangélicos • “Boicote” do público gay • Aprovação do Chiquinho e família • Perda do público menos favorecido e heterossexuais 	<p>OPORTUNIDADES:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Possibilidade de venda do evento para cobertura exclusiva de uma tv local ou nacional • Apoio da UFJF • Todo nosso material gráfico e identidade (realizado pelo Bruno Souza) será feito a partir de fotos no Cine Teatro Central • Transformar o evento em um espetáculo de luxo e sofisticação • Auxílio na luta contra o preconceito • Dar ao maior evento da cidade, o espaço, o reconhecimento e a visibilidade que ele merece

Uma das aplicabilidades do trabalho deste pesquisador - a partir das discussões teóricas sobre o papel social da pesquisa participante e o papel transformador que o pesquisador assume ao optar por essa metodologia – foi a elaboração de um projeto para a equipe produtora do Miss Brasil Gay, sugerindo a mudança de local. A idéia principal foi tirar

o evento de sua localização marginal e levá-lo (assim como também levar as discussões que envolvem sua realização) para o centro da cidade e das discussões políticas, para a praça pública. Em 2008, a 32ª edição do Miss Brasil Gay, aconteceu no dia 16 de agosto, no Cine Theatro Central - o maior e melhor teatro da cidade, que figura entre os 15 mais importantes do país. O teatro pertence à UFJF e a resolução sobre o aluguel do espaço, consta em ata e foi resultado da reunião onde houve explanação sobre o projeto para os integrantes do Conselho Deliberativo do Cine Theatro Central, sob a coordenação do Pró-reitor de Cultura da UFJF, Prof. José Alberto Pinho Neves.

A proposta de mudança de local previa mudanças na percepção do evento. E essas mudanças começaram a ser percebidas já no dia seguinte ao anúncio do novo local. O Jornal Tribuna de Minas dá destaque à notícia na primeira página do Caderno Dois no dia 10 de abril de 2008, sob o título “Miss Brasil Gay 2008, com direito a tapete vermelho na porta”. O texto do jornalista Bruno Calixto apresenta algumas mudanças e discute possíveis pontos fracos e fortes da mudança. Conforme o texto, se por um lado não poderia haver o consumo de bebida alcoólica, por outro, haveria mais glamour, mais luxo e a possibilidade de estender o movimento no calçadão da rua Halfeld também durante a noite. Foi a primeira matéria publicada sobre o evento em 2008. O envio de *releases* para os principais órgãos de comunicação (de massa e dirigida) fez com o novo local fosse rapidamente descoberto pelo público, em meio a uma série de boatos, críticas e elogios. O que também já havia sido previsto pela equipe de produção.

Diferente dos outros anos, em função do intenso trabalho de assessoria de imprensa⁴⁸ e atualização diária do site oficial do evento (www.missbrasilgay.com)⁴⁹, o evento esteve

⁴⁸ Em 2008, o trabalho de assessoria de imprensa foi desempenhado pela República, uma das mais importantes agências de comunicação da cidade de Juiz de Fora, de propriedade da jornalista Gisele Cid.

⁴⁹ Site oficial do evento, desenvolvido pela Futuro Comunicação, uma das empresas que compõem o Zine Cultural – portal de informações e entretenimento da região.

constantemente na mídia, através de matérias e notas sociais, em diferentes veículos e abordagens.

Outras mudanças também ocorreram no evento no ano de 2008 – mudanças propostas e fatos decorrentes delas. No dia 15 de agosto, este pesquisador e o diretor geral do evento, Francisco Motta, foram agraciados com o prêmio Amigo do Patrimônio, entregue pelo COMPPAC às pessoas que mais lutaram pela preservação do patrimônio durante o ano na cidade. A premiação é claro indício de como a comunidade juizforana estava (re)vendo sua percepção do evento.

A parceira com órgãos de fomento ao turismo também devem ser destacadas. Pelo segundo ano consecutivo, o evento conseguiu – através da parceria com o *Juiz de Fora Convention e Visistors Bureau* – recursos financeiros na ordem de oito mil reais junto à Secretaria de Turismo de Minas Gerais (SETUR). Além da montagem de *stand* de informações turísticas na porta principal do teatro, com material e operacionalização pela equipe da SETUR.

Fato inédito para o turismo da cidade – também fruto da parceria com o *Juiz de Fora Convention e Visistors Bureau* - a *Semana Rainbow* foi um dos projetos contemplados pela 3ª chamada de projetos do Ministério do Turismo (dentro do Programa de Apoio à Comercialização de Eventos). Dentre mais de 300 projetos avaliados, apenas 14 foram contemplados, ficando a *Semana Rainbow* em segundo lugar, sendo que em primeiro ficou o Festival de Cinema de Gramado. O Convênio foi firmado no dia oito de agosto e foram repassados recursos financeiros na ordem de R\$ 132.000,00 (cento e trinta e dois mil reais).

Outra característica que o evento apresentou em 2008 foi a qualidade do espetáculo. Diferente dos anos anteriores, o evento teve duração de 02:45 horas e primou pelo profissionalismo. Se por um lado as candidatas se apresentaram muito bem, a qualidade técnica dos shows também merece ser destacada. Com o tema *Divas*, o Miss Brasil Gay 2008

realizou no palco do Cine Theatro Central um espetáculo que envolveu uma equipe composta por mais de 150 pessoas, com custo total superior a 200 mil reais.

Juntamente com os impactos positivos relacionados à edição de 2008, também devem ser discutidos os impactos negativos sofridos. O primeiro a se destacar é o preço dos ingressos. O valor médio de R\$ 80,00 fez com que o teatro operasse com apenas 70% de ocupação, sendo que muitos dos presentes eram convidados ou compraram o ingresso a preços promocionais. O público reduzido, aliado à quase total falta de patrocinadores, comprometeram a lucratividade do evento.

Esse é o segundo ponto a ser destacado: a quase total falta de patrocinadores. Na 32ª edição o evento foi subsidiado pela parceria com diversas empresas que permutaram produtos ou serviços em troca de espaços publicitários. Foram as empresas parceiras que viabilizaram o evento. Como não houve repasse de recursos financeiros, boa parte da receita fica comprometida para os pagamentos dos custos. Apesar de o evento ser marca consolidada, (re)conhecida internacionalmente. Entretanto, o receio em aliar marcas a produtos ou serviços *gays* ainda é uma constante entre o empresariado brasileiro.

Por último, a maior crítica ao espetáculo: a frieza, o distanciamento e a falta de calor humano – tema amplamente discutido pelo público, bem como pela cobertura da imprensa. Isso devido à falta de bebidas alcoólicas, cigarros e de um ambiente de festa com paquera e espaço para namoro. A mudança do local do evento para um dos mais importantes teatros do Brasil, por mais inusitado que possa parecer, foi o principal motivo que afugentou uma grande parcela do público. Uma das características que mais identifica a comunidade homossexual (a educação, a elegância e sofisticação) não se confirmou na prática: para 2009 há uma grande possibilidade de o Miss Brasil Gay voltar para seu formato anterior.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir comunicação é elaborar categorias de pensamento que permitam perceber os meios massivos não somente como “reprodutores de informações”, mas também como co-responsáveis por um diálogo com os públicos envolvidos. Portanto, se considerada “dialógica”, a comunicação deve ser entendida como relação comunitária humana que consiste na emissão e recepção de mensagens entre interlocutores em estado de total reciprocidade.

Os meios de comunicação de massa representam uma parte da realidade. A partir deste pensamento, depreende-se que há mais elementos na construção de identidades das minorias do que a mídia pode comunicar. Há fatos ocorrendo que ainda não são “fato jornalístico”. Neles, há o que é dito (pelo *marketing*, publicidade e pelo jornalismo) e o que não é dito; o que está nas entrelinhas e também no campo das representações. Logo, eventos comunicam e educam mais que os veículos de comunicação conseguem informar.

Com relação ao dito e ao não-dito pela cobertura jornalística realizada por jornais locais desde a primeira edição do evento (com destaque para a cobertura do jornal Tribuna de Minas), a hipótese sobre a representação estereotipada da homossexualidade pela imprensa de massa se confirmou. As características de invisibilidade, exotismo, consumidor e cidadão estiveram presentes nas edições analisadas. A homossexualidade que, via de regra, é vista pela sociedade brasileira geralmente dentro das características elencadas acima, se repete nas edições analisadas. Importante ressaltar que as características não se apresentam estanques, havendo sobreposição entre elas, em alguns momentos específicos. São os pontos de interseção que acenam com a possibilidade de mudanças tanto na cobertura jornalística, quanto na percepção da sociedade sobre as questões que envolvem orientação sexual e gênero.

Os processos de comunicação também perpassam o campo das identidades e as transformações pelas quais essas vêm passando no decorrer da história. Se por um longo tempo a identidade esteve ligada às questões de nação e pertencimento ao um grupo étnico-geográfico, desde o fim do século XX as identidades ganham contornos culturais, plurais, tornando-se fluidas e em constante mutação, sendo delineadas a partir de fatores não mais somente ligados a questões geográficas. Identidades, na atualidade, são definidas por hábitos, costumes, interesses, gostos e aspirações... que lhes imprimem um caráter mais mutante, tendo a possibilidade de mudança como uma das suas principais características. Logo, estudar o evento Miss Brasil Gay só foi possível através da análise da cobertura jornalística do evento, mas também é campo de estudo para os contornos que as identidades homossexuais vêm adquirindo nos últimos 32 anos – tempo de existência do concurso.

No dia 16 de agosto de 2008, a cidade de Juiz de Fora assistiu à 32ª edição do concurso Miss Brasil Gay, que pela primeira vez aconteceu no **CINE THEATRO CENTRAL** – um dos teatros mais importantes do Brasil. Um espetáculo mais ágil e com mais refinamento. As dimensões que o evento alcançou passaram a exigir uma profissionalização constante da produção, mantendo a tradição, mas com os olhos voltados para o futuro. Pesquisas apontam o evento como o mais importante da cidade, um dos mais representativos do gênero em todo o mundo e um dos mais importantes instrumentos da luta homossexual no Brasil, além de situar Juiz de Fora como a cidade que promove a inclusão social através de importantes eventos *gays*.

O reconhecimento do valor histórico do Miss Brasil Gay comprova-se pelo fato de ter sido incluído entre os quatro Registros Imateriais da cidade, reforçando assim a vocação de Juiz de Fora para o “turismo de eventos”, bem como destino *gayfriendly*. Outro dado importante é que o Miss Brasil Gay está incluído oficialmente no calendário de eventos em nível estadual (SETUR – Secretaria de Turismo de Minas Gerais) e nacional (Ministério

do Turismo), tendo recebido em 2008 recursos financeiros de ambas as instituições. Entretanto, a inclusão do evento no calendário oficial municipal, solicitada pelo projeto de lei 177/2007, foi arquivada pela Câmara dos vereadores de Juiz de Fora.

Realizar o concurso no Cine Teatro Central é passo decisivo na história do evento, verdadeiro “divisor de águas”. A proposta foi ocupar os 1851 lugares com um evento de qualidade, para um público heterogêneo (nas suas orientações sexuais), mas que aprecia um bom espetáculo e respeita as diferenças.

O que se pode auferir dessa discussão é que os eventos comunicam e são uma forma de comunicação alternativa. A comunicação nem sempre se utiliza dos meios de comunicação de massa. Os eventos têm poder de comunicação que inclusive extrapola o que é publicado pelos meios de comunicação.

O intenso processo de estudo, revisão bibliográfica e discussões com a comunidade pesquisada, além da observação participante permitiram contrapor a cobertura jornalística do Miss Brasil Gay com ações/mudanças que efetivamente estavam acontecendo. A pesquisa participante foi pressuposto metodológico fundamental para a conclusão dessa dissertação. Dentre os resultados que sua aplicação proporcionou está o fato de poder vislumbrar melhores condições para a realização do evento e melhor qualidade de vida aos homossexuais. Além de descobrir novas angulações através das quais os estudos sobre cidadania, identidades e homossexualidade podem ser elaborados.

A esses objetivos também se aliou a possibilidade de discutir os papéis desenvolvidos pela comunicação de massa na contemporaneidade, numa tentativa de modificar sua posição atual de estar sempre a reboque dos acontecimentos sociais, para estar à frente deles.

Ao analisarmos os eventos como instrumento de comunicação alternativa, podemos perceber diferentes processos alternativos de comunicação, pelos quais a comunicação de massa ainda tateia: entre eles seu poder de “transformação social”.

8 REFERÊNCIAS:

- BAJER, Paula. **Processo penal e cidadania**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt; **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. – 2005.
- BOFF, Leonardo. **Depois de 500 anos que Brasil queremos?** Petrópolis (RJ), Vozes, 2000.
- BORDENAVE, J.E.D. **0 que é participação**. 7º ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 1982.
- _____. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1997.
- _____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999
- CANTON, Marisa. **Eventos - Ferramenta de Sustentação para as Organizações do 3º Setor**. São Paulo: Editora Roca, 2002.
- CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo: Aleph, 2001.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Suzana. **Turismo na pós-modernidade (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo, Moderna, 2002.
- DIAS, Maria Berenice. **Conversando sobre homoafetividade**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2004.
- ELHAJJI, Mohammed. Comunicação, cultura e conflitos: uma abordagem conceitual. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19778.
- FISCHER, André. **Como o mundo virou gay?** São Paulo: Ediouro, 2008.
- GASTAL, S. A. (org.). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____ ; GOMES, M.S. **O Jornal da Globo e as representações sociais do Turismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: cidadania e informação**. Dissertação de mestrado: USP, Dep. Jor. e editoração. 1995.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Minorias, identidade e virtualidade**. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HORA, Antonio Carlos da. **Cor de rosa e Carvão: O discurso Alternativo da Diferença**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. 112 P. Dissertação – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO.

IDENTIDADES COLETIVAS E MOBILIZAÇÃO DE IDENTIDADES - Klaus Eder - REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 18 Nº. 53 - RBCS Vol. 18 nº. 53 outubro/200.

JUNIOR, Almerindo Cardoso Simões. **MEMÓRIA E DISCURSO - “O LAMPIÃO DA ESQUINA” E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL**. RIO DE JANEIRO, UNIRIO.

KRIPPENDORF, Jost . **Sociologia do turismo – para uma compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica – ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina. **Possibilidades de cidadania associadas à rádio comunitária juizforana Mega FM**. São Paulo, USP, Escola de Comunicações e Artes, 2005, 293 p, mimeo. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação.

LEÓN, Osvaldo. **Democratização das comunicações**. Disponível em: www.movimientos.org/foro_comunicacion (documentos). 20 jan 2002. Acesso em: 20 de junho de 2008.

MEKSENAS, Paulo. **Cidadania, poder e comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MELLO, José Marque de (org.) **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Paulo: Editora Metodista, 2005.

MELLO, Marco Antônio de. **A igualdade é colorida**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 19 de agosto de 2007. Opinião, pág. 3.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

NIELSEN, Christian. **Turismo e Mídia: o papel da comunicação na atividade turística**. São Paulo: Contexto, 2002.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e cultura de minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos**. In Marque de Melo, José e GOBBI, Maria Cristina (orgs.). **Pensamento comunicacional latino-americano: Da pesquisa-denúncia ao pragmatismo utópico**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

_____. **Vozes Cidadãs: aspectos teóricos e análise de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara, 2004.

_____. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Artigo publicado na Revista LUMINA, do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF, Vol.1, nº1. Juiz de Fora, junho de 2007.

RAMOS, Murilo. **Por Políticas Democráticas de Comunicação**.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo no Brasil: Análises e Tendências**. Barueri, São Paulo: Manole, 2002.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Maria Ozanira Silva e. **Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: UNB, 2004.

_____. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

7 ANEXOS

7.1 QUESTIONÁRIO REpondido POR STELLA CALDAS:

Questionário

De: **Stella Caldas** (stellacaldas@yahoo.com.br)

Enviada: sexta-feira, 7 de novembro de 2008 16:14:56

Para: marcelo carmo (marcelo_carmo@hotmail.com)

 2 anexo(s)



[Imagem 02...jpg](#) (132,2 KB), [Imagem 02...jpg](#) (488,1 KB)

Oi Marcelo me desculpa, fiquei de mandar na parte da manhã, mais só acordei agora às 16:00 h..
Espero que te ajude de alguma forma, me desculpa pelos contratempos. Beijão

Novos endereços, o Yahoo! que você conhece. [Crie um email novo](#) com a sua cara @ymail.com ou @rocketmail.com.

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE MESTRADO

Aluno: Marcelo Carmo Rodrigues
Professor-orientador: Prof^o. Dr^a. Cláudia Regina Lahni
Faculdade de Comunicação – UFJF

Entrevistado:

1. Qual foi sua primeira vez no Miss Brasil Gay? Em qual ano?
2. De onde veio a idéia do concurso?
3. Em sua primeira participação você foi de vestido de mulher? Qual era (ou é) seu nome feminino?
4. Você já concorreu ao Miss Brasil Gay? Em qual ano? Por qual estado? Qual foi sua premiação?
5. Cite algumas personagens importantes da história do evento:
6. O que representa o Miss Brasil Gay para você?
7. Você poderia contar algum caso engraçado, pitoresco, inédito? Ou algum caso polêmico, brigas ou desentendimentos...
8. O Miss Brasil Gay auxilia na luta pelos direitos dos homossexuais?
9. O evento é uma ferramenta de “comunicação alternativa” dos direitos dos homossexuais?
10. Quais as mensagens que o evento passa para a população – comunidade gay e comunidade em geral?
11. Você já prestou atenção na cobertura jornalística que o jornal Tribuna de Minas fez ao longo desses 32 anos? Percebe alguma mudança?

[Imagem 027.jpg](#)

- 1 – Acompanho o Miss Brasil Gay desde o primeiro ano. 76? 77? nem me lembro mais.
- 2 – A idéia do Concurso partiu da cabeça do maravilhoso Francisco Motta, que participava dos concursos de Miss Brasil Mulher no Maracanã zinho (Rio). Então com apoio da Escola de Samba Juventude Imperial o chiquinho resolveu realizar o concurso com gays no Ginásio do Sport.
- 3 – No primeiro ano tínhamos medo da repercursão do concurso, não sabíamos como a sociedade da época iria reagir. Não fui de vestido de mulher, usei uma roupa meio androgina feita para noite em tecido jeans, me lembro que usava uma bota preta até a altura do joelho e uma carteira enorme feita com pele de coelho e também vendia ingressos e ajudava as estrelas Chiquinho, Mallu, Samantha entre outras amigas a se vestirem .O nome só apareceu mais tarde: STELLA MARIS CALDAS
- 4 – Sim. Nos anos de 82 e 89. Todos os dois anos fui Miss Minas Gerais. Fiquei em 3 (terceiro) lugar os dois anos..
- 5 – Tânia Star (a única e melhor apresentadora que o Miss já teve) Mallú Kelmer, Tiuska Sachetto (que vinha todos os anos da Itália para o concurso) A Drag Mulher Maravilha (Rio), Lola Batalhão (Rio), Nana Voguel (SP)Samantha Fox (JF), Silvana Kátia(JF), Michelle Bordon (JF), Sara (mais conhecida como Brasília- JF) Sabrina Sampaio (JF) . Bom se fosse enumerar daria um livro.
- 6 – Adoro a festa. Tinha empolgação de me montar para fazer parte dela, hoje já não representa mais como antes, o tempo passa a vida muda e com ela mudam -se os valores também.
- 7 – Ou tro assunto que daria um livro. Bom nestes anos já vi de tudo: Miss revoltada de ter perdido e aí quebrando troféus, jogando ferro elétrico(brindes que eram dados na época) para o alto entre outras briguinhas. Teve um vez no Sport que uma amiga minha Silvana dormiu assentada no vaso do banheiro, quando no domingo depois da festa a faxineira foi limpar os banheiros lá estava a bela Silvana assentada no vaso dormindo. Teve um ano que a representante do Estado da Paraíba trouxe sua esposa e filho(um bebe que ainda estava amamentando) que ficaram no camarim enquanto ela realizava sua performace no palco. Teve também o caso da Miss Minas Gerais de 82 que o Pai entrou no clube para matar o filho que se vestia de mulher. Especulações e fofocas à parte, posso dizer de cadeira que o Pai da Miss não foi lá para matá-la mais sim para ver a coragem que o filho tinha de se vestir de mulher e participar de um concurso, lógico que não gostando do que estava acontecendo. Posso dizer de cadeira porque a Miss era eu portanto, o Pai era o meu, tudo aconteceu por causa de uma ligação anonima para minha casa (lógico que alguma despeitada) dizendo que eu estaria lá no concurso, meu Pai não acreditou e foi conferir mais nunca para matar o filho e sim tentar tirá - lo deste caminho que para ele uma pessoa muito conhecida na cidade era uma vergonha.
- 8 – Acho que de alguma forma sim. Pois lá mostramos a arte do transformismo.
- 9 – Acho que o Miss Gay foi a peça chave que deu abertura para hoje termos o MGM e a RAIMBOW (que tratam principalmente deste assunto)
- 10 – Bem o evento é um espetáculo a parte então acho que ele transmite : Beleza, Glamour, Shows maravilhosos, muitas vezes nos shows e nos trajes típicos mensagens de paz, alegria, religiosidade, preconceitos entre outrasConheço várias senhoras que adoram assistir a festa e dizem que vão assistir por causa do luxo da roupas e dos shows, então acho que transmite coisas boas.
- 11 – Sim. Não só no Tribuna de Minas mais em toda mídia local. Hoje em dia a coisa é tratada com mais respeito e menos preconceito.

7.2 TERÇA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 2007

Lista dos direitos aos quais os casais gays não têm acesso:

- 1- Não podem casar;
- 2- Não têm reconhecido a união estável;
- 3- Não adotam sobrenome do parceiro;
- 4- Não podem somar renda para aprovar financiamentos;
- 5- Não somam renda para alugar imóvel;
- 6- Não inscrevem parceiros como dependentes de servidor público;
- 7- Não podem incluir parceiros como dependentes no plano de saúde;
- 8- Não participam de programas do Estado vinculado à família;
- 9- Não inscrevem parceiros como dependentes da previdência;
- 10- Não podem acompanhar o parceiro servidor público transferido;
- 11- Não têm a impenhorabilidade do imóvel em que o casal reside;
- 12- Não têm garantia de pensão alimentícia em caso de separação;
- 13- Não têm garantia à metade dos bens em caso de separação;
- 14- Não podem assumir a guarda do filho do cônjuge;
- 15- Não adotam filhos em conjunto;
- 16- Não podem adotar o filho do parceiro;
- 17- Não têm licença-maternidade para nascimento do filho da parceira;
- 18- Não têm licença maternidade/ paternidade se o parceiro adota filho;
- 19- Não recebem abono-família;
- 20- Não têm licença-luto, para faltar ao trabalho na morte do parceiro;
- 21- Não recebem auxílio-funeral;
- 22- Não podem ser inventariantes do parceiro falecido;
- 23- Não têm direito à herança;
- 24- Não têm garantida a permanência no lar quando o parceiro morre;
- 25- Não têm usufruto dos bens do parceiro;
- 26- Não podem alegar dano moral se o parceiro for vítima de um crime;
- 27- Não têm direito à visita íntima na prisão;
- 28- Não acompanham a parceira no parto;
- 29- Não podem autorizar cirurgia de risco;
- 30- Não podem ser curadores do parceiro declarado judicialmente incapaz;
- 31- Não podem declarar parceiro como dependente do Imposto de Renda (IR);
- 32- Não fazem declaração conjunta do IR;
- 33- Não abatem do IR gastos médicos e educacionais do parceiro;
- 34- Não podem deduzir no IR o imposto pago em nome do parceiro;
- 35- Não dividem no IR os rendimentos recebidos em comum pelos parceiros;
- 36- Não são reconhecidos como entidade familiar, mas sim como sócios;
- 37- Não têm suas ações legais julgadas pelas varas de família;

Fonte: Endereço eletrônico <http://naoaassimilacaogay.blogspot.com/2007/05/lista-dos-direitos-aos-quais-os-casais.html>. Acesso em 01 de julho de 2008.